Ao seu am.º F. de Souza Viterbo

offe.

O auctor

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

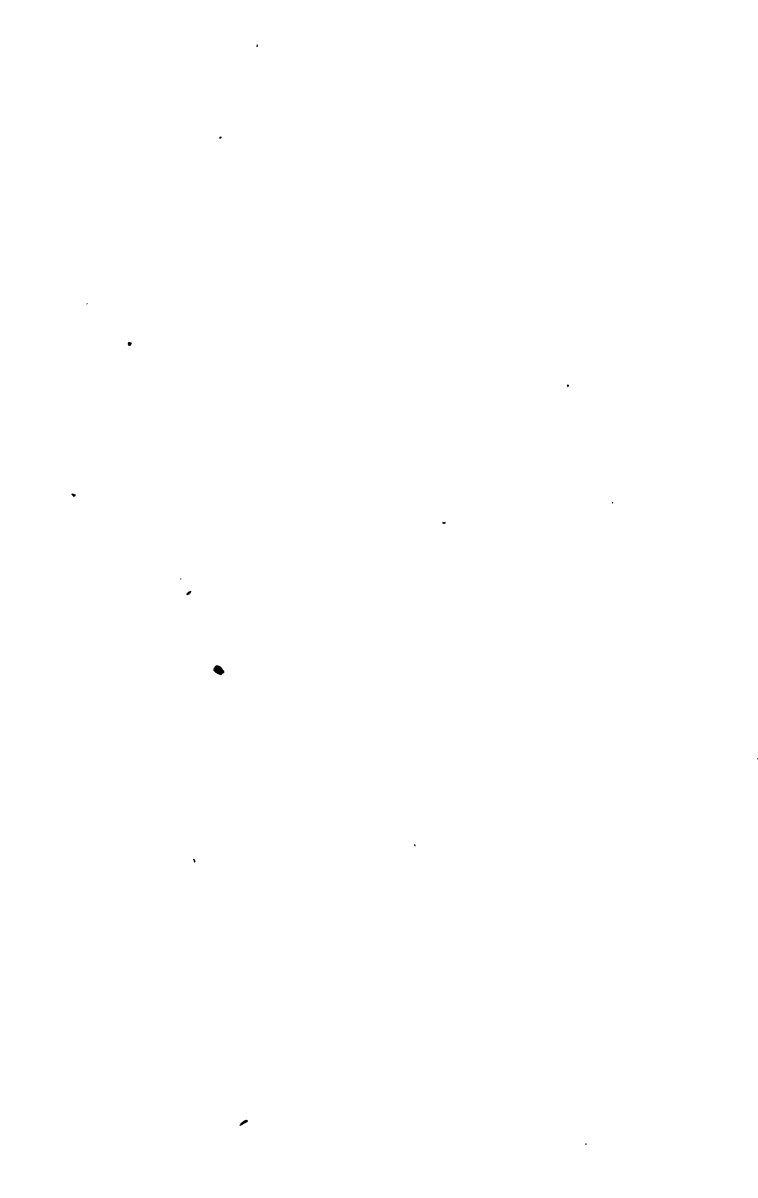
ALEIJÕES SOCIAES

O CASAMENTO E A MORTALHA NO CEO SE TALHA

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
110, Rua dos Calafates, 110

1870

ALEIJÕES SOCIAES

A

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

Inscrevendo n'esta folha o nome de um cidadão illustre, não pertendo alumiar a minha obscuridade com o reflexo da gloria alheia; aspiro sómente a dar um humilde testemunho de affectuosa admiração ao estadista eminente, que me honra com a sua amizade e ao qual será sempre reconhecido o

Seu fiel amigo,

F. Gomes de Amorim.

INTRODUCÇÃO

Ha dez ou doze annos entrou n'um dos portos do Brazil um navio portuguez, cuja tonelagem comportaria de cem a duzentos passageiros, levando a seu bordo perto de quatrocentos. Apenas a visita de saude entrou o portaló, os emigrados precipitaram-se de joelhos aos pés dos empregados brazileiros, pedindo protecção e justiça contra o capitão que os conduzia, e declarando, que durante a viagem haviam morrido *quarenta e tantos dos seus companheiros,* victimas da fome, da sede, e dos maus tratos do seu brutal commandante! Os officiaes de saude receberam horrorisados o depoimento d'aquelles infelizes e foram depôl-o nas mãos da auctoridade superior da provincia. A noticia espalhou-se na cidade e a colonia portugueza, profundamente commovida, reque-

reu um inquerito, para que fosse apurada a verdade. Os colonos, que se destinavam para o interior, desembarcaram e iam partir para o seu destino, sem que o respectivo consul tomasse providencia alguma. Então, alguns portuguezes mais insoffridos, vendo que se deixavam ausentar as testemunhas do crime, sem que se instaurasse processo ao indicado criminoso, invadiram o consulado e exigiram que o funccionario omisso cumprisse os seus deveres. O consul requisitou força das auctoridades brazileiras, para expulsar os seus compatriotas da casa do consulado, dizendo, que estes eram dyscolos e fautores de desordens. Depois de um conflicto, que podia ter tido mais graves consequencias, entre o agente consular e os seus patricios, aquelle teve de ceder, mandando prender o capitão accusado e remettendo-o para Portugal. Um tribunal portuguez, attribuindo a doenças as quarenta e tantas mortes, absolveu o individuo, que mais de trezentas pessoas accusavam de verdugo; e ao mesmo tempo o consul, que por coacção o tinha prendido, pedia ao nosso

representante no Rio de Janeiro, que solicitasse do governo do Brazil uma ordem para deportar do imperio os portuguezes que tinham coagido a auctoridade. A ordem concedeu-se e os que hâviam seguido mais o impulso do coração do que o do interesse, foram embarcados no primeiro navio que saía para Lisboa, deixando familias, casas e negocios, para entrarem no seu paiz como criminosos, e andarem aqui, durante annos, a subir em vão as escadas das secretarias para que lhes fosse dada uma reparação, embora tardia, revogando-se a ordem insolita que os deportára.

Tal é a historia simples, e ao mesmo tempo dolorosa, sob cuja impressão escrevi ha dez annos o presente drama. A emigração para o Brazil é uma torrente impetuosa, que nenhuma força póde impedir. Sem desejar que se coarcte a liberdade individual, penso, todavia, que é conveniente esclarecer a opinião dos emigrantes, fazendo-lhes saber, que nem sempre os espera a riqueza fóra do seu paiz e que são raros os que voltam a elle. Ha quem julgue que os

quatrocentos ou quinhentos portuguezes, que no fim de vinte ou trinta annos regressem á patria, ricos e sem saude, compensam a perda dos quarenta mil, que durante esse largo periodo expiram longe d'ella. Eu não penso assim; e estou certo, que se os que sustentam similhante opinião tivessem andado, como eu, pelos sertões do Amazonas, soffrendo os tormentos que soffri, reformariam esse juizo. Aos maos tratos e privações durante a viagem, succedem-se as doenças proprias do clima do Brazil, os rigores de amos ou feitores barbaros, os maus alimentos, os trabalhos asperos e rudes sob um sol ardentissimo, as palavras injuriosas com que nos acolhem muitos dos naturaes, a fome ás vezes, e não raro a morte mais miseravel. Isto acontece a milhares dos que vão ao Brazil procurar fortuna, ao passo que em Portugal desfallece a agricultura á mingua de braços e se deixam muitos kilometros de terra inculta!

Se as leis promulgadas, com o fim de regularisar a emigração, teem sido até hoje infructiferas, convem mudar de systema.

Não se cohiba que cada um possa entrar ou sair do paiz, como e quando lhe aprouver; mas instrua-se o povo, por todos os meios possiveis, ácerca da infeliz sorte que tem o maior numero dos que emigram. Os camponezes do Minho são faceis em se deixar seduzir pelos aliciadores; resolve-os a expatriar-se a presença de um seu compatriota, que volta rico; mas não reflectem, que muitos outros, que elles tambem conheceram, acabaram em triste e doloroso desterro, sós, miseros, longe da patria e da mãe carinhosa que os estremecia; e alguns nem mesmo acharam na hora extrema a cama de um hospital, onde mão compadecida lhes cerrasse os olhos! É preciso dizerem-se estas verdades bem alto na imprensa e na tribuna, para que cheguem ao conhecimento de todos, afim de que ellas suppram a difficiencia das leis. N'este drama, escripto sem a menor idéia de offender portuguezes ou brazileiros, não ha um unico facto, que não possa provar-se com documentos publicos. Abstive-me de o demonstrar, por meio de *notas*, no fim do volume,

por me parecer que a peça é já de si demasiado pungente e porque, além d'isso, o meu fim é corrigir e não diffamar.

Sem desconhecer quão util tem sido á mãe patria o dinheiro laboriosamente ganho no Brazil por alguns dos nossos patricios, julgo que é um verdadeiro serviço a vulgarisação de todos os successos odiosos, que digam respeito á emigração para aquelle imperio; embora affirme algum escriptor brazileiro, como fez o meu fallecido amigo João Francisco Lisboa, no seu *Jornal de Timon*, que os esforços feitos na imprensa e na tribuna portugueza, para remediar este mal, são declamações poeticas e canticos patrioticos, é dever de todos quantos amam a sua terra pugnar para que as forças vivas d'ella não se percam improficua e dolorosamente para nós, indo aproveitar aos que fingem desdenhal-as.

Eu fiz o que me permittiu a pouca saude; oxalá que os que podem mais e melhor quizessem entrar n'esta cruzada, animados pelo mesmo pensamento!

ALEIJÕES SOCIAES

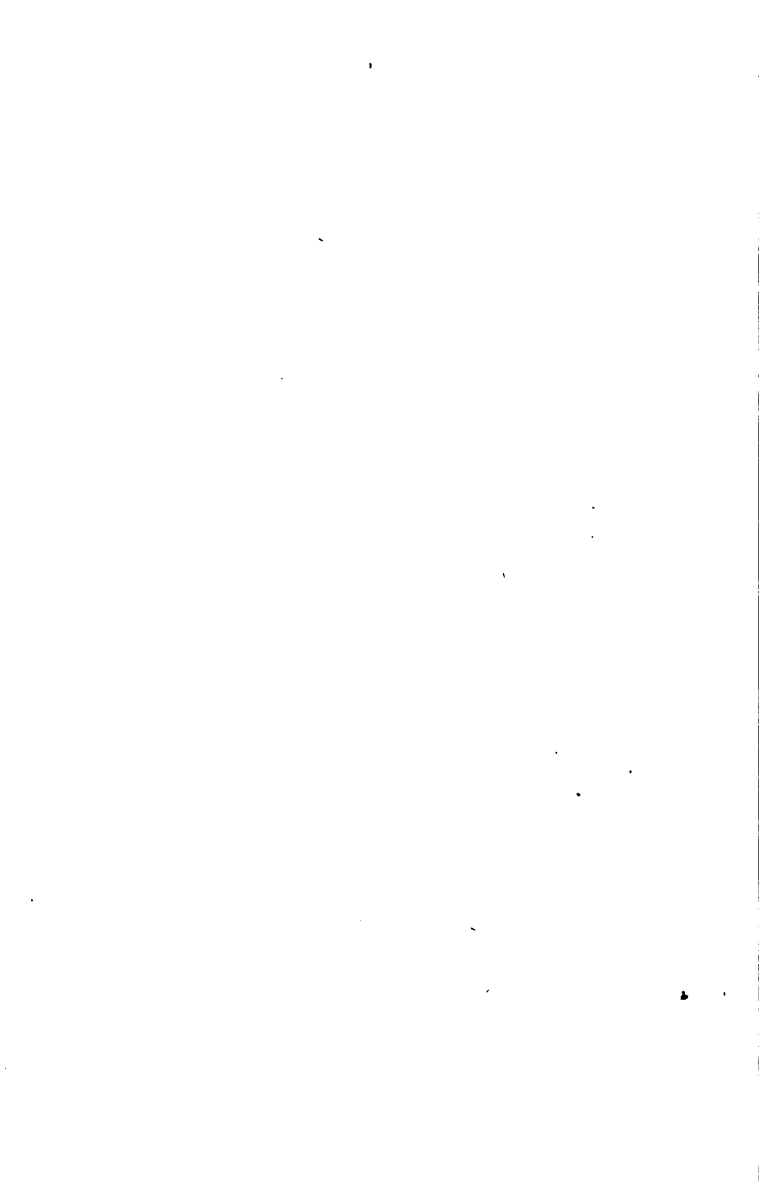
COMEDIA-DRAMA

PESSOAS

DIONISIO CENCADAS.
ANTONIO BARROSO.
MATHIAS DO OITEIRINHO.
PADRE MANUEL.
DOMINGOS PALMEIRO.
PEDRO FERNANDES.
DOUTOR PIMENTA.
VISCONDE DE JURUÁ.
CONTRAMESTRE.
HOMEM DO LEME.
COSINHEIRO.
MOÇO DA CAMARA.
GAGEIRO.
PRIMEIRO COLONO.
SEGUNDO COLONO.
TERCEIRO COLONO.
QUARTO COLONO.
PRIMEIRO CONVIDADO.
SEGUNDO CONVIDADO.
TERCEIRO CONVIDADO.
UM EMPREGADO DA POLICIA BRASILEIRA.
EUGENIA DE MENDONÇA.
THEREZA DA TORRE.
ANASTACIA — Escrava preta.

Passageiros, Marinheiros, Colonos portuguezes, Convidados, Pretos, Pretas, Mulatos, Mulatas, Compradores e Vendedores de todas as côres, de ambos os sexos e de todas as edades, Povo, etc.

Logar da scena: — O 1.º acto, n'uma aldeia do Minho; o 2.º, a bórdo d'um navio á vella; 3.º, 4.º, e 5.º, no Rio de Janeiro.

Epoca — 1852.

ACTO PRIMEIRO

Terreiro, em frente da egreja da aldeia. Á esquerda, venda de vinho, com seu ramo de loireiro secco á porta ; á direita, a casa do presbyterio ; ao fundo, a egreja, da qual se vê apenas a porta principal, através das ramas de dois grandes olmeiros plantados ao pé d'ella. No centro do terreiro, um cruzeiro de pedra ennegrecida pelo tempo. Entre a venda e a egreja, avista-se ao longe parte da aldeia.

SCENA I

Ao levantar do panno repicam os sinos alegremente

DIONISIO, **sae da egreja com o chapeo na mão, pára ao pé do cruzeiro, cobre-se, e tira o relogio para vêr as horas**

Que tal está a brincadeira ! É meio dia e os rapazes sem apparecerem ! Havemos de chegar ao Porto a boas horas ! O que me vale é ter o meu carregamento quasi prompto ; se o Barroso e o Mathias caçarem mais alguns, faremos bem bom negocio !

SCENA II

DIONISIO e BARROSO

BARROSO

Atravessa a gavia!

DIONISIO

Mette em cheio! Estou como uma bicha assanhada!

BARROSO

Pois aguenta-te; isto já não é como n'outro tempo. A coisa hoje fia mais fina! Os jornaes, a febre amarella, e as parvoices dos consules teem desacreditado o nosso commercio; arruina-se a gente com este modo de vida! Os rapazes fazem perguntas a proposito de tudo e custam a pegar na isca como seiscentos diabos. E por aqui? que tal está o tempo?

DIONISIO

Introviscado. Um abade, que ahi estava dentro a cantar a missa, lobrigou-me, e, em vez de continuar a apoquentar a Deus com as suas rezas, botou-me uns olhos, accesos como tochas, que não promettem nada bom..

BARROSO

Má peste o amofine e um raio de marmellada lhe parta o céo da bocca! E labregos?

DIONISIO, assobiando como para indicar o superlativo

Fiu!... magnificos, para a estrada de Pedro segundo.

BARROSO

O abade cala-se com um barrilinho do maduro.

DIONISIO

Se elle fosse a bórdo, despedir-se de alguem, na hora da partida...

BARROSO

Que fazias?

DIONISIO

Uma brincadeira; pregava-lhe com os costados no Rio de Janeiro, quer elle quizesse, quer não.

BARROSO

Oh!... um padre?!...

DIONISIO

Importava-me bem isso! Já de outra vez levei uma familia inteira, dos Açores.

BARROSO

Ahi vem o Mathias.

SCENA III

Dionisio, Barroso, Mathias

MATHIAS

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! leva arriba, vossemecês do quarto!

DIONISIO

E então?

MATHIAS

Forrei as arvores d'esses caminhos com os annuncios da saída do navio; este terreno está todo minado e tenho esperanças de levar uma boa conta cá da aldeia.

Põe um annuncio, que traz preparado com obreias, em um dos olmeiros.

DIONISIO

A missa acabou e começa a sair a gente; trata de fallar aos que te prometteram, porque não ha tempo a perder; d'aqui a pouco marchamos para o Porto.

Principia a sair da egreja povo de ambos os sexos, e formam-se alguns grupos de homens pelo terreiro; varias pessoas cumprimentam Mathias.

SCENA IV

DIONISIO, BARROSO, MATHIAS, POVO

MATHIAS, acenando amigavelmente com a mão aos que o cumprimentam

Adeus, Manuel, passar bem. Adeus, ó Zé Vieira. Ora viva a bizarria, Fernandes; estás um homem, rapaz! Então não te resolves? Tu lhe acharás o erro! Aquillo é que são terras! Estes senhores que o digam; teem ganho rios de dinheiro!

BARROSO

Não ha nada como o Brazil; até a agua que por lá se bebe é doce! (Áparte.) Quando lhe deitam assucar.

DIONISIO, baixo a Mathias e Barroso

Agora é que vossês vão ver trabalhar o capitão Dionisio.

BARROSO, baixo a Mathias

Que vae elle fazer?

MATHIAS, idem

Alguma das suas partidas; este demonio tem mais graça do que um negro malabar!

SCENA V

DIONISIO, MATHIAS, BARROSO, DOMINGOS, PEDRO, POVO

DIONISIO, indo lêr o annuncio affixado no olmeiro

« Navio para o Brazil: a galera *Defensora* sairá do Porto para o Rio de Janeiro com toda a brevidade... » (Fallando para o povo.) É um bonito barco! leva-se como um peixe! Em pilhando ventinho fresco, nem o démo lhe põe mais ôlho em cima! (Lendo.) «Tem grandes e excellentes accommodações e recebe passageiros para pagarem as passagens no Brazil.» (Fallando.) Ah! tempos, tempos! Como tudo está mudado! Quando eu fui, paguei um dinheiro louco pela minha passagem; agora, levam a gente de graça!

MATHIAS

De graça?

Vão parando alguns homens do povo a ouvir a leitura.

DIONISIO

Para que havemos de pôr difficuldades a quem quer ir? Nós já temos bastante e por isso não devemos occultar a esta boa gente

o modo porque lá se arranja o dinheiro. Andamos aqui com uns mysterios, que parece que queremos o Brazil só para nós! Quando Deus dá é para todos!... (voltando-se para o povo) e eu não estou com arcas encouradas; todos sabem que é uma terra onde se paga bem o trabalho mais insignificante!... Tenho por lá andado desde que me entendo e quem quizer ir comigo, póde contar que o arranjo na *Defensora.*

BARROSO, áparte

Que bomba! O tratante vae logo ás do cabo!

DIONISIO

Eu sou commandante do navio; o dono é meu amigo e não ha de desfazer o que eu fizer. No Brazil ha logar para todos... Aquillo é que é paiz! Cada arvore cresce um palmo por dia!

DOMINGOS, rindo

Ih! com a bréca! Ó tio Mathias, vossemecê, que é cá da terra, dá licença que eu lhe faça uma pergunta?

DIONISIO, baixo a Mathias

Olha, que se apanhas algum d'estes é pelo effeito que produziu a minha arenga.

MATHIAS, a Domingos

Pergunta o que quizeres, homem.

DOMINGOS

O que ganham os senhores, levando a gente de graça?

MATHIAS

Eu já te tenho explicado, que nós estamos encarregados de arranjar gente, que queira enriquecer com pouco trabalho, porque ha lá muita falta de braços; o senhor capitão Dionisio, que é meu socio, quero dizer, muito meu amigo, leva todas as pessoas que eu abonar e ninguem paga passagem senão quando tiver dinheiro com abundancia.

DIONISIO

Eu tambem sou aqui vizinho, como sabem; e o meu amigo Barroso, que ainda é de mais perto, póde dizer-lhes como ajuntou o seu dinheiro.

BARROSO, atrapalhado

Ora... como ajuntei o meu dinheiro!... eu ajuntei-o... com as mãos. (Áparte.) Para que diabo me havia elle de entalar, sem eu estar preparado?!

DOMINGOS

Mas olhem, que ganhar muito dinheiro com pouco trabalho, parece-me historia!

O povo ri-se.

DIONISIO

Vossês riem-se! Mettam lá as mãos nos bolsos. (Todos mettem machinalmente as mãos nos bolsos.) Agora tirem d'isto. (Tira as mãos cheias de dinheiro em oiro.) Vejam como elle canta! e este mede-se aos alqueires. (Guarda-o novamente.) Vêem esta bengala? (Todos olham para ella.) É de marapinima: reparem, que até o pau do Brazil parece de tartaruga!

Todos fazem gestos de assentimento.

PEDRO

Então isso é das arvores que lá se usam?

DIONISIO

É sim; cortei-a n'um sitio onde nascem

diamantes muito grandes... (fallando como em segredo) que a gente compra aos pretos, por dez réis de mel coado. Mas não convém dizerem-se estas coisas muito alto, aliás acaba-se a pechincha dentro em pouco.

PEDRO

Então se eu quizer ir, vossemecê leva-me de graça? O tio Mathias não me fallou n'isso.

DIONISIO

Eu te digo: a coisa parece exquisita, á primeira vista; mas tudo se explica perfeitamente. Vossês não pagam nada pela passagem; quem paga são os negociantes ou o governo do Brazil...

DOMINGOS

E depois?

MATHIAS

Depois o quê, rapaz? Se queres ir, não te dê cuidado quem te ha de levar; não se te pede nada. Ha cinco domingos e quatro dias santos, que eu dou aqui explicações sobre o Brazil e ainda não comprehenderam! Irra!

DOMINGOS

É que não é facil de perceber!... Eu bem sei que se não come lá ninguem e que por ahi chega gente rica todos os dias; porém, que interesse teem os negociantes em pagar as nossas passagens?

DIONISIO

Eu digo a razão. Vossês vão para lá sem nada e precisam ter quem os ajude; um negociante, proprietario, ou qualquer outra pessoa abastada, empresta-lhes as suas terras, os seus escravos e as suas fazendas, para vossês se habilitarem a ganhar tambem...

BARROSO, áparte

Como diabo se sairá elle d'este exordio?

DIONISIO

Ora, estes protectores dão-lhes auxilio, com a condição de receberem parte dos lucros, porque fazem de conta que teem o seu dinheiro a render; e vossês recebem o quinhão que lhes toca, sem dispender coisa nenhuma.

BARROSO, áparte

Que habilidoso patife!

PEDRO

E qual é o trabalho a que nos obrigam?

DIONISIO

Alli, quasi que não se trabalha; negoceia-se. Vossês vão aprender a negociar, a girar, a combinar certos segredos para juntar capitaes. O mais que farão, ás vezes, é arranjar uns canteiritos de terra, que é molle como papas e que não precisa estrume para crear tudo quanto se lhe semeia. A maior parte dos portuguezes, que para lá vão, empregam-se no commercio, casam com as filhas dos patrões e herdam-lhes a riqueza. Assim Deus me ajude em como isto é verdade; se assim não fosse, tambem não seria o capitão Dionisio quem viria aqui aliciar gente.

DOMINGOS

Aliciar?!

MATHIAS, baixo, a Barroso

Lá se estendeu!

DIONISIO

Sim, senhor; venho aliciál-os para seu beneficio. Quando eu morrer, conto com as orações de todos os que eu tiver levado para o Brazil; não tenho outro interesse n'este negocio, nem ganho mais se não a minha soldada de capitão. Diz-se aliciar, porque todos os que vão teem de assignar um papel em que declaram, que ficam sugeitos por certo tempo a quem lhes paga as despezas da viagem; se não fosse esta cautela, muitos negociantes, que não querem ter o incommodo de cá os mandar buscar, haviam de tentar seduzil-os, quando lá os vissem, tirando proveito do trabalho alheio. Isto é que é fallar com franqueza e consciencia, porque eu sou assim em tudo!

MATHIAS, áparte

Vamos lá, que não foi mal!... Este está pilhado.

PEDRO, a Domingos

Com os dianhos! Ó moço, queres ir ou não? Nós ha muito que andamos com vontade e então é occasião.

DOMINGOS

Eu sei, homem? Brazil, Brazil... oiço fallar nas suas riquezas, mas os filhos da tia Anastacia, o Manuel de Paranho, o filho dos da Torre, e o José da Bessada, não tornaram cá mais!

PEDRO

É verdade; porém o Mathias de Travassos e o meu primo de Laundes vieram pôdres de ricos!

DOMINGOS

E quantos morreram dos que foram com elles! Vês dois, que voltaram... mas partiram dois centos e não tornaram senão esses! Olha, moço: eu cá não é por ir, nem por deixar de ir, porque o mundo fez-se para os homens; porém, acho que vale mais um rabo de sardinha em cima da broa, comida ao pé dos bois, do que botar-se a gente a correr á procura de dinheiro, que só Deus sabe se tem cruzes!

PEDRO, sorrindo

Tu dizes isso por causa da cachopa da Torre... Primeiro que eu chegue aqui a

juntar para um collete de bombazina ou uma véstia de saragôça, ganha-se lá um par de centos.

DIONISIO, a Pedro

Assim é que é fallar! Vossês vivem e morrem por cá a foçar terra, assados pelo sol, com os calcanhares e as mãos gretados pelo frio e pelos callos, e quando se lhes offerece occasião para se irem lavar em agua de rosas e trocar os tamancos por sapatos luzidios como vidro de espelho, torcem o nariz?! Que querem que se pense, nos outros paizes, dos rapazes d'esta provincia? (Chamando Pedro á parte.) Ouve cá, meu fragata: eu sympathiso comtigo e quero ajudar-te. Tu has de fazer carreira; leio-o na tua cara; vae para o Brazil; o trabalho, em Portugal, fez-se para o boi e não para o homem. Falta-te dinheiro? precisas duas ou tres moedas para os teus arranjos? pois empresto-as eu, dou-t'as; é um presente que te quero fazer; não recuzes, porque me escandalisas. Não tens outro incommodo, senão pôr a tua assignatura

n'um bocado de papel e mandar os teus sóccos de presente ao diabo!

PEDRO

Mas...

DIONISIO

Hesitas? Achas melhor andar por ahi bezuntado de lama como um porco, trazendo as mãos como os cavallos de aluguel trazem os joelhos?... Eu prometto casar-te com uma rapariga muito rica; depois, compras uma carruagem e voltas aqui, se quizeres, para metter todos estes pobretões n'um chinello! (Aparte.) O patife é duro de bocca, mas hei de leval-o! Agora é negocio de capricho!

PEDRO

E se os meus primos da Estella tambem quizerem ir, vossemecê leva-os?

DIONISIO

Quantos são elles?

PEDRO

São dois; e o João da Perlinha tinha-me dito aqui ha tempos, que, se eu me resolvesse, iria tambem comigo.

DIONISIO

Pois sim; por amor de ti levo-os todos. Tenho de ir ainda hoje ao Porto e podem vir comigo para assignarmos as obrigações, com que eu fico, para nossa mutua segurança.

PEDRO

Eu hoje não posso ir.

DIONISIO

Dormes a bórdo; não gastas dinheiro na estalagem, porque eu mando-te dar de comer e a todos os que forem comtigo. (Áparte.) Se lá te apanho, não tornas a pôr os pés em terra!

PEDRO, como consultando comsigo

Porque espero? pouco tenho que arranjar... (A Dionisio.) Logo responderei.

MATHIAS, a Domingos

Tu bem vês como por ahi apparecem todos os dias alguns, que sairam de cá com sapatos de vacca e véstias de saragôça!

DOMINGOS, recalcitrando

A maior parte ficam por lá.

DIONISIO, intervindo

Não, não hão de ficar! É porque se dão bem.

DOMINGOS

Ou porque morrem?

DIONISIO

E aqui, não se morre tambem? Com a differença, que lá ha dinheiro para pagar aos medicos e ser tratado como um principe; carruagem, para passear na convalescença; redes, onde se dorme embalado por mulatinhas bonitas, etc., etc.; e cá, morre-se como um javardo, a comer brôa bolorenta e a dormir n'um chiqueiro. Eu, que já juntei a minha conta, fiz lá uma casa, onde passo as horas de sésta deitado n'um baloiço de pennas, fumando n'um cachimbo, que tem duas braças de comprido, emquanto quatro pretos, vestidos de seda encarnada, me refrescam o ar com ventarolas douradas! Aquillo é um céo aberto!

DOMINGOS

Se nós formos todos por ahi fóra, quem ha de amanhar as nossas terras? Quem me lavrará os meus campos e me fará a tempo as minhas sementeiras?

DIONISIO

Que importam campos e sementeiras a quem vive no paraizo do Brazil?

DOMINGOS, depois de reflectir

Decididamente não vou! Se meu pae não estivesse tão velho!... mas elle não póde já trabalhar... nem ha de ir agora morrer longe da sua casa. As nossas terras, que foram lavradas por meu bisavô, por meu avô, e por meu pae, não podem passar sem ser lavradas por mim. Ellas conhecem-me e aos meus bois; quando lá vamos, com o vessadoiro e o arado, parece que folgam de nos ver! De que me serviria a riqueza, no caso de a ganhar lá por fóra, se quando eu voltasse aqui já o meu velho tivesse partido para a terra da verdade? Ninguem cá me conheceria... se alguem me conhecesse, seria para me

apontar com o dedo, por eu ter desamparado meu pae na velhice! Hoje, sou dos primeiros rapazes da minha aldeia e vivo feliz com o trabalho; se me fizer brazileiro, voltarei, talvez, rico, como os senhores dizem; ficarei sabendo mais, porém isso fará com que deixe de amar os costumes e a gente simples da minha terra. E se eu voltasse pobre, serviria de mofa aos outros, e até os meus campos, quando eu os procurasse para tornar a pedir-lhe os seus fructos, me poderiam dizer: —Não te conhecemos, porque nos deixaste sem amanho e sem vida; nós davamos-te a verdadeira riqueza, e tu preferiste ser mendigo em terra estranha a ser honrado lavrador na tua; os nossos seios, outr'ora fecundados pelo suor de teus avós, não querem alimentar o filho ingrato, em quem póde mais o amor da preguiça do que o amor da patria; todos os annos te davamos espigas de oiro, palha para os teus gados, pão para os teus celeiros, herva, flôres, a abundancia e a alegria, e tu converteste-nos em charneca esteril. A terra é a primeira mãe do homem; aquelle que se

esquece de sua mãe, deixando-a entregue á miseria, podendo-a tornar prospera e florescente, que se envergonha de a sustentar, e de sustentar-se com os fructos que ella póde dar-lhe, é um filho desnaturado, um homem sem affecto e sem coração: és tu! —

SCENA VI

DIONISIO, MATHIAS, BARROSO, DOMINGOS, PEDRO, MANUEL, POVO

MANUEL, que saíra da egreja e estivera ouvindo as ultimas palavras de Domingos sem ninguem dar por elle

Bravo, Domingos! bravo, meu rapaz! (**Todos se descobrem e fazem gestos de approvação, tanto ao que disse Domingos, como ao applauso do padre, que lhe aperta a mão.**) Ha bocado que te estava ouvindo sem perder palavra, e sinto-me regalado e ufano por ter sido teu mestre. Muito bem, com a fortuna! (**Voltando-se para Dionisio e Barroso.**) É uma triste occupação a sua, meus senhores! Seduzir gente para ir vendêl-a! (**Movimento de Dionisio.**) Queira perdoar; eu não sei tratar as coisas senão pelos seus nomes. Os senhores fazem commercio de escravatura

branca; é mais commodo e menos perigoso desde que o negocio dos pretos se tornou tão difficil!

DIONISIO

Ora vejam como o diabo as arma! Ó padre, não se faça grave; olhe que nós conhecemos alguns collegas seus, que tambem comem.

MANUEL

Deploro-o, se é verdade.

DIONISIO, approximando-se-lhe, em voz baixa

Cale-se, que apanha alguma coisa. Eu entendo a léria... accomode-se e faça-nos serviço, que lhe dou um pipo do maduro.

MANUEL, com dignidade

Engana-se comigo; eu não negoceio em carne humana.

DIONISIO

Negoceia em almas, bem sei; mas não me insulte, por favor.

MANUEL

Não desço a isso; é mais grave o meu

ministerio. O que lhe peço é que não tente illudir esses pobres rapazes.

MATHIAS, baixo a Dionisio

Com elle aqui não fazemos nada. (Alto.) Deixa lá o santo homem, que está de mau humor porque talvez se lhe azedasse o vinho nas galhetas. Vamos dar duas palavras ás fanécas, que mandei fritar alli na venda, e que cheiram e cantam na frigideira como quem pede uma canada.

DIONISIO

Vamos lá. Ó padre, não vale zangar. Venha beber uma caneca do maduro e não fique mal com a gente.

MANUEL

Para estar bem com Deus, convém não andar mal com as suas creaturas. Não acceito vinho; se ha padres que vão beber ás tabernas, não sou d'esses.

BARROSO

Elle só bebe do fino; ha de tel-o melhor em casa e não acceita o copo senão das mãos da ama.

DOMINGOS, a Barroso

Aconselho-o a que respeite o senhor padre.

MANUEL

Deus lhe perdoe, como eu lhe perdôo. (Ao povo.) Meus filhos, o verdadeiro Brazil é o trabalho honesto, que alegra o espirito e robustece o corpo. Em parte alguma o achareis mais leve do que na terra em que nascestes, entre amigos e parentes, que vos amam e vos auxiliarão sempre em todas as circumstancias da vida; fiae-vos em mim, que nunca vos menti.

PEDRO

É verdade; mas... lá por fóra junta-se dinheiro e aqui não. A lavoira é muito pesada!... minha mãe tem só uma junta de bois, e assim mesmo custa-nos a sustental-os! todos os dias de feira os vou trocar, para que me não morram de magreza!... As razas de milho desapparecem nos dizimos e tributos; trabalho todo o anno como um moiro, comendo pão bolorento, e é louvar a Deus quando o ha!

DIONISIO

Canta-lhe assim, que essas verdades não se inventam.

MANUEL, a Pedro, severamente

Mas estás na tua terra e no meio dos teus; saindo d'aqui, acabou-se tudo: patria, parentes, affectos... O pão do exilio amarga mais que fel!... Tua velha mãe morrerá de fome e de saudades, e só Deus sabe do que tu morrerás na terra estranha! Eu tambem tinha dois sobrinhos, que estes homens ou outros como elles, alliciaram e me levaram ha dez annos; nem ricos nem pobres os tornei a ver!...

PEDRO

Estar aqui ou estar n'outra parte, vem a ser o mesmo. Assim que minha mãe faltar, tambem não tenho cá mais ninguem.

DIONISIO

Fallas como um livro, rapaz.

MANUEL

Não te ficamos nós todos? Não somos todos teus irmãos? Já te faltou gente para te

ajudar na sacha ou na desfolha? Ahi estão esses rapazes, que te podem chamar ingrato, porque nunca se recusaram a auxiliar-te na lavoira dos teus campos!

PEDRO, *coçando na cabeça*

É assim... mas...

DIONISIO

No Brazil não ha lavras nem sachas; e faz-se fortuna depressa.

MANUEL

Roubando?

DIONISIO

Ó abbade, isso parece-me um pouco forte! Que lhe importa que os rapazes vão procurar a sua vida? Metta-se com os seus negocios e deixe cada um fazer o que quizer. Governe-se a si e não governe os outros.

MANUEL

Se eu os governasse ou se este desgraçado paiz tivesse tido sempre governos patrioticos e generosos, nenhum portuguez seria vendido como animal de carga. (*Ao povo.*) Eu não tenho medo de vos dizer a verdade;

estes homens são alliciadores; e o seu cynismo é tanto, que nem sequer tratam de o encobrir; as riquezas de que vos fallam, são falso engodo para vos attrair á rede, que vos armam; por cada um de vós, que elles alliciarem, receberão uma quantia, que outros lhes darão. Se vos fiaes n'elles, sereis vendidos como escravos para onde cuidaes ir buscar fortuna; morrereis em misero desterro, victimas de trabalhos brutaes e de doenças incuraveis; a maior parte de entre vós não tornará a ver o tecto amigo da vossa infancia! De cada cem, voltará um, quando muito; os outros noventa e nove chorarão muitas vezes, antes do seu fim miserando, pela fatia de pão de milho e a tigella de caldo, que comiam alegremente no lar paterno. Quererão voltar... mas para cá ninguem paga passagens como para lá, e expirarão, com os olhos tristemente pregados nas ondas, que os separam do seu ninho. Esta é que é a verdade. Digo-a em nome de Deus; mas, os que acreditam mais n'esses senhores, vão com elles para o Brazil.

Vae-se.

DOMINGOS

A mim não me apanham.

Segue o padre.

PEDRO

Se a coisa é assim, tambem eu não vou.

Vae-se.

VOZES

Nem eu! Nem eu! Nem eu!

Vão-se, cada um para seu lado.

SCENA VII

DIONISIO, BARROSO, MATHIAS

MATHIAS, fazendo uma pirueta comica

Chuchem lá! Elle é que me tem atrapalhado sempre, apezar de eu ser cá da aldeia.

DIONISIO

Raios o partam! Mal que o lobriguei na egreja, não me cheirou o negocio.

BARROSO

O Mathias devia-nos ter isto mais bem trabalhado, se não fosse um asno!

MATHIAS, áparte

A seu tempo te mostrarei qual de nós é

mais tolo. (Alto.) Não se arreneguem, rapazes; os que prometteram ir comigo, estão certissimos. E tenho cá umas vistas... aquelle Domingos e aquelle Pedro, parece-me que não escapam...

DIONISIO

Ó Mathias, vê se os apanhas! Fiquei com vontade ao tratante, que me impingiu aquelle discurso em que fez fallar os campos, como nas comedias. Se o agarro a bórdo, ha de amargar o palavriado chocho com que me causticou!

BARROSO

Cautella! Olhem que o administrador do concelho não é conhecido.

DIONISIO

Conheço-o eu e até lhe levei já dois filhos. Além de que estamos n'um paiz livre, onde se não póde impedir que cada um faça o que lhe parecer. Os meus papeis acham-se claros; desprézo tudo quanto por ahi andam a assoalhar os jornaes. Se eu pilhasse a bórdo algum dos taes escrevinhadores, que dizem cobras e lagartos da emigração para

o Brazil, apalpava-lhe as costas com a ponta de um virador. Que lhes importa, a esses senhores da imprensa, que a gente leve os lapuzes d'aqui para fóra? Isto é um negocio como outro qualquer; se os jornalistas fossem pessoas de juizo, ainda nos deviam louvar, por que polimos e civilisamos a labregada das aldeias.

MATHIAS

Deixem fallar os invejosos e maldizentes; eu cá sou de voto, que vamos ás fanecas.

Entram na venda de vinho.

SCENA VIII

THEREZA, só

Que terá o senhor padre, que vae tão zangado? não olhou para mim!... porque seria? Eu confessei-me na semana d'alem, sei a doutrina toda, não falto ao terço, nem á missa, e fujo de fallar na fonte com os rapazes... Só se foi por eu conversar com o Pedro, na romaria de Santo André?!... O senhor padre queria, talvez, que eu casasse com o Domingos, que é lá o seu afilhado?...

Mas, entre gostos não ha disputas. Meu pae diz-me, que escolha quem eu quizer, e eu fallo a quem me falla. Peior será se os rapazes se metterem a brigar por minha causa, como já desconfio que póde acontecer!... Nada; não volto com os bois á bouça, quando para lá estiver o Domingos... Verdade seja, que não sei o que isso me parece! Eu não posso dizer ao moço, que não esteja ao pé de mim ou que não ande pelos caminhos por onde eu passo!...

SCENA IX

THEREZA e PEDRO

PEDRO, com um varapau na mão

Adeus, ó cachopa?!

THEREZA

Crédo!

PEDRO

Que foi? Achas que me pareço com o demo? Havia de jurar que te metti medo!

THEREZA

Nanja isso!... É que eu ia com muita pressa para levar os bois á agua.

PEDRO

Os bois ou o Domingos? Elle tomou agora para a banda da fonte...

THEREZA

Deixal-o! a rua é de todos.

PEDRO

Como me dizes isso, moça! Pois cá um homem tambem sabe amar, e se tu quizesses acabar com isto por uma vez?...

THEREZA

Essas coisas não se me dizem a mim; são com o senhor pae; bem sabes que eu não me governo.

PEDRO

Teu pae antes quer o Domingos Palmeiro, porque elle tem quatro juntas de bois e lavra mais razas de milho do que eu... Era preciso que tu quizesses escolher-me; eu ainda não peço esmola... e tendo uma mulher arranjada, não me ha de faltar nunca o porco para o sarrabulho no entrudo, as migas de vinho quente e as filhozes na noite de Na-

tal, nem a rosca e os ovos tingidos para dar pela Paschoa aos teus afilhados.

THEREZA

Vou-me á fonte com o gado, que estala de sede.

PEDRO

Qual sede, nem meia sede! O outro parece que te deu bruxedo!... Não negues, que andas namorada!... Elle não quer ir para o Brazil?... pois bem, irei eu!

SCENA X

PEDRO, THEREZA, MATHIAS

MATHIAS

Ora viva, linda flôr!

THEREZA

Viva, tio Mathias.

MATHIAS, mirando-a com ar de enlevado

Como tens crescido e como te fazes bonita, cachopa! Descobriste algum segredo para te pareceres cada vez mais com uma rosa?

THEREZA

Vossemecê está sempre a folgar!

MATHIAS

É isso; eu é que folgo... e cá o Pedro a conversar comtigo! Já não casas com o Domingos? Tinham-me dito...

THEREZA, precipitadamente

Nunca se fallou em tal! O casamento e a mortalha...

MATHIAS

No ceo se talha, bem sei. Fazes bem em não casar tão nova. Quem sabe? Póde vir por ahi qualquer dia um rapaz bonito, d'estes que deitaram os tamancos por cima da borda, e que te ha de convir mais... porque tu mereces tudo.

PEDRO

Lá isso é verdade.

MATHIAS

Este Pedro, se tivesse mais juizo, ia ao Brazil, voltava no fim de dois ou tres annos, já de cazaca azul com botões amarellos, e,

cazando comtigo, fazia estalar de inveja todas as cachopas d'estas dez leguas ao redor.

PEDRO

Eu cá, se ella me jura de esperar?...

MATHIAS, a Pedro

Tu nunca has de ser gente n'esta terra.

THEREZA

Ha por ahi brazileiros, que parecem uns fidalgos! E quem os visse partir d'aqui, ha dez annos, nunca tal havia de dizer!...

PEDRO

Pois espera-me, que eu prometto trazer-te um cordão de oiro da grossura dos teus dedos.

THEREZA

O que ha de vir, a Deus pertence!

PEDRO

Visto-te de seda, quando voltar.

MATHIAS

Espera, Thereza; olha que eu sou entendedor; este rapaz tem uma pinta de todos

os diabos! É capaz de voltar feito barão ou coisa ainda mais graúda.

SCENA XI

MATHIAS, PEDRO, THEREZA, DOMINGOS

DOMINGOS, de varapau na mão, áparte

Lá está o Pedro amarrado á moça!

PEDRO, áparte

O Domingos cançou-se de a esperar e vem aqui procural-a; cuida que me mette mêdo por ser mais rico?... Pois não a leva assim, com os dianhos!

THEREZA, vendo Domingos

Ai, meus peccados! são quasi horas de jantar e eu aqui posta de conversa!

DOMINGOS

Pódes conversar, Thereza; eu ajudei tua irmã a dar de beber ao gado.

PEDRO, a Thereza

Queres que eu te acompanhe a casa?

DOMINGOS, sorrindo

Ella terá mêdo? Precisas de quem te guarde, moça?

PEDRO a Domingos

A cachopa estava a fallar comigo; não tens cá que dizer chacotas, ouviste.

DOMINGOS, encostando-se ao pau

Apósto que me bates, se eu brincar com ella?

THEREZA

Jesus! não façam tolices; por amor d'isso, vou-me já embora.

Vae-se.

SCENA XII

PEDRO, DOMINGOS, MATHIAS

PEDRO, querendo acompanhal-a

Disse que ia comtigo, está dito! Tambem não tenho mêdo que me engulam.

DOMINGOS, atravessando-lhe o pau diante das pernas

Não falles assim, homem!

PEDRO, levantando o seu pau

Agora, pagas-m'o!

DOMINGOS, fazendo jogo

E tu a mim!

Fórma um sarilho, correndo sobre Pedro; este, recúa, defendendo-se, em toda a largura do terreiro, e quando chega á parede, attaca e obriga Domingos a recuar até ao lado opposto.

MATHIAS

Rapazes! rapazes!... accomodem-se, com a bréca! Vejam se se estragam, que não podem depois ir para o Brazil!

Os dois continuam jogando o pau, ora avançando um, ora outro

SCENA XIII

PEDRO, DOMINGOS, MATHIAS, DIONISIO

DIONISIO, correndo, com um varapau e fazendo jogo de longe

Funga-lhe a venta, com seis centos diabos! Jogam como duas fragatas! Mas se se matam ou quebram as cabeças, não os levarei d'esta viagem. Alto ahi! (Mettendo o seu pau de permeio) Alto ahi ou a coisa é comigo!

DOMINGOS, ensarilhando o pau para elle

E que duvida tem?!

Atira-lhe uma paulada, que Dionisio varre, correspondendo-lhe com outra que lhe parte o pau

DIONISIO, rindo

Eu sou mais duro de roer, meu filho! Aprendi com o Joaquim Cordoeiro, que era pimpão de feira e um mestre de se lhe tirar o chapéo! Mas dou-te a minha palavra de que tambem não trabalhas mal; (apontando para Pedro) e cá o rapazote não te fica atraz!

PEDRO, a Mathias

Conte comigo, tio Mathias.

DIONISIO

Resolveu-te alguma bordoada? se soubesse que a receita era boa, ia varrer tudo a pau por essas aldeias fóra.

DOMINGOS, a Pedro

Ó moço, isto acabou aqui. (Dando-lhe a mão.) Não te vás embora por minha causa; e casa com a Thereza, se queres, que eu não me atravésso diante de ti.

PEDRO, tomando-lhe a mão

Obrigado; estou resolvido a ir tentar fortuna.

DOMINGOS

Olha, que eu não quero casar, homem; foi tudo uma asneira. Pareceu-me que andavas a desafiar-me e por isso te fiz frente; mas sou teu amigo e cedo-te o campo como se fosses meu irmão.

PEDRO

Agradeço-te essas palavras, Domingos; depois de ouvil-as, com mais razão devo partir.

Domingos fica pensativo.

SCENA XIV

MATHIAS, DIONISIO, PEDRO, DOMINGOS, MANUEL

MANUEL, com uma carta na mão, distraidamente

Valha-me Deus!... Então vossês brigaram? Porquê? mas acabou-se tudo, não é assim? Ainda bem! Eu não quero desordens entre os meus rapazes... Depois ve-

remos como isso foi. (Caindo de tom.) Tive agora uma carta do Rio; meus sobrinhos ainda viviam, mas estavam ambos com a febre amarella! Se não fosse a minha edade... porém, os cincoenta pesam bastante!... É verdade que... se eu não fôr, quem ha de ir?...

SCENA XV

PEDRO, DOMINGOS, MATHIAS, DIONISIO, MANUEL, BARROSO

BARROSO

Ó Dionisio, ahi vem os nossos rapazes; verás como são galhardos! É uma colleçãosinha das mais bonitas que tem saido do Minho. Ponhamo-nos a caminho quanto antes. Ó Mathias, se tens por ahi alguem, manda reunir no largo ao pé do rio. Não ha tempo a perder.

Sae.

PEDRO, a Mathias

Eu já venho.

Sae.

DIONISIO, acompanhando Pedro, áparte

Este já eu não largo; é elle quem me

ha de arranjar os outros todos. A velha da venda tem alguns promettidos, que não convém deixar escapar.

Vae-se.

SCENA XVI

MATHIAS, MANUEL, DOMINGOS

DOMINGOS, a Mathias

Ó tio Mathias, quando sae o navio?

MANUEL

Quê? Pois tambem tu?! (A Mathias.) Quanto me levaria o senhor de passagem?

MATHIAS

Quer ir vêr os sobrinhos? (Áparte.) Que pechincha! (Alto.) Havemos de entender-nos; o capitão Dionisio tem parte na barca e não costuma abusar dos preços; vou já fallar-lhe.

DOMINGOS

Este anno vae-se a lavoira toda por agua abaixo... Nada! isto aqui não é vida. Teem ido quasi todos os da minha creação... que fico eu cá fazendo? estou á espera de comer os meus campos? Vou-me tambem.

MANUEL, estupefacto

Não me digas isso, Domingos! indoideceste? Não desampares teu pae; as tuas necessidades não são como as dos outros; tu podes-te considerar rico.

SCENA XVII

DOMINGOS, MANUEL, MATHIAS, DIONISIO, BARROSO, THEREZA, PEDRO, COLONOS de ambos os sexos, com trouxas, saccos e caixas ás costas, POVO do campo, seguindo-os tristemente ou chorando.

DIONISIO, cantando, em estylo popular do Minho

Adeus, cazaes de Laundes,
De Torroso, e de Beirís,
Que ainda sereis palacios
Com dinheiro dos Brazis.

Cantar, rapazes, cantar! Isto allivia as penas. E d'aqui a annos, quando vossês vierem ricos fazer palacios nas cabanas de seus paes, lembrem-se do capitão Dionisio, que era patusco, e que os encaminhou para serem felizes; eu já então terei dado á casca n'algum baixío.

THEREZA

Que tonteira, Pedro! Pois assim te vaes? Tam de repente, moço!

PEDRO

Que hei de fazer, cachopa? Teu pae não me quer para genro, por eu ser pobre!

THEREZA, chorando

Como sabes isso?

PEDRO

Disse-m'o elle ha pouco... e foi o que me resolveu de todo.

THEREZA, lacrimosa

Pois... com o Domingos, juro-te, que não casarei.

DOMINGOS

Obrigado, Thereza.

THEREZA, que não o tinha visto

Perdôa... digo o que sinto.

MATHIAS, áparte

E arranjas-me outro passageiro, sem te

sentires. (Alto, a Thereza.) Ó Theresinha, se tu fosses tambem?!...

THEREZA

Crédo!

MATHIAS

Levamos muitas cachopas, e algumas bem bonitas! Mas tu, tu! com essa cara? Casava-te com um fidalgo!

PEDRO

Dá-me cinco annos, Thereza: se eu não vier antes, é porque terei morrido.

THEREZA, solemne

Prometto; conta comigo.

PEDRO

Tio Mathias, depois de ámanhã estarei a bórdo.

DOMINGOS, dando a mão a Pedro

E eu comtigo.

DIONISIO

O navio sae no domingo; quem quizer ir, appareça a tempo.

MATHIAS

Como eu aqui volto antes d'isso, tudo se ha de combinar. Ó Thereza, casava-te com um duque!

DIONISIO

O quê?! Esta? (Pondo-lhe a mão na cara.) Dou-te um principe, queres?

BARROSO

A caminho! faz-se tarde e já não chegamos ao Porto antes da noite.

Começam os colonos a desfilar, levando Barroso na frente e Mathias atraz.

MATHIAS

Larga gavias! Adeus, até outro dia. (Para dentro da venda.) Adeus, ó tia Benta! não se esqueça do que eu lhe disse, e tenha-me cá boas fanécas depois de ámanhã á noite.

MANUEL

Meu Deus, tende dó d'estes infelizes! O que ahi vae! Que de crianças para o matadoiro! Clamei no deserto; ninguem quiz ouvir-me. Misero Portugal, até onde desceste!... fornecedor de escravos para os mer-

cados do Brazil! Onde está o teu progresso, pobre nação?! Assim privas de braços a tua agricultura, e queres que ella se desinvolva! Quando se dá a liberdade aos pretos, estabelece-se a escravidão para os brancos! Senhor!... (erguendo as mãos) Senhor de misericordia, que é feito da tua justiça? porque não acodes a tamanhas desgraças?

Varias mulheres ficam soluçando e limpando as lagrimas ao pé do padre, emquanto vão saindo os ultimos colonos; Pedro e Domingos afastam-se para o lado da aldeia, de olhos baixos; Thereza segue-os tristemente.

DIONISIO, a Thereza, afastando-se d'ella

Se te resolveres a ir, sou capaz de te casar com um rei... (áparte) preto.

A orchestra toca e ouve-se Dionisio, Mathias, Barroso, e Colonos, cantando em côro, ao longe, musica popular do Minho.

CORO

Adeus, cazaes de Laundes,
De Torroso, e de Beirís,
Que ainda sereis palacios
Com dinheiro dos Brazis.

O panno cae.

ACTO SEGUNDO

Convez de uma galera mercante á vella, vista de pôpa a prôa por baixo do tombadilho. Adiante da roda do leme e da bitácola, a entrada da camara; portas lateraes, que dão para os camarotes, etc.

SCENA I

HOMEM DO LEME, á roda do leme; DIONISIO, passeando, de cigarro na bocca, vae de vez em quando á bitácola olhar para a agulha; COLONOS, uns, deitados pelo convez, outros, desfiando estopa de cabos velhos; MARINHEIROS, occupados em varios trabalhos — taes como alcear cadernaes e moitões, fazer gaichete, costuras em cabos, cozer vellas, etc.; — GAGEIRO, na gavia, que se não vê.

DIONISIO, ao Homem do leme

Onde está a prôa?

HOMEM DO LEME

Sudoeste meio oeste.

DIONISIO, olhando para a agulha e depois para a prôa do navio

Aproveita para o ló tudo quanto podéres.

HOMEM DO LEME

Vejo além uns farrapos, da banda do sueste... aquillo é calma pôdre, ou agua que está pendurada.

DIONISIO

Póde ser a arrumação da terra. (Gritando para a gavia.) Ó da gavia grande?

GAGEIRO, na gavia

Senhor.

DIONISIO

Não vês nada lá pela prôa?

GAGEIRO

Vae-se forrando tudo.

DIONISIO

Não será a terra?

GAGEIRO

Não se vê senão o horisonte carregado de cerração.

DIONISIO

Vae para o diabo que te leve, pedaço d'asno! (Comsigo.) Nunca fiz uma viagem tão arrevezada como esta! Tem-me morrido gente a valer; apanhei tres temporaes a fio e quinze dias de calma; agora, acaba-se-me a derrota e não vejo a terra!

Passeia.

SCENA II

Os Mesmos e Contramestre

CONTRAMESTRE

Ó seu commandante, desconfio que vamos ter trevozaina. Não seria mau metter nos primeiros...

DIONISIO

Ora adeus! (Olha para a agulha e vae depois olhar para o apparelho e vellame.) Cada pau aguenta a sua vella!

SCENA III

Os Mesmos, Mathias, Barroso

MATHIAS, saindo de um camarote á esquerda e amparando Barroso

Dionisio? ajuda aqui... Deu agora uma

coisa no compadre Barroso, que o tem atrapalhado!

DIONISIO, a Barroso

Que é? que sentes? toma ar; bebe cachaça; queres cachaça?

MATHIAS

Já lhe dei vinho, mas fez-lhe peior; custa-lhe a fallar e parece que não vê nada!

BARROSO, sentando-se junto á amurada e assoprando, aflicto

Buffff!...

Approximam-se-lhe alguns marinheiros e colonos.

DIONISIO, áparte

Estoira com alguma apoplexia, como se fôsse um obuz carregado até á bocca!

MATHIAS

Dêmos-lhe um purgante, depressa. Rapaz? Dá cá a caixa da botica.

DIONISIO

Nada; é melhor sangral-o. Tu sabes sangrar?

MATHIAS

Não sei; purguêmol-o, que é mais seguro.

SCENA IV

Os Mesmos e Moço da camara,

MOÇO, saindo da camara com uma caixa

Aqui está a botica.

MATHIAS, abrindo a caixa e revolvendo os papeis e vidros de que ella está cheia — lendo

« Tartaro emético... » Será isto? (Lendo outro rotulo.) « Oleo de copahiba... » Nada! (Lendo outro.) « Salsa-parrilha... » (Lendo outro.) «Malvaisco... »

DIONISIO

Sangra-o, já te disse!

MATHIAS, zangado

Não quero; hei de purgal-o por força!

DIONISIO, irritando-se

E eu digo-te que o hei de sangrar!

MATHIAS, sempre mechendo em vidros e embrulhos

« Potassa caustica... » Isso veremos!

DIONISIO

Quem manda aqui sou eu, com todos os

diabos! Tu és apenas meu piloto, provisoriamente. O homem ha de ser sangrado!

MATHIAS

Se o queres matar, como tens feito aos passageiros?... (Lendo.) « Oleo de mamona. » Cá está; é isto mesmo! (Correndo com o frasco para Barroso.) Bebe por aqui mesmo, menino; isto vae a olho; eu direi quando basta, porque sei, pouco mais ou menos, a dóse que precisas para alijar...

DIONISIO, furioso

Ó Mathias, não me desattendas! Tu não percebes nada d'estas coisas; o Barroso precisa sangrado.

MATHIAS

Entendo mais que tu; bem sabes que fui aprendiz de boticario.

DIONISIO

E eu tenho um compadre medico!... (Para os marinheiros.) Algum de vossês sabe sangrar?

VOZES

Eu não... Neu eu... Eu tambem não... Sei cá d'isso!

MATHIAS

Valha-te o diabo, com a tua teima! O doente morre, emquanto nós disputamos!... cheguemos a um accordo, para o salvar. Sangra-o tu, que eu purgo-o. Bastava a purga, mas...

DIONISIO

Seja! Eu sou condescendente; ainda que não precisava senão a sangria, mas... O diabo é que ninguem sabe sangrar a bórdo!

MATHIAS, obrigando Barroso a beber

Victoria! elle bebe... está salvo!

BARROSO, muito enjoado e fazendo esforço para vomitar

Uah!... Uah!... Uah!...

DIONISIO

Vae vomitar?! Mataste-o!

MATHIAS, triumphantemente

Curei-o! repara, como já se meche!

DIONISIO, *tirando uma lanceta da botica*

Visto que ninguem sabe sangrar, sangro-o eu; tenho visto fazer esta operação muitas vezes. (*Arregaçando o braço de Barroso, que quer resistir.*) As veias devem andar por aqui algures?...

BARROSO, *resistindo, afflictissimo*

Uah! ah! ah! Uah!

MATHIAS

Olha que o aleijas!

DIONISIO

Qual historia! a questão é fazer-lhe sangue... Prompto... já cá está!... póde dizer-se regenerado por mim!

MATHIAS, *rindo*

Sim?! feriste-o no cotovello! não está má sangria!

DIONISIO, *com desvanecimento comico*

Deve-me a vida!

BARROSO, berrando

Corja de mariolas! assassinos! patifes! Assim se mata um homem, cachorros?!...

DIONISIO, esfregando as mãos com enthusiasmo

Ó gloria da medicina e da sangria! Vejam como eu o puz bom n'um instante! A minha vocação era para medico.

MATHIAS

Elle falla mas é por effeito do oleo de mamona! Está são como um pêro.

BARROSO, erguendo-se

Judeus do inferno! o que vossês precisavam, sei eu! Isto foi uma vertigem, que me costuma dar, e que passa sem remedios. (Olhando para o cotovello.) Aleijaste-me; fico com uma ferida para mais de um mez! E o bebado do Mathias?!... (Cuspindo.) Valha-os o diabo a ambos, tratantes!

Todos riem; os marinheiros e colonos affastam-se para a prôa.

DIONISIO

Ó Mathias, manda dar a ceia, que eu vou

lá abaixo vêr o barometro e já venho. Desconfio que temos temporal.

Entra para a camara.

BARROSO, apertando a barriga

Ai! como estes patifes me arranjaram!

Corre para a prôa e desapparece.

SCENA V

MATHIAS, HOMEM DO LEME, COSINHEIRO,
MARINHEIROS, COLONOS

MARINHEIROS, cantando em côro e trabalhando

Triste vida é a do marujo,
De todas a mais cançada!
Por uma triste soldada
Passa tormentos!
Passa tormentos!
Don, don!

MATHIAS, ao homem do leme

Onde vae agora?

HOMEM DO LEME

O mesmo rumo; porém o vento escasseia ás vezes.

MATHIAS, indo á bitácola

Aproveita tudo!

MARINHEIROS, cantando

Andando á furia dos ventos,
Quer de verão quer de inverno,
Vendo sempre o mesmo inferno
Das tempestades!
Das tempestades!
Don, don!

As nossas necessidades
Nos forçam a navegar,
Luctando c'o o vento e o mar,
E os aguaceiros!
E os aguaceiros!
Don, don!

Passam-se dias inteiros
Sem a roupa se enchugar;
Sem se poder cosinhar
Nossa comida!
Nossa comida!
Don, don!

Arrenego de tal vida,
Que nos dá tanta canceira,
Sem a terna bebedeira,
Que tanto amamos!
Que tanto amamos!
Don, don!

Se descuidados estamos
No rancho p'ra descançar,
É qûando ouvimos gritar:
Ó lá debaixo?!
Oh! salta arriba!
Don, don!

E o mestre logo se estriba,
Dizendo d'esta maneira...

MATHIAS

Ó lá da prôa?!

UMA VOZ

Senhor?

MATHIAS

Vê se essas vellas de prôa estão bem caçadas! (Correm alguns marinheiros á prôa.) Cosinheiro?

COSINHEIRO, apparecendo á porta do fogão

Senhor?

MATHIAS

Tira a ceia dos passageiros de prôa.

Alguns marinheiros e colonos põem as bandejas no convez e o Cosinheiro deita n'ellas a comida de um caldeirão, que dois marinheiros trazem enfiado pelo arco em um pau.

COSINHEIRO

Vá! vá! chega tudo para as bandejas!

Os colonos chegam-se para as bandejas, e comem, com colheres de pau, que lhes dá o Cosinheiro

MATHIAS

A ceia para ré, que esteja prompta á primeira voz.

COSINHEIRO

Sim, senhor.

SCENA VI

DIONISIO, DOMINGOS, PEDRO, CONTRAMESTRE, COLONOS, MARINHEIROS

DIONISIO, sae da camara, vae vêr o rumo á agulha, depois passeia até meio navio; para os colonos

Aviar! aviar, labregos!

DOMINGOS, vindo da prôa

Senhor capitão, tenho muita sêde; mande dar-me uma pinga de agua.

DIONISIO

Ainda não se vê terra; ámanhã beberás.

PEDRO, affastando-se da bandeja

Esta comida não presta nem para cães! Eu já não posso comer sardinhas salgadas sem beber agua; antes quero morrer!

DIONISIO, pegando n'um chicote de cabo

Ah! tu não pódes comer? antes queres morrer! ora deixa vêr se eu faço um milagre! (Dando-lhe com o chicote.) Vê lá se pódes agora, meu filho?

PEDRO

Senhor Dionisio, não me bata, que estou doente.

DIONISIO

Isto é para te curar e para te consolar as costellas.

DOMINGOS

Malvado!

DIONISIO, indo para Domingos

Espera lá, meu doutor de aldeia, que eu já te arranjo tambem! Tu ainda não provaste d'este petisco? Pois has de achal-o delicioso; é tempo de te pagar aquelles

discursos, que me impingiste lá na terra! (Batendo-lhe com o cabo.) Que tal o achas, hein?

DOMINGOS, furioso

Ladrão! Eu paguei a minha passagem!... se me trata como os que não pagaram e eu me sugeito a isso, é porque sei que estou aqui á sua mercê... porém não me bata! olhe, que a paciencia...

DIONISIO

Ah! tu tens a mania oratoria? has de ir muito longe! digo-t'o eu! (Corre para lhe bater, tropeça em um cabo, cae, e todos se riem; ergue-se enfurecido.) Canalha! Burros! riem-se de vêr cair um homem? (Todos abaixam as cabeças sobre as bandejas.) Cafres! (Dando com o cabo em diversos colonos.) Riam-se, labregos! mostrem os dentes, cavallos! Basta de comer; levantem as bandejas!

PRIMEIRO COLONO

Eu tenho fome! Para que me obrigaram a vir, sem ser por minha vontade?

DIONISIO, voltando-se

Quem fallou? (Dando com o chicote no que lhe fica mais perto.) Foste tu?

SEGUNDO COLONO

Ai! ai! Eu não, senhor... Sou doente...

DIONISIO

Tambem te riste?

Bate-lhe outra vez e o Colono cae.

SEGUNDO COLONO

Jesus! Quem me acode?

PEDRO

Lá se vae o João da Perlinha! Faz trinta e seis, que morrem a bórdo com fome, sêde e pancadaria! Não haverá Deus para isto?

DIONISIO, correndo para Pedro

Tambem te saíste moralista? Queres saber se ha Deus? Toma lá um dos seus beneficios.

Dá-lhe com o cabo.

PEDRO, fugindo

Ai! Foi para isto que me enganaram?

DOMINGOS

No Brazil ha de haver justiça!

DIONISIO, mostrando-lhe o cabo

Ha d'esta; queres mais? Ah! vossês cuidam que estão lá no Minho a dançar a chula ou a cachucha! Isto aqui é outro cantar!

SEGUNDO COLONO, que está caído no convez

Quem me dá uma sêde de agua por amor de Deus?!

CONTRAMESTRE

Dou-lh'a eu, da minha ração.

Querendo ir buscal-a.

DIONISIO, severamente

Que é lá isso, seu contramestre? Quem o auctorisou para estragar a agua? Se não a quer beber, guarde-a. Ainda se não vê a terra; o mau tempo atrazou-nos, e os mantimentos e aguada não sobejam. Nada de brincadeiras!

CONTRAMESTRE

A culpa é sua.

DIONISIO

Hein?

CONTRAMESTRE

O navio não podia trazer senão cem passageiros; para que embarcou tresentos fóra da barra do Porto? Se eu tal soubesse, não tinha vindo em similhante viagem. Já lá vão quarenta e tantos, que teriam morrido sem confissão se não fôsse aquelle santo padre, que vae vêr os sobrinhos.

DIONISIO, ameaçador

Ó seu contramestre, as suas observações fazem-me cócegas no estomago; quem governa o navio sou eu; note bem isto! Eu não quero sentenças, que me incommodem. Se os colonos morrem, quem perde são os meus socios e eu, porque receberemos de menos o importe d'aquelles, que o diabo levar. Vossê não tem nada com isto. Trate das suas obrigações e deixe morrer quem morre.

CONTRAMESTRE, áparte

Assassino! Faze-te fino comigo, que te rasgo a barriga ao meio!

Vae para a prôa.

DIONISIO, a um colono

Sóbe a safar aquelle cabo. Alli, burro!

Dá-lhe com o chicote.

TERCEIRO COLONO

Eu não sou marinheiro; não me ajustei para isto.

DIONISIO

Quem não trabalha, não come. Anda, camello! (Dá-lhe outra vez.) Cuidavas talvez, que vinhas saborear bananas durante a viagem?

TERCEIRO COLONO, humildemente

Eu faço tudo; não me bata mais!

DIONISIO, a outro colono

Salta a tirar aquelle moitão, que pegou no enfrexate!

QUARTO COLONO, assustado

Tenho mêdo de cair ao mar...

DIONISIO, correndo atraz d'elle

Tens mêdo, cachorro? Tens mêdo! Ora

o alma de chicharro! Salta arriba! (O colono sóbe, tremendo.) Não se acabava o mundo, se te levasse o diabo!

DOMINGOS

Eis em que se tornam as promessas, que lá em terra nos fazem! (Olhando para o colono moribundo.) Pobre moço! Este tambem não verá mais a mãe e as irmãs, que pareciam adivinhar a sorte que o esperava!

DIONISIO

Dá tu graças a Deus por teres escapado até hoje; e ajuda a deital-o ao mar. Lá se vae mais dinheiro, com mil diabos!

DOMINGOS, abaixando-se sobre o colono para o examinar

Elle ainda vive!

DIONISIO, empurrando Domingos

Pateta!... Temos comedia de sentimento? Pega d'ahi, vá!

DOMINGOS

O senhor quer deitar o rapaz vivo ao mar?!

DIONISIO

Se não estiver bem morto, morrerá melhor caindo no charco. Suspende, anda! (Pega pelos pés ao colono.) Assim como assim, não escapa; para que havemos, pois, de fingir que não podemos separar-nos d'elle?! Vá, com os demonios; sejamos francos; ao mar!

DOMINGOS, afastando-se

Santo nome de Deus!

DIONISIO

Ó diabos! vem alguem pegar d'alli ou trabalha o chicote de cabo? (Varios colonos e marinheiros approximam-se, o moribundo faz um movimento, e todos se afastam horrorisados; Dionisio larga os pés do colono.) Temos historia?! (Dando com o pé no colono.) Falla, homem; dize se estás vivo ou morto? Se vives, levanta-te e vae desfiar estôpa. Não vaes? Então é porque morreste. Eu te farei o enterro á minha custa, visto que estes piegas não querem ajudar-me. Vá lá toda a despeza por minha conta!

Abaixa-se para pegar no colono pelo meio do corpo, este levanta-se.

SEGUNDO COLONO, abrindo os braços e clamando

Soccorro!

DIONISIO, tranquillamente

Que farçada é esta? Se estavas vivo, porque não fallavas?

SCENA VII

Os Mesmos e Manuel

MANUEL, saindo da porta da camara com um pequeno crucifixo de bronze na mão; a Dionisio

Satanaz! deixa de atormentar esse infeliz!

TODOS, menos Dionisio

O senhor padre!

O colono doente estende as mãos supplicantes para o padre, cambalêa, e vae cair fóra da scena

DIONISIO, encolerisando-se

Cuidam que eu sou algum asno, que come pataratas? Importa-me cá o padre nem o grande diabo que o carregue! (Querendo seguir o colono.) Agora, ainda que elle tivesse boa saude...

MANUEL, mettendo o crucifixo entre o colono e Dionisio

Não lhe toques! A ira de Deus póde fulminar-nos a todos por termos tolerado a tua impiedade e malvadez!

DIONISIO, aos marinheiros

Agarrem n'este maldito padre e não o deixem sair mais da camara, porque está doido.

DOMINGOS, avançando resolutamente

Agarrar no senhor padre!? Emquanto a patifaria foi comnosco, soffremol-a; porém isto agora é mais sério!

PEDRO, avançando tambem

Não consentiremos essa violencia!

VOZES

Não! não!

DIONISIO, furioso

Não?!... Arreda tudo!

Vae para lançar-se sobre o colono.

MANUEL, empunhando o crucifixo pela extremidade

Para traz, sacrilego! Se não crês em Deus

nem nas palavras dos seus ministros, eu já não sou apostolo, sou soldado! As minhas armas são estas e com ellas te vencerei!

Chega o crucifixo ao rosto de Dionisio, este como assombrado, recua uns poucos de passos com os olhos fitos na imagem e Manuel avança sempre sem lh'a tirar do rosto. Todos os colonos e marinheiros se descobrem e rodeiam o padre.

SCENA VIII

Os Mesmos, Barroso, Mathias
Contramestre, Gageiro

BARROSO, baixo a Dionisio

Cautela, que te deitam ao mar!

MATHIAS, idem

Tens a mão pesada; esse morreu com a sova que hontem lhe déste! Toma tento! está tudo por ahi como polvora e pagas as favas!

DIONISIO, mansamente

Bravo, senhor padre! Fez uma revolução

a bordo!... Ora pois: guarde lá o rapaz no seu camarote, se quizer. Como elle já não come, dou-lh'o de presente.

CONTRAMESTRE, baixo e rapidamente a Manuel

Não venha á tolda de noite; elle é capaz de o atirar ao mar. Acautele-se!

GAGEIRO, na gavia

Terra! terra por sotavento!

Todos se voltam para vêr se a avistam.

DIONISIO

Será o pão d'Assucar? Bem me parecia que devia estar á vista; a escuridão é que a não deixava descobrir.

MANUEL

Louvado seja Deus! Vamos livrar-nos d'este navio excommungado!

MATHIAS, baixo a Dionisio e Barroso

Agora a questão dos passaportes póde atrapalhar-nos...

DIONISIO

O Thomaz d'Aquino ha de ter tudo arranjado.

BARROSO

Eu não posso figurar em coisa nenhuma desde que nos mettemos no negocio dos papeis; — consta-me que o nosso consul tem instrucções a meu respeito... o governo de Lisboa avisou o do Rio afim de me vigiar...

MATHIAS

É preciso engrossar a vista do consul com alguma coisa...

DIONISIO, olhando para o horisonte

O mar está como um cão e o tempo escurece cada vez mais! (Indo olhar para o panno e depois para a agulha.) Mau, mau!

BARROSO

Que achas?

Sente-se uma grande lufada de vento esticar as escotas.

DIONISIO, mandando

Toda a gente ás obras! (Vae escurecendo rapidamente a scena.) Senhor abbade, mude-se para a camara, senão quer saldar as contas co-

migo! Todos os passageiros de prôa para baixo! Fecha as escotilhas! É o ladrão do pampeiro, que nos apanha antes de entrarmos a barra...

MARINHEIROS

É o pampeiro! é o pampeiro!

MANUEL, retirando-se para a camara

As minhas contas estão sempre justas com Deus.

Vae-se; os colonos descem para o porão; após um momento de pausa, ouve-se um trovão e cae um raio ao lado do navio; a escuridão augmenta.

SCENA IX

DIONISIO, MATHIAS, BARROSO, CONTRAMESTRE, HOMEM DO LEME, MARINHEIROS

DIONISIO, mandando

Carrega joanetes e ferra! (Alguns marinheiros sobem pelas enxarcias para executar a manobra; outros pucham pelas carregadeiras.) Carrega a vela grande! Vá, de longo!

Ouve-se o estampido de uma onda, que bateu contra o navio; a roda do leme desanda com violencia fazendo ranger as correntes de ferro.

HOMEM DO LEME, gritando

Senhor capitão, o leme dá muita força e eu não aguento!

DIONISIO, correndo á pôpa, e agarrando-se tambem á roda do leme para a fazer girar

Aguenta, com um milhão de diabos! (Bradando.) Outro homem para o leme! (Um marinheiro corre para a roda, e segura-a com o que alli estava; Dionisio larga-a, vae a meio navio, e grita.) Arreia gavias! Carrega pelos estingues e talha ao laes ao mesmo tempo! Ó Mathias, manda um diabo tocar aquella ostaga do velacho, que não arreia!

MATHIAS, correndo para a prôa e gritando para cima

Ó Francisco, toca a ostaga!

DIONISIO

Mathias? olha lá a escota do traquete, que esteja clara!

MATHIAS

Tenho-a eu na mão! Ai Jesus!

Sente-se rebentar a escota do traquete e ouve-se o ruido d'esta vela sacudida furiosamente pelo vento.

SCENA X

DIONISIO, CONTRAMESTRE, HOMEM DO LEME, MARINHEIROS

CONTRAMESTRE

Lá rebentou a escota do traquete, seu capitão!

DIONISIO

Carrega o punho, gente! Vá; pelo extingue e pelos briócs!

CONTRAMESTRE

Homem ao mar! homem ao mar!

DIONISIO

Foi o abbade?

CONTRAMESTRE

Foi o senhor Mathias, que estava á escota do traquete.

DIONISIO, *correndo á borda*

O Mathias?! (*Para os homens do leme.*) Orça todo! orça!... (*Fallando comsigo.*) Elle é meu socio... e... a sua morte... póde fazer-me

bem bom arranjo!... (Aos homens do leme.) Contro! Contro! Arriba todo! (Vae olhar para a agulha.) Andar assim... O homem não se vê com a noite que está, e o temporal não é para graças!

SCENA XI

Os Mesmos e Barroso

BARROSO, indo para junto de Dionisio emquanto os marinheiros andam em arrumações de cabos

Pobre Mathias!

DIONISIO

Ainda que fosse meu pae, não o podia salvar!

BARROSO, baixo

Apósto que não tens grande pena?...

DIONISIO

Porque o dizes?

BARROSO

Porque hasde preferir que se reparta por dois o que era para tres.

DIONISIO, *batendo-lhe familiarmente no ventre*

Tratante!

BARROSO

Julgas que estou gracejando?

DIONISIO

Nada, não!...

BARROSO

O que aconteceu com elle, podia ter sido comigo.

DIONISIO

Que queres dizer na tua?

BARROSO

Que te livras de mim na primeira occasião, para me roubares tambem.

DIONISIO

Escolheste má occasião para brincadeiras. Apanhas metade do bôlo do Mathias e ainda tens que chiar?!

BARROSO

E tu repartes, porque não pódes baldeiar-me pela borda fóra.

DIONISIO, áparte, e fingindo que olha para os ares e para o apparelho do navio

Este patife parece que adivinha! (Alto.) Ó gente, iça lá as gavias! Isto já deu o que tinha a dar.

O contramestre corre para a prôa a dirigir a manobra.

BARROSO, mostrando-lhe uma grande navalha

Toma cuidado! ao primeiro grunhido que dás, ponho-te as tripas ao sol.

DIONISIO, áparte

Ficas por minha conta. (Alto.) Homem, deixa-te de desconfianças. Quando chegares a terra, vae-te e não embarques mais comigo. Tens-te dado bem mal com a minha companhia!

BARROSO

O tempo tem abonançado; vamos abrir já o babú do Mathias.

DIONISIO

Para quê? (Para a proa.) Ó seu contramestre, mande lá pôr uma escota nova no traquete e cace; o vento vae alargando e estamos aqui, estamos no Rio de Janeiro.

BARROSO

Vamos ao bahú; eu não sou nenhum asno, que te deixe ir abril-o sem mim.

DIONISIO, áparte

Por esta não esperava eu! (Alto.) Cala-te; olha que me desmoralisas a tripulação. Chega-te com disfarce ahi para o camarote d'elle, que eu já vou.

BARROSO, que vae para a porta do camarote da direita; áparte

Este ladrão cuida que eu sou da sua laia! Tem morto os pobres colonos com pancadaria, e não quiz accudir ao Mathias!... Eu nunca fui assassino; se me morreu alguem de fome, quando commandei o navio, foi porque a comida não chegava para todos...

DIONISIO

Ó gente, larga tambem os joanetes! A lua vem a romper e com esta prôa devemos ir direitos á barra. (Chegando-se a Barroso, baixo.) Abre lá o bahú com geito e sem fazer bulha.

A lua começa a romper entre nuvens.

BARROSO, baixo a Dionisio

Não tem chave.

DIONISIO, dando-lhe uma

Vê se esta remedeia...

BARROSO, depois de ter visto que a chave serve

Calha perfeitamente! Ah! ladrão!... aonde tens a que serve no meu?

SCENA XII

Os Mesmos e Mathias

MATHIAS, vindo da proa, muito enxarcado, e dirigindo-se para o seu camarote

Com dez mil milhões!... (Estacando, ao vêr os outros a mecher-lhe no bahú.) Ora esta! Vossês estão arrombando o meu bahú?!

DIONISIO e BARROSO, aterrados, saltando cada um para seu lado

O Mathias?!...

MATHIAS, correndo para a porta do camarote

É verdade; sou eu... Não me esperavam, hein? Agarrei-me á amura, que estava a re-

boque, e vossês, em vez de me acudir, tratavam de me roubar!

Pegando em um espeque, com gesto ameaçador.

DIONISIO

Cala-te, pateta. Qual roubar!... andavamos a procurar-te.

MATHIAS

Procuravam-me no meu bahú? Não está má saída!

DIONISIO

Se tu não apparecias n'outra parte?!...

MATHIAS, depois de ter revistado o bahú.

O meu dinheiro? Quero o meu dinheiro, senão vae tudo com um milhão de diabos!

DIONISIO

Não faças barulho, que te estendes!

MATHIAS

Estendo-me?! por dizer que vossês me roubaram cem contos? Cem contos... que eu trazia para comprar um engenho de assucar!...

BARROSO

Os marinheiros já estão de ouvido á escuta!

MATHIAS

O meu dinheiro ou grito, para que todos oiçam!

BARROSO

Cala-te; não dês escandalo.

DIONISIO, a Barroso

Deixa-o! Elle bem sabe que não póde gritar...

MATHIAS, principiando a gritar

Cem contos...

DIONISIO, interrompendo-o e mostrando um masso de notas

Em notas falsas.

MATHIAS, largando o espeque

Falla devagarinho!...

DIONISIO, mettendo as notas no bolso

Grita, menino! anda, grita!

Mathias faz-lhe signal para que se cale e Barroso ri-se; a lua descobre-se inteiramente e avista-se ao seu clarão a cidade do Rio de Janeiro e a bahia cheia de navios.

CONTRAMESTRE, á proa

Lá está santa Cruz !

VOZES

E verdade ! é verdade ! lá está !...

SCENA XIII

Os Mesmos, Manuel, Domingos, Pedro, e Colonos, que correm para a proa dando demonstrações de alegria.

MANUEL

Lá está o Brazil !... Eis o vosso calvario, meus filhos !

DIONISIO, muito alegre

Acabaram-se aqui as zangas todas. Viva a rapaziada !... e viva tambem o nosso abbade! Dá cá um abraço, Mathias ; o que lá vae, lá vae ! Estamos no Rio e tudo se ha de arranjar entre amigos...

Mostrando-lhe as notas, que torna a guardar.

MATHIAS, abraçando-o

Tu és meu amigo, Dionisio ?

DIONISIO, com ternura

Olha que me offendes, se duvidas!

BARROSO, contemplando-os; áparte

Sim senhor; são dois tratantes de se lhes tirar o chapéu! dentro em pouco tempo estão commendadores ou fidalgos... se não os enforcarem antes!

O panno desce.

ACTO TERCEIRO

Grande armazem com pipas de aguardente, caixas e barricas de assucar, mel, etc. Á esquerda, um pequeno balcão com uma grade por cima e sobre esta os livros commerciaes do estabelecimento. Portas lateraes e ao fundo, vendo-se por estas um segundo armazem, egualmente cheio de pipas, saccos, paneiros, potes e barricas. Junto ao balcão, uma caixa forte de madeira com arcos de ferro. Do lado de fóra, alguns bancos de tesoura cobertos de lona.

SCENA I

DOMINGOS, **do lado de fóra do balcão, lendo uma carta**

«Para que hei de encobrir-te por mais tempo a verdade? tu já devias esperar isto mesmo; teu pae achava-se muito mal, e, além d'isso, estava só, que era a doença que mais o afligia. Os campos foram ficando pouco a pouco por lavrar; nos ultimos tempos, pediram-se algumas razas de milho em-

prestadas para acudir ás maiores necessidades...» (Chorando e fallando.) Pobre pae! (Lendo.) «Depois de bastante padecer e chorar por ti, morreu-me nos braços, repetindo o teu nome...» (Fallando.) Oh! coitado!... (Lendo.) «A gente da aldeia dizia toda á uma: — Vejam o Palmeiro, que podia chamar-se rico, e como se lhe foi o filho para o Brazil, vae acabando á mingua, por não ter quem lhe faça a lavoira!»

SCENA II

DOMINGOS e DIONISIO

DIONISIO, sobraçando um lenço cheio de massos de notas

Que fazes ahi sentado? Não sabes que temos muito que fazer?

DOMINGOS

Estava lendo uma carta, que recebi da terra.

DIONISIO

Qual carta, nem qual diabo! Eu quero gente que trabalhe... uma carta? E onde

tinhas com que a pagar? Quem te deu o dinheiro?

DOMINGOS

Tirei-o da gaveta e assentei-o na minha conta.

DIONISIO

Na tua conta! deves-me tresentos e tantos mil réis e ainda me tiras mais dinheiro da gaveta?!

DOMINGOS

Se não fôsse para uma carta da minha familia, não o tirava. Vossemecê bem sabe que desejo pagar-lhe, afim de voltar para o meu paiz; mas estou ha cinco annos em sua casa, e devo-lhe sempre!

DIONISIO

Forte admiração! paguei duzentos mil réis por ti, ao teu primeiro patrão, e tu não tens amortisado.

DOMINGOS

Como hei de amortisar, se ganho tão

pouco? O ordenado que vossemecê me dá, mal me chega para vestir!

DIONISIO

Se te não serve, paga-me e vae-te embora.

DOMINGOS, indo para dentro do balcão

Pagar com quê? Que é do dinheiro? Vossemecê dizia-me lá na aldeia, quando andava atraz de nós para nos trazer, que no Brazil se enriquecia sem trabalhar; mas a verdade é que se morre trabalhando, como em qualquer outra parte!

DIONISIO

Tens sempre a mesma historia para me impingir! Lá na tua terra era uma coisa e aqui é outra. Demais, eu não quero saber d'isso; se te não convém, paga-me e adeus! (Pegando em um masso de jornaes.) Mais papelada! Que demonio tens tu que vêr nos jornaes para os andares sempre a pedir ao visinho? Não quero politica em casa!

DOMINGOS

Vossemecê ainda ha de fazer com que eu me mate de desespero! Só leio nas horas vagas do seu serviço.

DIONISIO, entrando para dentro do balcão

Horas vagas?! Cá em casa não as ha; se tu as tens, roubas-m'as... E vê lá se te matas antes de me pagar!... Aqui está como a gente arrisca os seus capitaes, por fazer bem! Toma sentido, homem!... tu sabes que não te dou pancadas; não gósto de bater nos meus criados, e fiz-te meu caixeiro, para te distinguir dos outros. Deves ter isso em consideração. Paga-me primeiro e depois faze o que quizeres.

DOMINGOS

Vivo aqui peior do que os escravos! esses, ao menos, veste-os e sustenta-os o senhor!... Porém, que sou eu senão um escravo, e dos mais infelizes e miseraveis?!

DIONISIO

Não faças poesia e tira as contas do mez.

Agora vaes ficar mais alliviado de trabalho; talvez tenhas mesmo de passar para outro patrão, porque a casa não precisará de dois caixeiros d'aqui em diante.

DOMINGOS, assustado

Porquê, senhor Dionisio?

DIONISIO

Diminuimos o nosso negocio; venderam-se hoje os engenhos em leilão, com todos os escravos e predios.

DOMINGOS, com espanto

Ora essa! pois podia vender-se o que pertencia á menina? Ella é menor.

DIONISIO

Tu tambem entendes da póda?! Foi com licença do juiz, para se converter o dinheiro em apolices da divida publica. Minha pobre mulher está ha dias entre a vida e a morte, e, como tutora de sua filha, requereu auctorisação ao juizo para esta operação; venho agora mesmo de receber perto

de tresentos contos em notas e ámanhã hei de ir comprar as apolices. Olha que dinheirama! Tu nunca viste tanto junto, hein? É a pecunia da mãe e da filha... e eu tambem tenho aqui uns pósinhos, dos meus ordenados de administrador da casa.

DOMINGOS, consternado

Então acabam os armazens de assucar e aguardente por conta da senhora? E como hei de eu ir-me embora, sem lhe poder pagar?

DIONISIO

Veremos; eu tenho tenção de me estabelecer por minha conta, se minha mulher fallecer, e talvez fique comtigo.

DOMINGOS, áparte

Que infelicidade a minha!

SCENA III

DOMINGOS, DIONISIO, EUGENIA

EUGENIA

Papá? dê uma surra na preta Anastacia, que me chamou candongueira.

DIONISIO

Bater n'uma preta, que me custou seis centos e oitenta mil réis e que póde vir a ter muitos filhos? Não sabes que é a unica escrava que tenho? As outras não são minhas; pertencem-te a ti e a tua mãe... E o meu systema não é dar pancadas em ninguem; isso foi tempo. Depois da minha ultima viagem, em que perdi tanto dinheiro, curei-me d'essa mania. A bordoada faz crear postemas, aneurismas, emfim, tambem mata! A receita com que agora me dou optimamente, é diminuir a comida. Um dia de dieta não mata ninguem e dá economia certa.

EUGENIA

O senhor Domingos ha de dizer que isso é barbaridade.

DOMINGOS, tirando um livro de cima da grade

Eu, menina?!

DIONISIO

Importa-me bem o que dirá o senhor Domingos!... Ora espera; como sabes tu a opinião dos caixeiros? conversas com elles?

DOMINGOS, abrindo o livro e começando a tirar contas

Não senhor.

DIONISIO

Senhora!... minha filha!... eu já lhe tenho dito, que não venha aos armazens, a não ser na minha companhia; sua mãe não póde vigial-a, por estar de cama ha perto de tres annos, coitadinha!...

Fingindo-se enternecido.

EUGENIA

Eu ia agora para a varanda e como o avistei, da porta do corredor, entrei para lhe fallar.

DIONISIO

Sim? ora toma cuidado; se te apanho alguma vez, já sabes o meu systema; ficas um dia sem comer.

EUGENIA

O quê, papá? tambem eu? como os nossos escravos?

DIONISIO

Sim, senhora. Não comes tu como os outros? Quando inventei este methodo, não

foi para ter o vão prazer de castigar; eu vejo mais longe. O meu fim é a economia domestica. Qualquer pessoa da minha familia, que eu reprehendesse, tinha dois meios de se vingar de mim: comer muito, para me fazer despeza, ou comer muito pouco e deixar estragar o quinhão que se lhe destinava. Imaginei, pois, suprimir-lhe o alimento, evitando assim qualquer desperdicio e lucrando na roda do anno uma continha soffrivel! Como administro a casa toda por ordem de minha mulher, cumpre-me cuidar por todos os modos do futuro da familia.

DOMINGOS

É a crueldade refinada, como se faz ao assucar!

EUGENIA

Ouve, papá?

DIONISIO, a Domingos

Não perdes a ruim manha de discursar! Já te tenho dito muitas vezes, que não ha coisa que eu mais deteste do que são os discursos em geral e os teus em particular.

Como tens boa memoria deves lembrar-te, que a unica vez que te faltei ao respeito foi a bordo, quando vinhas para o Brazil. Se não te emendas, ainda has de ter grande desgosto comigo. Bem sabes que me deves quatrocentos mil réis?... O nosso commercio vae restringir-se; eu arranjo um roceiro, que pague por ti, e tornas para o sertão, aonde trabalharás como um negro até que te esfolem vivo.

EUGENIA

Isso é atroz, meu pae!

DIONISIO

Já estás como elle?! Ora faze-me o favor de te mudares para casa, anda.

EUGENIA, pegando no lenço das notas, que Dionisio tem na mão

Que é isto?

DIONISIO

Isto são trezentos contos de réis em notas; está aqui tudo quanto possuimos. Tua mãe embirrou, que não queria engenhos nem predios, que te creariam embaraços depois da

sua morte, e prefere que se empregue tudo em fundos publicos! (Áparte.) Custa-me bem a roer esta resolução, porque, se ficar tutor da pequena, não poderei desfructar mais nada! O que vale é que me tenho arranjado já menos mal!

EUGENIA, áparte

Vingou o meu parecer, para que me roubem menos depois! Mal sabe elle, que fui eu que dei o conselho!

DIONISIO

Ó Domingos, vae-me chamar o Pedro para aqui. Emquanto estiver este dinheiro em casa, quero duas pessoas sempre no armazem; apezar da caixa ser forte e estar pregada ao solho com valentes parafuzos, o diabo ás vezes faz das suas, quando menos se espera.

Domingos sae.

SCENA IV

DIONISIO e EUGENIA

EUGENIA

Que se faz agora d'isso?

DIONISIO

D'isso quê? do dinheiro? Compram-se apolices, que rendem... Tu não entendes nada d'isto; pobre criança!... desde pequena, que os medicos te declararam doente de... de falta de entendimento. Tua mãe pensa, que todos te hão de roubar quando ella morrer, e quiz por força converter as tuas fazendas e as d'ella em papeis do Estado, como se eu não estivesse cá para zelar o que fôr teu!

EUGENIA

Bem sei que o papá me julga idiota!...

DIONISIO

Eu, sim!... Os outros é que o dizem. (Áparte.) Coitadinha! como tem a consciencia do seu mal! E o que me vale é ella ser assim! Se minha mulher tivesse morrido antes d'esta venda, que se fez agora, eu enchia-me! Com o rendimento das apolices ha de me custar mais... emfim, far-se-ha o que se podér.

EUGENIA, áparte

Que estará elle a pensar? Bem se vê que não gostou da operação!

DIONISIO, abrindo a caixa forte e mettendo o dinheiro dentro

Ó filha, chega-te ahi para a porta da rua e vigia se vem alguem para cá. Não me convém que se saiba onde se guarda tanto dinheiro junto.

EUGENIA, fingindo que olha para a rua e espreitando-o com disfarce

Sim, papá. (Áparte.) Só me faltam dois mezes para chegar á maioridade; Deus permitta que minha mãe viva, pelo menos, até então! Desconfio, que meu padrasto não hesitaria em me deixar a pedir esmola, se podesse?!...

DIONISIO

Vae dizer á mamã, que já cá estou e que se recebeu tudo.

EUGENIA

O papá não vae vel-a?!

DIONISIO

Vou já; tenho que contar aqui um dinheiro para duas letras, que devemos pagar hoje.

SCENA V

DIONISIO, EUGENIA, DOMINGOS, MATHIAS

DOMINGOS

O Pedro ainda não veiu da alfandega.

EUGENIA

Eu espero pelo papá...

MATHIAS, entrando

Bom dia, seu capitão.

DIONISIO, fechando rapidamente a caixa e mettendo a chave no bolso

Capitão?... já não sou; fui, ha muitos annos... agora sou negociante; e já te tenho pedido, que me não recordes o tempo das minhas viagens.

MATHIAS

Déste-te bem mal com ellas! (A Eugenia.) Adeus, pequerrucha? (Pondo-lhe amigavelmente a mão na face.) Sempre fresquinha, hein?

EUGENIA, dirigindo-se a Domingos sem responder a Mathias

Não foi tambem este senhor um dos que

o induziram a vir para o Brazil? Era dos aliciadores, não era?

MATHIAS

Que diz, menina?! quem lhe metteu na cabeça essas tolices? Bravo, Dionisio! como tu educas os filhos!

DIONISIO

Eu? acredita que não fui eu que... Quem é que lhe ensinou isso? que entende a senhora de negocios? ora, vamos... trate lá das suas agulhas.

EUGENIA

O senhor Domingos é quem diz, que foi victima de promessas mentirosas e fraudulentas...

MATHIAS

Eu logo vi! O nosso doutor da aldeia ainda não perdeu o costume!

DIONISIO

Decididamente, não continuo a atural-o!

MATHIAS

Queres cederm'o? Elle deve muito? Pre-

ciso de um homem intelligente para dirigir os trabalhos na chacara, que ha dias comprei...

DIONISIO

Deve-me quatro centos e tantos mil réis; eu não quero ganhar, mas tambem não posso perder; não tenho contracto escripto, porque o fiz meu caixeiro — generosidades mal cabidas!...— mas sou assim. Ora tu bem sabes, que tenho tido o dinheiro empatado, e tal... e tal...

MATHIAS

N'uma palavra?

DIONISIO

N'uma palavra? Quem me der seis centos mil réis...

MATHIAS

É meu o homem.

DOMINGOS, saindo para fóra do balcão

Os senhores tratam da minha compra e venda sem eu ser ouvido? É justo; um escravo não tem voto em materia que respeita á sua liberdade!

EUGENIA, indignada

Oh! papá!... que o senhor Mathias o fizesse, vá! Dizem que é homem sem alma e sem... mas vossemecê! vender um branco como quem vende um preto!

DIONISIO e MATHIAS, rindo da indignação de Eugenia

Ah! ah! ah! ah!

DOMINGOS

Deixe-os, minha senhora; esses miseraveis não valem a sua indignação. Lastimo que um d'elles lhe esteja servindo de pae... mas bem se vê que é padrasto! ruim arvore não podia dar tão bello fructo.

DIONISIO, irando-se e tornando logo a serenar-se

Ah! que se fosse n'outro tempo!... Agora, pódes dizer o que quizeres; fiz protesto!... porém, já hoje não jantas! Nem tu tambem, minha dona Fufia!

MATHIAS

Não faças caso; quem dá ouvidos a criancices?... (Dando-lhe dinheiro em notas.) Vê se estão ahi os seiscentos mil réis.

DIONISIO, baixo a Mathias

O diabo é se o consul sabe?!... fiquei mal visto desde a minha ultima viagem, quando chegámos aqui com quarenta passageiros de menos... Lembra-te, que elle me mandou preso para Portugal e que me custou a safar na Relação do Porto!...

MATHIAS, idem

É verdade; mas os que gritaram contra ti, foram deportados! Os ventos mudaram; manda ao consul um barril de chouriços, que eu pago-o.

DIONISIO, a Domingos

Arranja-te e vae com o senhor Mathias.

DOMINGOS, sentando-se

Concluiram o negocio? O senhor Dionisio julga em consciencia, que depois de cinco annos de trabalho brutal, como o que eu tenho tido em sua casa, ainda por fim me deve vender?.

MATHIAS

Levante-se, senhor; e falle como deve com seu patrão!

DOMINGOS, sem se levantar

Com o meu senhor, diga; não se envergonhe. Acaba de comprar-me, sou seu escravo.

MATHIAS

Entenda-o como quizer, mas levante-se; aliaz !...

DOMINGOS

Aliaz, dá-me pancadas? Não vê que já sou homem e que não estou em edade de receber castigos d'essa natureza?

MATHIAS, furioso

Tu provocas-me, cachorro?

DIONISIO, mettendo as notas no bolso

Arrangem-se como quizerem; a questão já não é comigo.

DOMINGOS, erguendo-se

Eu não o provoco; recordo-lhe, que foi o senhor quem, mentindo vilmente, me induziu a sair do meu paiz, promettendo-me a sua protecção e a fortuna; lembro-lhe, que estou aqui ha sete annos e que tenho soffrido a miseria, a fome e a escravidão, ali-

mentado apenas pela esperança de achar um coração compadecido, que me resgate d'este inferno; digo-lhe, que o desespero póde cegar-me, porque o desespero leva aos maiores extremos!... (Ameaçador.) O senhor tem mais de cincoenta annos e eu tenho só vinte e cinco!...

MATHIAS, recuando

Ameaças-me?!

DOMINGOS, avançando

Não o ameaço sómente; sinto-me disposto a despedaçar os instrumentos da minha desgraça... se elles ousarem approximar-se de mim n'este momento!

MATHIAS, querendo mostrar-se forte

Olha que não estás na tua terra!

DOMINGOS

É por isso mesmo. Se não houver aqui ministro ou consul portuguez para me defender, invocarei a protecção das leis do imperio. Estou n'uma terra onde ha liberdade e justiça. A vergonha do meu desam-

paro recairá toda sobre a nação, que deixa vender seus filhos e nem sequer tem a generosidade de mandar fiscalisar o modo porque se faz essa venda no estrangeiro. No meu paiz, onde as auctoridades não teem força nem as leis auctoridade para cohibir o trafico de portuguezes, não se pergunta aos aliciadores que fim levam os milhares de desgraçados, que elles mandam todos os dias illudidos para longe da patria. Apenas algumas almas generosas, a quem chamam utopistas, gritam contra o vergonhoso commercio de carne humana; as disposições repressivas são lettra morta, arremessada ao limbo pelos compadres dos traficantes. Ninguem examina se de cada mil portuguezes, que vem ao Brazil, morrem novecentos e noventa; e aos tres ou quatro que para lá voltam ricos de repente, não se lhes pergunta como nem d'onde houveram a riqueza!

DIONISIO, sentando-se, com ar de compuncção comica

Foi pena não se ter mandado este rapaz a Coimbra!

MATHIAS

Vae para o diabo! Tu é que o estragaste, deixando-o lêr jornaes.

EUGENIA, com admiração e enthusiasmo

O escravo fez-se homem!

DOMINGOS, exaltando-se

Aqui não é assim; não póde ser assim!... Esta nação começa agora a robustecer-se e não ha de querer deshonrar a sua mocidade com actos de covardia; os filhos de um grande imperio devem ter grandes almas; quando eu appellar para elles, quando pedir o auxilio das suas leis, quando lhes bradar: —Vêde, que me fizeram escravo e me vieram vender á vossa terra, no momento em que vós trataes de dar liberdade aos pretos! reparae, que é uma injuria que se vos faz, porque nós somos irmãos! lembrae-vos, que se eu nasci além do oceano, vós fallaes a minha lingua, tendes a minha religião e nascestes da mesma familia! Não deixeis, pois, que hoje me assassinem estes infames, que não são brazileiros, que

tambem não podem ser portuguezes... gente d'esta não envergonha ninguem porque não tem patria; mas se vós me não protegeis, assassinar-me-hão! — Quando o desespero me obrigar a proferir publicamente estas palavras tremendas, se todos os portuguezes aqui residentes tiverem degenerado — o que não creio nem espero! — bem poucos serão os brazileiros, que não cedam ao impulso de uma generosa sympathia e que não tratem de me acudir e libertar!

EUGENIA, correndo para elle

O meu coração será o primeiro! (Pega-lhe na mão; sensação nas outras personagens.) Embora não seja um coração de homem, póde fiar-se n'elle, que lhe será fiel.

DIONISIO, a Eugenia

Que demonio de veneta é essa?! A coisa vae tomando um ar theatral!

Pertende separal-a de Domingos.

EUGENIA, afastando-o, com nobre altivez

Perdão; tenho-lhe chamado pae, por de-

ferencia e respeito para com minha mãe; porém, como o senhor Dionisio não é, felizmente, senão meu padrasto, previno-o de que desejo ser senhora da minha vontade...

MATHIAS

Toma lá, que te dou eu!

EUGENIA

E das minhas acções.

MATHIAS, sentando-se

Ih! como a criança espirra!

DIONISIO

Repara no que fazes, Eugenia!

EUGENIA

Sei que sou menor; mas não reconheço outra auctoridade, além da de minha tutora, que é minha mãe; o senhor Dionisio, que abusou da fraqueza de uma pobre valetudinaria para casar com ella, governa sua mulher, e a nossa casa; porém, a sua alçada não chega até mim.

MATHIAS

Aguenta, que vae bomba!

EUGENIA

Se recebeu algum dinheiro d'aquelle senhor, tenha a bondade de lh'o restituir. A procuração que tem para dirigir os negocios de minha mãe e os meus, não lhe dá poderes para vender os nossos caixeiros.

DIONISIO

Pois tu tambem entendes de transacções?! Sabes lá nada de contas! Ora, vae bugiar.

EUGENIA

Sei mais do que lhe parece; julgou-me sempre criança e enganou-se; se, em vez de se metter com operações... vergonhosas, fizesse reparo no meu mòdo de viver, desde que minha mãe caiu de cama, saberia que me applico todos os dias a estudos sérios sobre commercio.

DIONISIO

Tu! para?...

EUGENIA

Para me habilitar, logo que chegue á maioridade, a tomar-lhe contas do modo porque tem administrado os negocios da minha casa. Bem sabe que tendo o senhor casado por escriptura, na qual minha mãe não lhe deu o direito de meação nem o de herança, tudo quanto existir por morte d'ella me pertence.

DIONISIO, áparte

Estou fresco! é uma doutora!

MATHIAS

Que tal?!

EUGENIA, a Domingos

Sei que se tem abusado da sua posição, condemnando-o a trabalhos rudes e grosseiros, durante os cinco annos que tem estado em nossa casa; acredite, que se ha mais tempo não tentei melhorar a sua situação, foi porque a mim propria me tinha imposto o papel de idiota, (olhando para Dionisio) para escapar talvez ao perigo de o ser

realmente ou a coisa peior ainda... Não me convinha revelar-me, antes do dia em que a lei me reconhece maior, e tinha promettido a minha mãe de não o fazer; mas, as circircumstancias obrigaram-me hoje a mudar de resolução. Não me arrependo; e o senhor Domingos continuará a ficar n'esta casa, se isso lhe convier; não lhe convindo, póde tomar o destino que quizer, porque nada nos deve.

DOMINGOS, inclinando-se, agradecido

Oh! minha senhora!...

EUGENIA

Não se vexe; não é uma esmola nem um presente que lhe faço; nem mesmo ouso chamar-lhe recompensa! é apenas leve reparação de uma injustiça. (Pega n'um livro dos que estão sobre a estante do balcão, abre-o e depois de o folhear, dirigindo-se a Dionisio.) Faça favor de fechar esta conta e declarar que fica saldada, por se reconhecer que o ordenado do senhor Domingos Palmeiro não era equivalente aos grandes serviços prestados por

elle ao estabelecimento. Se o senhor Dionisio julga que eu não tenho auctoridade para lhe pedir este acto de justiça, saiba, que durante dois annos não tem feito uma unica transacção, das que carecem do voto de minha mãe, sem que eu lhe désse primeiro a minha approvação; as que regeitei, não se fizeram.

DIONISIO, rindo sem vontade

Tens immensa graça! Com que então, minha mulher caçoava comigo, aconselhada por ti?! (Com esforço.) Ah! ah! ah! É boa!

EUGENIA, a Domingos

Dentro em dois mezes emancipa-me a lei; em seguida poderei dispôr do que é meu, e n'essa occasião provarei, que sei avaliar a dedicação e probidade com que o senhor Domingos, tão maltratado e peior retribuido, adquiriu direitos sagrados á minha confiança. N'uma palavra: entregar-lhe-hei todos os meus haveres para que os administre e dirija como entender.

DOMINGOS, vexado e reconhecido

Eu nada fiz para merecer tamanha honra; comtudo, obedecerei a v. ex.ª

Retira-se para o outro armazem.

EUGENIA

Senhor Mathias, advirto-o de que não se negoceia aqui em gente e que, por conseguinte, me fará grandissimo favor não tornando a entrar em minha casa.

Volta-lhe as costas e sae.

SCENA VI

MATHIAS e DIONISIO

MATHIAS, furioso

Hein? Isso é comigo! com dez mil milhões!... (A Dionisio.) Parvo! papalvo! estupidarrão! asno! vês o que fizeste? Tinhas o bôlo na mão e em vez de cortares á vontade...

DIONISIO, que ficou estupefacto a olhar para a porta por onde saiu Eugenia

Ora... ora... ora não ha! (Estendendo a mão

em signal de ameaça.) Tres dias sem comer! é o que te pertence!... tres dias... nem almoço, nem jantar, nem ceia! Irra! Minha mulher é minha mulher; eu sou quem a governa e ha de fazer-se o que eu mandar ou vae tudo razo!

MATHIAS

A boas horas! depois da filha ter erguido a grimpa?!

DIONISIO

Foi aquelle prégador das duzias, aquelle almofariz da minha paciencia quem me fez a rapariga tão atrevida! Patife! se o meu systema ainda fosse dar pancadas, pisava-o! Mas deixa-o, que tambem não janta hoje!

MATHIAS

O que te digo é, que estás arranjadinho, com dois sabios mettidos em casa, e uma mulher doente, que te governa e faz só o que quer a tua enteada!

DIONISIO

Tu enganas-te comigo, Mathias; eu fa-

ço-me asno quando me convém. Na minha ultima viagem, ha sete annos, achei o meu consignatario Mendonça fallecido e tive artes de apanhar a sua viuva; tu riste-te de mim, porque casei por uma escriptura, em que minha mulher reservou para si e sua filha todos os seus bens...

MATHIAS

Pareceu-me tolice.

DIONISIO

Ha sete annos que administro tresentos contos... ainda que me não deixassem senão dez por cento, eram trinta contos por anno; em sete annos faz?...

MATHIAS, calculando, com admiração

Duzentos e dez contos!

DIONISIO

Já vês que não foi asneira de todo... afóra outros negociosinhos... Ellas brincam com o Dionisio? Pois esperem-lhe a pancada!

MATHIAS

Agora has de fazer boas coisas! Em todo o caso, dá cá o meu dinheiro, antes que me esqueça.

DIONISIO, passeando, irado

O mariola do Domingos é quem m'o ha de pagar; vou mandal-o para casa do diabo mais velho!

MATHIAS, indo atraz d'elle

Dá cá o meu dinheiro.

DIONISIO, idem

Oh lá, se vou!... (Batendo com um punho fechado na palma da outra mão.) Palavra de honra! ella não ha de satisfazer o seu capricho!

Passeia.

MATHIAS, andando atraz d'elle

Dá cá os seis centos mil réis.

DIONISIO, passeando e voltando-se para Mathias

Estavam ambas de combinação com o caixeiro, não achas?

MATHIAS

Acho, sim; dá-me as minhas notas.

DIONISIO, passeando

Pois tu verás, que o Dionisio não se deixa apanhar como qualquer sendeiro!

MATHIAS, pondo-se-lhe diante

Que diabo de historia é esta?! dás-me o dinheiro ou não?

DIONISIO, parando admirado

Qual dinheiro?!

MATHIAS, recuando com os olhos fitos em Dionisio

Indoideceste?! Os meus seis centos mil réis.

DIONISIO

Os teus seis centos mil réis?... Porquê? as nossas contas não estão saldadas? (Indo pegar n'um livro de contas.) A mim parecia-me que... mas espera ahi, que eu procuro.

MATHIAS, dando um murro no balcão

Com dez mil milhões!... Não procures ahi nada.

DIONISIO, fechando tranquillamente o livro

Não te esquentes; eu estava bem certo de te não dever, mas como dizias...

MATHIAS, espumando de raiva e querendo moderar-se

Anda cá, Dionisio; eu estou quieto, estou manso como um borrêgo... (Dando outro murro no balcão.) mas os seis centos mil réis, que te dei pelo teu caixeiro...

DIONISIO

Homem, olha que quem ouvir póde pensar mal de mim. Já minha enteada te disse, que não se vende gente cá em casa. Que diabo! eu não sou nenhum malvado. Fiz asneiras n'outro tempo, porém emendei a mão e hoje sou pessoa séria e capaz.

MATHIAS

Fizeste asneiras? Quarenta e tantas mortes!...

DIONISIO

É falso; provei no Porto, que foi o cholera quem atacou os passageiros.

MATHIAS

E o roubo do meu bahú? Tambem foi o cholera quem o fez?

DIONISIO

Ah! sim; as tuas notas falsas...

MATHIAS

Falsas ou não, nós repartimos; e as de hoje são verdadeiras.

DIONISIO, em ar de duvida

Tu tens notas verdadeiras?!...

MATHIAS

Posso-te dar um juramento de alma!... palavra de honra!

DIONISIO

Façò justiça á tua probidade... e por isso me admiro muito, que duvides da minha!

MATHIAS

Eu não duvido de coisa nenhuma! vejo que me não restitues o meu dinheiro e acho-me embaraçado a respeito do nome que se deve dar aos que guardam o alheio. (Aparte.) Deixa estar, ladrão, que eu te ensinarei!

DIONISIO

Ó Pedro? Pedro?!...

PEDRO, dentro

Senhor?

DIONISIO

Anda para o armazem. Amigo Mathias, até outra vez.

MATHIAS

Ficas-me com o dinheiro? Vê lá o que fazes! Affirmo-te que o Mathias do Oiteirinho não é tão tolo como o julgas e que não te perdoará uma ladroeira tão descarada.

DIONISIO, tomando uma atitude digna

Se me chamas ladrão, levo-te aos tribunaes para te obrigar a provar o que dizes. Até agora julguei que estavas gracejando; mas, se fallas sério, deixa-me chamar testemunhas.

Fingindo que vae chamar ao outro armazem.

MATHIAS

Adeus, Dionisiosinho. (Dando com o punho no balcão.) Até á vista, com dez mil milhões!...

Sae.

SCENA VII

DIONISIO, só, indo espreitar Mathias até á porta

Ora o patife! atrever-se a chamar-me... (Volta para dentro e tira as notas do bolso.) As notas serão falsas? (Examina-as cuidadosamente e torna a guardal-as.) E a senhora minha afilhada, não me saiu uma espertalhona mestra?! Governa a mãe e dirigia as transacções de importancia que eu fazia!... Sim senhor; é um logro bem pregado a quem a julgava parva ou estupida! Agora é que eu percebo a causa porque minha mulher quiz que se vendesse tudo, e que ficassemos só com estes armazens, para receber generos á commissão!... Eram conselhos da filha... e está visto, que, empregando-se o dinheiro todo nos papeis do Estado, e sendo ella maior d'aqui a dois mezes, fico eu a ver navios! Olhem lá, se me não tenho prevenido a tempo e mandado os meus duzentos contos, sem ninguem saber, para o banco de Londres?! A parte de minha mulher hei de eu governar sempre... mas ella está alli e está no outro mundo!... (Ponderando.) Pare-

ce-me que fiz mal em me indispôr com o Mathias?... (Tira as notas da algibeira.) E se estas notas forem falsas? O tratante anda sempre cheio como um ovo!... em todo o caso, vou trocal-as por outras. (Abre a caixa grande e troca as notas por outras.) Isto é mais livre de escrupulos. (Olhando para dentro da caixa.) Duzentos e noventa e cinco contos... aqui estão, amarradinhos no lenço do Dionisio, como se quizessem pedir-me, que désse uma boa lição ás senhoras doutoras, que se julgam muito letradas e vieram metter-me nas mãos a corda com que as posso enforcar! (Rindo.) Era de as amolgar a ambas!... ficavam asseiadas! Os armazens, vendidos com tudo quanto teem dentro, mal chegavam para pagar aos crédores da casa...

SCENA VIII

DIONISIO e PEDRO

PEDRO

O senhor padre tornou a escrever ao Domingos... a mim ninguem me escreve! (Vendo Dionisio a olhar para dentro da caixa, áparte.) Que diabho estará o patrão alli a mirar?!

DIONISIO

Quem é?... ah! és tu? (Fechando a caixa.) Que queres?

PEDRO

O senhor Dionisio não me chamou?

DIONISIO

Chamei, sim; porque não vieste logo?

PEDRO

Porque a menina mandou-me esperar no outro armazem.

DIONISIO

Para quê?

PEDRO

Para me dizer que não tornasse a receber ordens senão da patroa.

DIONISIO

Sim? Pois estimo isso muito.

Sae.

SCENA IX

PEDRO, só

Que terão elles hoje? Parece que andam de mal! Ah! para homens como este é que se fez o Brazil; primeiro, ganhava trazendo-

nos para cá enganados... e quando eu vim matou alguns quarenta! O consul mandou-o preso para Portugal, mas lá soltaram-n'o! Volta o sugeito aqui, em tão boa hora, que logo cazou riquissimo! Que importa que a mulher se segurasse com escripturas, se elle é quem põe e dispõe e tem-se enchido, segundo por ahi dizem?! Para os tratantes é que isto é bom! Os asnos, como eu e o Domingos ou como a maior parte dos meus camaradas de viagem, morrem quasi todos miseravelmente, sem nunca juntarem dinheiro para voltar! Chegamos cá trezentos, na mesma viagem, e, no fim de sete annos, ainda nenhum tornou á sua terra! Uns, trabalham com os pretos nos engenhos e roças; outros, nas estradas, onde mal ganham para comer um pouco de peixe secco e farinha; alguns, sugeitam-se aos serviços mais indignos, para não morrerem á mingoa; e muitos — esses foram os mais felizes! — levou-os a febre amarella e a fome! Venham, venham para o Brazil procurar felicidade, se querem saber o que é desgraça!

Senta-se.

SCENA X

PEDRO e DOMINGOS

DOMINGOS

Meu Pedro, alegra-te; Deus compadeceu-se de nós; vamos melhorar de posição.

PEDRO

Porquê? Eu já não espero nada bom da sorte.

DOMINGOS

Não desanimes. D. Eugenia não é idiota, como o patrão assoalhava... eu nunca tal acreditei!

PEDRO

Que temos nós com isso?

DOMINGOS

Dentro em dois mezes o Dionisio ha de entregar-lhe tudo quanto é d'ella e da mãe; e quem cuidas tu que vae dirigir a casa?

PEDRO

Seja quem fôr; para mim é o mesmo. O que eu queria era pagar o que devo e arranjar a minha passagem para o Porto; nada.

mais peço a Deus senão isto; desejo ir morrer na minha aldeia.

DOMINGOS

Cobra animo; ha n'esta casa um anjo, que nos ha de valer; confia em D. Eugenia.

SCENA XI

PEDRO, DOMINGOS, EUGENIA

EUGENIA

E confiem tambem na sua probidade e intelligencia; não pensem que só os traficantes enriquecem no Brazil; a maior parte dos seus patricios, que teem feito fortuna n'esta terra, são homens de bem, que devem os seus haveres ao trabalho honrado e assiduo. Em toda a parte ha bons e maus, e o meu paiz não podia ser excepção da regra; mas não quero fazer côro com alguns dos meus compatriotas, que apreciam erradamente a maioria dos portuguezes pelos Dionisios e Mathias! Estes existem em todas as nações, mas, felizmente, em grandissima minoria.

DOMINGOS

Eu tambem assim julgo... porém, a verdade é que para tudo se requer felicidade. O Pedro falla, inspirado pela sua paixão; e eu, que tambem não tinha tido até hoje que agradecer á sorte, achava-lhe razão.

EUGENIA

Continuem a ter paciencia por mais algum tempo; o senhor Domingos sabe já as minhas intenções a seu respeito... e o senhor Pedro ha de ser egualmente recompensado, pelo trabalho e zelo com que tem servido em nossa casa. Já fallei com minha mãe e ella approvará tudo quanto eu fizer.

PEDRO

Ai, menina... o que eu queria, a minha maior ambição, o meu unico desejo...

EUGENIA

Qual é? diga.

PEDRO

É voltar para o meu paiz.

EUGENIA, rapidamente, a Domingos

E o senhor Domingos? Tambem deseja retirar-se?

DOMINGOS

Não, minha senhora; ficarei ao seu serviço, emquanto v. ex.ª e a senhora sua mãe quizerem.

EUGENIA

Bem; pois a todos se fará a vontade. O senhor Pedro, que foi sempre bom caixeiro e que nunca teve o ordenado que merece o seu trabalho, receberá dois contos e quinhentos mil réis, pelos cinco annos que se lhe devem; irá matar as saudades da patria, e, se lá as sentir depois por nós, voltará, porque lhe fica guardado o seu logar. A venda dos engenhos não impedirá, que eu torne a ter emprego para dar a um moço honrado como o senhor.

PEDRO, com pasmo

Louvado seja Deus! Dois contos e quinhentos?... para mim! (Caindo de joelhos.) Os desgraçados julgam sempre o mundo peior

do que elle é realmente; ainda ha corações que sabem fazer chorar!

Chora.

EUGENIA

Mas não chore! senhor Domingos, diga-lhe que não chore.

PEDRO, muito commovido

Deixe-me chorar, que é de alegria; após tantas lagrimas de amargura, faz bem e consola chorar um instante de contentamento.

SCENA XII

PEDRO, DOMINGOS, EUGENIA, DIONISIO

DIONISIO, parando ao fundo

Que é aquillo? Estão a chorar! (Tirando um lenço da algibeira.) Eu não os quero escandalisar... (limpando tambem os olhos) uma vez que a coisa vae assim!... (Rindo.) Não é má tolice! (A Eugenia.) A tua administração começa representando uma farça no armazem! Ah! ah! ah!

EUGENIA, limpando os olhos

Isto é para quem entende.

DIONISIO

Isso sei eu. Para mim é fino de mais; sempre embirrei com lamurias! (Vendo Domingos a limpar os olhos.) Pedaço d'asno, vae arrumar aquelles barris de aguardente, que estão lá em baixo, anda! (Domingos sae; a Pedro.) Vae tu tambem, pateta. (Pedro sae; a Eugenia.) Corre para junto de tua mãe, que lhe deu agora um vagado mortal.

EUGENIA, assustada e prestes a sair

Ai! minha pobre mãe!... E o senhor Dionisio não vèm? Afasta-se de sua mulher, quando a vê peior! tal é o amor que lhe tem!

Mede-o com um olhar de desprezo e sae.

SCENA XIII

DIONISIO, só, vendo sair Eugenia

Tenho-lhe aturado o diabo! não estou para mais... Vae tu, idiota! Idiota?... agora mais do que nunca. Eu sou menos theatral, mas comigo não se caçôa impunemente. (Indo á porta da rua.) Anda cá, Anastacia; senta-te

ahi ao pé da porta e vigia o armazem, em quanto eu chego alli á travéssa para receber uma continha. (Volta para dentro e depois de espreitar se está alguem no outro armazem, abre a caixa e tira o lenço que lá mettera com as notas.) Trago sempre comigo a chave da porta da mulata Felicidade, e vou n'um pulo metter isto n'um babúsinho, que lá tenho guardado... Grande coisa é a gente fazer bem aos outros! pago a renda da casa á Felicidade, e tenho á minha disposição aquelle retirosinho, que ninguem conhece, para guardar as minhas economias... Nem a propria mulata sabe que eu lá as tenho! cautela e caldo de galinha, não fazem mal a doente! Emquanto vou, esquece-me meia aberta a torneira d'este barril de cachaça, d'onde vou tirar uma pinga para dar á minha preta... (Pega n'um copo, enche-o de aguardente, n'um barril que está ao pé da caixa, e deixa a torneira aberta, ficando o liquido a correr pelo sobrado em roda da caixa.) Calha mesmo ao pintar! corre para onde eu quero e vae empoçar-se debaixo do cofre!... Quando eu vier, é só chegar-lhe um phosphoro... (Vae com o copo na mão para a porta.) Toma lá, Anastacia, para que

m'a não furtes; não entres cá dentro, que eu volto já.

Dá o copo para fóra, vae buscar o lenço cheio de notas, que está em cima da caixa, mette-o debaixo do casaco e sae rapidamente.

SCENA XIV

DOMINGOS e ANASTACIA

DOMINGOS, vem do fundo a correr e vê Dionisio occultar o lenço das notas antes de sair

Senhor Dioni... (Parando estupefacto.) Havia de jurar, que o vi esconder debaixo do casaco o lenço com os tresentos contos em notas?!... Saiu a correr?! Isto já não são horas de transacções... nem o patrão deixaria o armazem só... A senhora está expirando e mandou-me chamal-o!... (Indo para a porta.) Nada; não podia ser o dinheiro... Ah! cá está a preta. Ó Anastacia? onde vae o teu senhor?

ANASTACIA, apparecendo á porta com o copo na mão

Pae siô foi rêcêbê um conta alli no travessa, e dizi que vem já; mandou Anastacia ficá a tomá sintido nos armazem e deu

um gôro di cachaça. (Dando-lhe o copo.) Siô moço faze favô de pégá o copo?

DOMINGOS, pegando no copo

Corre pela travessa acima e vê se o encontras; dize-lhe, que a senhora D. Anna está morrendo, que lhe quer fallar já, já, e que veja se traz o medico e o padre.

ANASTACIA

Eu não vae lá.

DOMINGOS

Porquê?

ANASTACIA

Siô dizi que Anastacia fica aqui, e que não saíssi d'aqui da sua porta d'elle.

DOMINGOS, aflicto

E a mãe senhora, que morre sem o vêr!

ANASTACIA

Oia, lá vem pae siô!

Sae.

DOMINGOS

Ah! felizmente.

SCENA XV

DOMINGOS e DIONISIO

DIONISIO, com desconfiança, áparte

Mau!... elle veria alguma coisa?!

DOMINGOS

Vá depressa ao quarto da senhora, que está expirando e que deseja fallar-lhe antes de morrer. Já se foi chamar o medico, e o padre, mas não apparece nenhum d'elles. Veja se lhe accode... faz um dó vêl-a padecer!

DIONISIO, que tomou uma atitude de tristeza comica ás primeiras palavras de Domingos, esfregando um olho com o dedo, como para limpar uma lagrima ausente

Querem ver, que se vae d'esta, coitadinha?!

DOMINGOS

O senhor não parte?! Olhe que ella morre!...

DIONISIO

Vae tu lá e dize-lhe, que espere um instantinho.

DOMINGOS

Como ha de esperar, senhor, se está

mesmo acabando?! Talvez que já seja tarde...

DIONISIO, empurrando-o e fingindo-se muito magoado

Não me aflijas mais! Vae a correr e dize-lhe, que me demoro só o tempo de metter na caixa um dinheiro, que venho de receber; vê se a entretens; dá-lhe conversa e pede-lhe por favor, que não morra sem eu ir fallar-lhe. .

DOMINGOS, que vae para responder, olhando para o chão

Que é isto? Encheram a casa de agua! (Reparando para a torneira, que está aberta e vendo a aguardente a correr.) Ih! com Deus! Deixaram a torneira mal fechada! (Vae fechal-a.) Lá se foi o barril todo da melhor aguardente de prova!

DIONISIO

Olha que arranjo! Seria a patifa da Anastacia quem veiu a ella? Aquillo é uma ladra! uma bebeda refinada!... (Empurrando Domingos.) Mas, que importa um barril de cachaça, n'uma situação d'estas? Avia-te! e o Pedro, que vá chamar o medico; manda

um escravo procurar o padre, outro, o sachristão, outro, o coveiro... não, o das armações ou coisa que o valha... Arrangem isso tudo; e tu não me saias de ao pé d'ella! (Indo atraz de Domingos, que sae de má vontade.) Corre quanto podéres!... (Fingindo-se muito commovido.) Se a perco, meu Deus, se a perco?!... (Gritando atraz de Domingos.) Ouves? Eu fecho o armazem e já te sigo. (Volta para traz, fecha as portas que deitam para a rua e accende um phosphoro.) Não se vê nada com as portas da rua fechadas!... (Deita o phosphoro sobre a aguardente, que se inflamma, e uma chamma enorme rodeia a caixa e corre pelo armazem.) Oh! com mil demonios! lá me caiu o phosphoro na aguardente!... e ella arde como polvora! (Indo para o fundo e chamando, mas sem gritar.) Ó rapazes?... Não accode ninguem! e queima-se a caixa do dinheiro, com tudo quanto tem dentro! Eu não posso salval-a, porque é parafusada ao chão e o fogo anda-lhe á roda!... Ih! como elle lavra! Vou buscar soccorros.

Sae, fechando as portas do fundo; o incendio apodera-se rápidamente do lado da scena aonde está a caixa.

SCENA XVI

PEDRO, só, momentos depois de sair Dionisio

Já morreu! a senhora já mo... (Vendo o incendio e gritando.) Fogo! fogo nos armazens! Soccorro! soccorro! Senhor Dionisio? oh! senhor Dionisio?! Domingos?! Senhora D. Eugenia?! (Correndo para o fundo e gritando.) Fogo! fogo nos armazens!

SCENA XVII

PEDRO, EUGENIA, DOMINGOS,
depois DIONISIO

EUGENIA, chorando

Oh! meu Deus! A morte de minha mãe e um incendio em casa! Acudam! chamem os escravos! Abram as portas, para que alguem nos ajude!

(Pedro e Domingos precipitam-se para as portas da rua, que abrem; apparecem algumas pessoas do povo, que principiam a rolar pipas e barris para a rua, dirigidas e auxiliadas pelos dois caixeiros.

DIONISIO, ao fundo, fingindo que chora

Já tinha fallecido quando eu cheguei! Era

uma santinha!... (Correndo para a scena.) Que nova desgraça é esta?! A caixa! Salvem a caixa, que tem trezentos contos em notas!

EUGENIA, querendo correr para a caixa, que desappareceu no meio das chammas

Ah! se a não salvam, fico desgraçada!

PEDRO, indo para se arremessar ao fogo

Aqui é que se vê quem é homem, com todos os dianhos!

DOMINGOS, que tem estado a observar Dionisio, segurando Pedro por um braço

Não te mates, rapaz; a caixa está vazia.

EUGENIA e PEDRO, com espanto

Vazia?!

DIONISIO

Ensandeceu com o fogo! (Olhando para o tecto.) Fujam, que vae cair tudo!

Todos fogem; a parede do lado da caixa desaba, o incendio ganha todo o theatro; cae o panno.

ACTO QUARTO

Grande salão, em casa de Dionisio. Portas ao fundo e lateraes. Mobilia rica, mas pesada e sem gosto; reposteiros de velludo encarnado, sophás e cadeiras doiradas; uma estante e uma banca, no mesmo estylo dos outros moveis. Grande fogão, com espelho por cima. Um cofre de prata sobre a mesa. Ao fundo, entre as portas, um quadro a oleo, representando um macaco a barbear-se. Flôres por toda a parte, e tudo em desharmonia com o papel das paredes e com os estofos dos moveis.

SCENA I

DIONISIO, só, vestido sem elegancia, de casaca preta, collete e gravata branca, enorme corrente no relogio, uma grande commenda ao peito e luvas na mão; entra e vae direito ao fogão, que tem lume

Vamos gozar isto. Que bello fogo! (olhando á roda de si) e que luxo! Digam-me, que não tenho gosto ou que não sei gozar a minha riqueza!... Está-me parecendo que gastei

mais do que era necessario... Ora, adeus! até aqui, vivi só para trabalhar; agora, quero figurar; desejo ser barão... e já tenho promessa do titulo! (Senta-se.) Barão? eu! o Dionisio Cencadas, filho da Josepha de Cadilhe!... Quem reconhecerá debaixo d'esta elegancia o capitão de navios, processado pela ridicula accusação de lhe terem morrido quarenta e tantos colonos a bordo! E quem pensará ainda em me accusar pelo incendio casual do anno passado, em que se perdeu tudo quanto possuia minha enteada? O pateta do caixeiro disse, que as notas não estavam na caixa, e houve quem se atrevesse a rosnar! mas eu, que embirro com chicanas de justiça, atabafei tudo... e cá estou commendador! (ergue-se) com promessa de vir a ser barão! Grande coisa é ter dinheiro! Ninguem quer saber d'onde elle vem; a questão é que o sintam! — Está aqui um calor de seis centos diabos! Eu penso que não é moda ter fogões no Rio; mas vi que se usavam lá por Lisboa, e trouxe um. É traste que dá um certo ar de fidalguia á gente, e como festejo hoje a minha installa-

ção na casa nova, com um jantar aos meus amigos, quero que elles o vejam trabalhar. Se acharem muito calor, toma-se neve. É pena que não estejam aqui o Barroso e o Mathias!... Que diriam elles, se me vissem n'esta posição?!... Verdade seja, que tambem não me convinham agora muito aquellas relações... dois pobres diabos!... Ah! o dinheiro é uma bonita invenção! Faz-se o que se quer com elle!... um jantar dado a certa gente, que é trunfo, abre caminho para tudo? Um homem, que chega onde eu cheguei, e que tem tal ou qual representação, não póde deixar de fazer o que eu faço. Todo o convidado, depois de ter comido bem, é capaz de grandes coisas; o caso é saber tirar partido d'elle! Estabeleço as quintas feiras para as minhas reuniões... dentro em pouco enche-se-me a casa de ministros, de condes, de duques... e de principes, — porque não?—talvez que o proprio imperador?... Quem sabe! toma-se confiança, trata-se a gente por tu... (Offerecendo uma cadeira.) Senta-te, duque; (pegando em outra) marquez, não faça ceremonia (outra) então, visconde, porquem

é!... (Outra.) Oh! meu senhor!... Será possivel?! uma graça d'estas?!... (Gritando.) Oh! Pedro, traze mais cadeiras! (Ensaiando uma cortezia ao espelho.) Criado de voscellencia! (Contente de si.) O que é ter a gente nascido para as coisas! como a fidalguia me fica bem!

SCENA II

DIONISIO e PEDRO

PEDRO

Vossemecê pediu cadeiras?

DIONISIO, furioso

Bebado! não te tenho ensinado, que digas — senhor commendador — e me dês o tratamento de excellencia? Não sabes que sou quasi fidalgo?

PEDRO

Sempre me esquece...

DIONISIO

Mette lenha no fogão. (Áparte.) Como isto faz bom effeito! (Alto.) Mette lenha no fogão!

PEDRO

Olhe que já tem muito lume.

DIONISIO

Tu não entendes nada d'isto; mette mais lenha.

PEDRO, mettendo lenha no fogão

Lá vae; está aqui fogo para assar um boi!

DIONISIO

Muda-te; e dize á preta Anastacia, que tenha tudo prompto para as quatro horas.

PEDRO

Vossemecê está a suar como um cavallo!

DIONISIO, correndo atraz d'elle

Eu esborracho-te, patife!

PEDRO, fugindo

Oh! senhor commendador...

DIONISIO, amaciando com o tratamento

Está bom, senhor; continue a ser intelligente, que ainda póde ganhar a minha confiança, e vir a ser alguem.

PEDRO

Muito obrigado. Esquecia-me dizer-lhe,

que está lá em baixo o tio Mathias do Oiteirinho.

DIONISIO

Hein?

PEDRO

O tio Mathias.

DIONISIO, sentando-se

O tio Mathias! Que qualidade de homem é elle?

PEDRO, impacientando-se

É o tio Mathias! Então vossemecê já não se lembra?

DIONISIO, erguendo-se, irritado

Eu bem sei do que me lembro, senhor; e advirto-o, pela ultima vez, que já não está nos armazens; aqui é o salão d'um commendador; se não me fallar com o respeito que me deve, mando-o para casa do diabo, ouviu?

PEDRO, entre comico e timido

Sim, senhor... se lhe parecer, mande-me antes para a minha terra.

DIONISIO

Vae-te com os diabos; mas paga-me primeiro o que ficaste devendo á casa.

PEDRO

A casa arruinou-se com o fogo ou com... e era da menina Eugenia. Além d'isso, eu fiquei a trabalhar na sua chacara, emquanto o senhor foi a Lisboa... A minha obrigação era trabalhar para sua enteada, que ficou a pedir esmola, coitadinha! A ella é que eu devia.

DIONISIO

Não me repitas essas tolices! Bem sabes que não recebi os meus ordenados, como administrador, e que em logar d'elles fiquei comtigo; já depois d'isso te adiantei mais dinheiro...

PEDRO

Quando se queimaram os armazens, affirmava muita gente, que vossemecê abalara para Lisboa, com toda a riqueza da menina; o Domingos disse que o viu sair de casa com os tresentos contos, antes de principiar o fogo; e o caso é, que vossemecê está rico

e a pobresinha da senhora D. Eugenia passa grandes necessidades, segundo me contaram já.

DIONISIO, ameaçando-o

Tratante! Tu bem sabes, que se eu tenho dinheiro é porque o ganhei n'outro tempo, em operações commerciaes, e com transacções feitas ultimamente. Minha enteada nem os meus ordenados me pôde pagar! Essas más linguas, que me calumniam, são de invejosos!... (Caindo de tom.) Não vale a pena zangar-me; deixa fallar quem falla. Se te não serve a minha casa, dá-me duzentos mil réis que me deves e vae-te.

PEDRO

Se o senhor me fizesse a esmola de me mandar para a minha aldeia?... Lembre-se, que ha um anno que o sirvo quasi de graça.

DIONISIO

De graça? Ganhas sessenta mil réis por anno!... E andas aqui sempre com a tua terra na bocca! Quem te ouvir, ha de cuidar que possues n'ella algum palacio.

PEDRO

Antes me queria lá no meu palheiro do que...

DIONISIO, que se approximara do fogão, afastando-se

Com mil demonios! tu não achas muito calor?

PEDRO

Se não acho?! parece que está a gente a frigir! Eu bem lh'o dizia ha pouco.

DIONISIO

Esta, só pelo diabo! se não me costumo agora ao fogão, faço uma figura tristissima!

PEDRO

Quer que apague o lume?

DIONISIO

Não; tu sabes se é costume ter os fogões accesos n'este tempo?... ou se alguem os usa no Rio?

PEDRO, coçando na cabeça e tomando um ar de importancia

A mim parecia-me, que... que os fogões...

não servem senão para aquecer a gente, nas terras onde faz frio.

DIONÍSIO

E eu sou tão asno que lh'o pergunto! Vae lá para dentro.

PEDRO, saíndo, áparte

Cá para mim é mais que certo estar elle rico á custa da desgraça alheia!

SCENA III

DIONISIO, só

Sinto a camisa agarrada ao corpo! (Indo á estante.) Vamos matar um bocado de tempo. (Pega n'um livro.) Eu não sei para que servem os livros! A gente da minha classe compra-os por moda e atira-os para ahi, afim de fingir que lê. (Abre o livro e torna-o a fechar.) Vou mudar a camisa! (Olhando para o fogão.) Que fogo enorme! Se chegassem agora os convidados, ficavam pasmados de tanta grandeza! (Pondo a mão no pescoço.) Pelo menos, preciso pôr outro collarinho; este está n'uma sôpa. Safa! que é de abrazar!

Sae.

SCENA IV

PEDRO, só, espreitando Dionisio

Se eu podésse sair agora por um instante?!... O Domingos Palmeiro está parado á esquina da rua do Ouvidor... Havia immenso tempo que eu não o via! nem o julgava já no Rio. Aquelle foi mais esperto do que eu; não se deixou cangar pelo Dionisio!... é verdade que a roupa, que traz vestida, mostra tambem que elle ainda não melhorou de fortuna. Vou vêr se lhe fallo; se o patrão chamar, que espere; vá para o inferno!

Sae.

SCENA V

DIONISIO, só, esfregando as mãos

O negocinho vae bem! Agora é que recebi a noticia de terem chegado os quatrocentos colonos brancos... com os tresentos pretos, que se metteram em Cuba a salvamento, faz este mez uma continha callada! Bebem-se mais algumas garrafitas de Porto ao jantar... (Indo ao espelho.) Que diabo de gravata, que não quer andar senão á bolina!

(Indireitando-a.) Puff! está um calor de rachar! (olhando para o lume) e o fogão precisa de lenha, senão, apaga-se!... mas, parece-me que não aguento mais força?! Receio dar um estoiro! (Reflexionando.) É moda pôr fogões nas sallas, os fogões são para ter lume, e ou me heide costumar ou...

SCENA VI

DIONISIO e MATHIAS

MATHIAS

Exquisita coisa! Esqueceram-se de mim na escada! (Olhando para a salla.) Caspite, que luxo!

DIONISIO

Quem é o senhor?

MATHIAS

Sim, senhor; está de gosto a casinha!

DIONISIO

Diga quem é e que quer.

MATHIAS

Hein? (Reparando no trajo de Dionisio.) Olha, olha,

como elle está bonito! (Batendo-lhe familiarmente no hombro.) Ora o maganão!

DIONISIO, recuando, severamente

Senhor Mathias!...

MATHIAS, sorrindo

Ah! seu brejeiro!... já se lembra quem eu sou?

DIONISIO, com desdem

Tenho uma certa idéia... creio que o vi, n'outro tempo...

MATHIAS, sentando-se n'uma cadeira estofada, e erguendo-se repetidas vezes, para lhe experimentar as mollas

Tambem me parece... Boas cadeiras, na verdade!... e macias! Uma vez, a bórdo... um certo bahú... onde se queriam roubar umas certas notas...

DIONISIO, rapidamente

Falsas?

MATHIAS, erguendo-se e estendendo-lhe a mão

Querido Dionisio!

DIONISIO, apertando-lhe a mão

Excellente Mathias! (Ficam um bocado de mãos

dadas, depois Dionisio indica uma cadeira a Mathias e sentam-se um ao lado do outro.) Que é feito do Barroso? Ha seis annos que não o vejo!

MATHIAS

Vive dos seus rendimentos, em Lisboa. Deitou carruagem, e já não negoceia. A coisa por cá tambem tem ido cada vez melhor, ao que parece? Tens um casão, e toda a gente falla em ti no Rio!

DIONISIO

Hum... vive-se, vive-se. E tu? por onde tens andado? Não te vejo ha...

MATHIAS

Ha um anno. (Sorrindo.) Desde o dia em que se queimaram os armazens de tua enteada.

DIONISIO

Coitada! perdeu-a o orgulho e a lingua. Se não me tivesse insultado, viveria hoje feliz, na minha companhia; mas, no momento mesmo em que eu, vendo-a reduzida á miseria, ao pé do corpo ainda quente da mãe, lhe offereci, que fosse dormir a casa de

uma mulata por nome Felicidade, até se arranjar habitação mais decente, descompoz-me de ladrão; e a minha dignidade offendida fez com que eu saísse, sem querer saber mais d'ella.

MATHIAS

E que é feito da pobre pequena? Ficou sem nada? E os escravos?

DIONISIO

Não chegaram para os crédores. Tinham-se vendido os predios todos... estavam tresentos contos em notas na caixa que se queimou! Nunca se soube como pegou o lume... parece que foi obra do diabo!

MATHIAS

Não duvido nada... Mas... porque saíste tu, logo em seguida, do Rio para Lisboa? houve por ahi quem dissesse, que o fogo fôra posto para occultar o roubo dos tresentos, feito por ti!...

DIONISIO

Calumniadores! Eu te conto como penso

que a coisa se deve ter passado, pouco mais ou menos. A minha preta Anastacia tinha ido furtar cachaça a um barril, e deixou a torneira mal fechada; o chão ficou n'um lago... pisaram com os pés algum phosphoro caído...

MATHIAS

Vê como o diabo as arma!

DIONISIO

Accudimos todos; minha mulher acabava de morrer e foi preciso deixar-se o corpo só para se ir combater o incendio; apenas tinhamos salvado meia duzia de barris, quando abateu uma das paredes e o fogo tornou-se geral; corremos então para as casas de habitação e apenas tivemos tempo de tirar a morta para a rua! Ardeu tudo! Eu mandei abonar as despezas do funeral... mas, desgostoso com o que ouvira á minha enteada, saí para Lisboa. Voltei, haverá uns seis mezes, e nunca mais ouvi fallar na rapariga. A calumnia nem de leve me feriu! As pessoas de representação e os homens de bem, nunca me retiraram a sua confiança...

(mostrando a commenda) e até, para recompensar os meus pequenos serviços...

MATHIAS

Já reparei; como foi isso? Tambem tens prestado serviços?

DIONISIO

Bagatellas! assigno todas as subscripções; pertenço a todas as sociedades de beneficencia e sou o primeiro dos patriotas, apesar de me ter naturalisado brazileiro, assim como tu, cá por certos motivos...

MATHIAS

Bem sei; escusas de os dizer.

DIONISIO

Um amigo de influencia, disse-me que parecia mal eu não ter isto (indicando a commenda); que os ministros desejavam que eu acceitasse porque se fallava em mim no paço, etc., etc., etc.

MATHIAS

Devéras? Muito me contas!

DIONISIO

Tudo favores, que eu não mereço. Acredita que não peço nada; porém, isto de ter a gente boa reputação, e o saber-se que juntei algumas economias... e que sou feliz nas transacções em que entro...

MATHIAS

Ah! tens algumas economias?

DIONISIO

Miserias! possuo uns vintensitos, que não me servem senão de incommodo! Consta-me agora, que tambem me querem fazer barão...

MATHIAS

Ah! ah! meu rapaz; isso é que é caminhar! Com que então, apesar de tudo quanto se disse, barão, hein?

DIONISIO

É o meio porque os homens justos e meus amigos respondem aos tratantes, que me calumniam. Sabe toda a gente, que eu fui victima do fogo porque não recebi os

meus ordenados de administrador; apenas apanhei um caixeiro por conta!

MATHIAS

Pobre Dionisio!

DIONISIO

A coisa, até certo ponto, não foi mal feita! Se eu tivesse sido menos asno, andaria pago em dia e escusava de perder alguns contos de réis... Por outro lado, não desistimo vêr castigada a soberba da minha enteada e do seu protegido Domingos, que, aqui para nós, creio que a namorava e que ella lhe dava corda.

MATHIAS

Sim?! Então a doutora?... (Rindo.) É boa! E que foi feito d'elle?

DIONISIO

Não sei; é possivel que viva com ella em algum sitio do matto, aonde passe o tempo a fazer-lhe discursos sobre o amor.

Rindo.

MATHIAS, rindo tambem

Sabes, que tens graça a contar essas coi-

sas? Já adquiriste as maneiras da côrte! O que é a gente lidar com os graúdos!

DIONISIO, áparte

O patife não se vae embora, e os meus convidados não tardam!... (Alto.) Se eu apanhar algum dia o tal sugeito!... elle tambem ficou a dever á casa, e, como eu sou crédor... Porém, fallemos de ti. Que tens feito?

MATHIAS

Chego da Europa.

DIONISIO

Então temos fornada no mercado? Já não faço este anno mais transacções senão em metal sonante.

MATHIAS

Isso acabou; agora negoceio em vinhos.

DIONISIO

É mais seguro; e como vaes de fortuna?

MATHIAS

Assim, assim... Tu tens alli um braseiro para assustar lobos! Eu estava sentindo um calor de mil diabos, e não sabia porquê!...

DIONISIO

Então que queres? a moda tem exigencias!...

MATHIAS

Ah! é moda assar a gente? Um fogão no verão e no Rio de Janeiro, só ao diabo lembra!

DIONISIO

Achas que se não devia ter accendido?

MATHIAS

Tu não sabias? (Rindo.) Estás um forte barão! Pois, amigo, eu cá vou indo pouco a pouco, sem fazer bulha, e não quero titulos... A final de contas, sempre hasde ser um fidalgo, que cheira a breu e a maresia!

DIONISIO

Enganas-te; ha oito annos que não embarco e o contacto com a gente fina tem-me aproveitado. (Andando com ar de magestade burlesca.) Repara n'esta airosidade!

MATHIAS, rindo

Nem sequer sabias que se accendem os fogões no inverno, e que só se usam em

terras frias! Eu não posso aturar o teu braseiro, e vou-me embora.

DIONISIO

Então adeus. (Aparte.) Deixo apagar o lume porque tambem não aguento!

MATHIAS

É verdade: podes-me dar hoje aquelles seiscentos mil réis que sabes? Como te não tornei a vêr, desde aquelle dia, e me demorei bastante em Portugal, fazia-me agora bem bom arranjo recebel-os.

DIONISIO

Um amigo é para outro nas occasiões; se precisas de seiscentos mil réis, faze-me uma obrigaçãosinha, garantindo-me o capital, e tudo se ha de conseguir.

MATHIAS

Eu não venho discutir comtigo; se te peço a divida, não é pelos seiscentos mil réis, de que nem tu nem eu fazemos caso; é pela patifaria com que m'os roubaste.

DIONISIO, indo para elle

Roubar! Já viste algum commendador ladrão?! Põe-te no meio da rua!

MATHIAS, sorrindo

Não grites; eu vinha propôr-te a paz, a troco de uma miseria!... já uma vez te dei trinta e nove contos de reis...

DIONISIO

Fallas sempre nas tuas notas falsas!

MATHIAS

Não me pagas?

DIONISIO, hesitando

Se fizesses isso por... por... duzentos mil réis, vá!

MATHIAS

Ah! já confessas o roubo? Não abato nem um real; quero os meus seiscentos mil réis com o juro da lei, e faço-te muito favor em pedir só isso.

DIONISIO, com firmesa

Eu não te devo nada; dei-te um homem pelo teu dinheiro.

MATHIAS, abrindo o cofre que está sobre a mesa quando Dionisio volta as costas

Olha, que nós somos duas potencias, e não devemos viver em guerra!...

DIONISIO, vendo-o pelo espelho abrir o cofre

Está vasio, meu amigo! (Rindo.) Ah! ah! ah! Assim eu era tolo, que tivesse ahi o meu remedio! Isso é um traste de luxo.

Volta-se rindo, Mathias approxima-se do espelho.

MATHIAS

Pateta! Um homem de juizo não mostra a sua habilidade diante dos espelhos. (Mette um maço de notas atraz do espelho, de modo que Dionisio o não veja; áparte.) Aqui fica obra para te fazer abaixar a grimpa, e explicar a carta anonyma, que escrevi na sexta feira ao chefe de policia.

DIONISIO, voltando-se e pondo-o fóra com modo muito amavel

Tenho visitas, e ha muito que arranjar... dou um jantar hoje a pessoas da côrte... Adeus, Mathias, adeus.

MATHIAS, saindo ás cortezias

Adeus, meu filho. Lembra-te, que recusaste dar-me o meu dinheiro!

SCENA VII

DIONISIO, só

É birra, mas não lh'os dou; com seiscentos mil réis compro uma preta... Vá para o diabo! Tenho bem medo das suas ameaças!... Em todo o caso, não me fio n'elle e vou espreital-o até á porta da rua.

Sae.

SCENA VIII

THEREZA e ANASTACIA

THEREZA, entrando após Anastacia, por uma porta opposta áquella por onde sae Dionisio

Nossa Senhora seja comigo!

ANASTACIA

Entra, minina; vossemêcê vae sê muito filiz com siô commendadô. Pae siô vae fazê de minina siá môça.

THEREZA, muito espantada

Eu não a entendo! Que terra e que gente, santo Deus! (Olhando para o macaco do quadro.) Aquelle será o patrão?

ANASTACIA, rindo

Sinhásinha tem graça no falá! Aquillo é macaco, qui stá pintado no panno; pae siô comprou pra fazê o salla mais bonito e mais rico. Siô é home de cincoenta e tantos anno, muito perefeito, e bom pissoa. Minina sènta aqui, que siô commendadô stá mudando um cazaca nova, com sua commenda d'elle sobre o seu peito d'elle, que tem visita hoje a jantá.

THEREZA, comsigo

Tudo isto me parece ainda um sonho, um mau sonho, que me persegue ha cincoenta dias! Eu, no Rio de Janeiro!... Jesus, que é de indoidecer!...

ANASTACIA

Sinhásinha gosta di cachâça? Eu vae buscá um pouco pra rifrésca, qui fási muito calô!

Sae.

SCENA IX

THEREZA e DIONISIO

DIONISIO, fallando para fóra

O tal rapaz, que me procura, que venha ámanhã; agora não posso perder tempo. (Tornando atraz e rindo, com ar de basofia.) Só se vier alguma dama...

THEREZA, encolhendo-se a um canto; áparte

Isto será o homem ou o macaco?

Olha, ora para Dionisio, ora para o macaco pintado no quadro

DIONISIO, indo sentar-se ao pé do fogão

O Mathias vae como uma bicha assanhada!... nem olhou para traz! Metade da sua zanga é por vêr o mar em que eu navego! Desconfio que elle está pobre?... aquillo é um grande asno! Até me parece incrivel como eu lhe dei confiança n'outro tempo! Se elle não tem vintem, é porque o negocio da papelada falsa não rende tanto como se diz... e, além d'isso, é arriscado como seiscentos diabos!... Mandar vir colonos, sempre é melhor; basta ser um commercio protegido pelos gover-

nos! Em eu chegando a ter certa continha, não quero mais... Porém (levanta-se) isso ha de ser depois de apanhar o titulo. (Olhando com satisfação para a commenda.) Commendador e barão! (dançando e pulando contentissimo, e cantando) barão, barão, barão! Ah! Josepha das Cencadas!... se tu fosses viva...

Dá de frente com Thereza e fica espantado a olhar para ella

THEREZA, áparte, assustadissima

Cuido que é doido; não me faltava mais nada!

DIONISIO, olhando-a fixamente

Eu conheço esta cara!

THEREZA, áparte

Parece-me que já o vi, não sei aonde!

DIONISIO, sentando-se

Anda cá.

THEREZA, tremendo

Que quer vossemecê?

DIONISIO, batendo na testa

Ah! agora, agora! É a Therezinha da aldeia, de ha oito annos.

THEREZA

Crédo! Será o homem que trouxe o Pedro Fernandes?

DIONISIO

Sou o proprio, minha joia. Como a fortuna é minha amiga!... Conta-me o que se passou para te resolveres a vir tambem ao Brazil?

THEREZA

Fui a bordo, com uma cachopa, que vinha em companhia do senhor padre Manuel, e o ladrão do capitão do navio não me deixou desembarcar e trouxe-me á força!

DIONISIO, sorrindo

Isso acontece ás vezes. Pois, minha linda, agora pertences-me, porque paguei por ti quarenta patacões a esse senhor capitão. Precisava d'uma criada portugueza, para me tratar da roupa, e encarreguei o meu compadre Cardoso de ir escolhel-a a bordo do navio em que vieste. O patife do Cardoso tem bom olho! escolheu muito a meu gosto!... Palavra de honra, que vales mais de outros quarenta patacões!

THEREZA, atterrada

Então venderam-me? Sou escrava?! A gente vende-se!

DIONISIO, sentando-se ao pé d'ella

N'outra qualquer casa, serias quasi escrava; na minha, não; pódes vir a ser senhora...

Pegando-lhe na mão.

THEREZA, fugindo com a mão

Deixe-me!

DIONISIO

Não te faças de manto de seda! Eu sou muito rico; sabe que já me fizeram commendador, e dentro em pouco serei barão... Barão! ouviste? Tenho escravas pretas para te servir, e farei de ti uma rainha, se tiveres juizo.

Tenta outra vez pegar-lhe na mão.

THEREZA, gritando

Ai! Deixe-me, pelo amor de Deus!

SCENA X

THEREZA, DIONISIO, ANASTACIA

ANASTACIA, com um copinho na mão

Bebe um pinga di... Ai! pérdôa, siô.

Volta-se para sair.

THEREZA

Ó senhora, não se vá embora!

DIONISIO

Não sejas tonta, rosinha!

ANASTACIA, olhando para Dionisio com ar de velhacaria

Convidado não vem tam cedo, e jantá não stá prompto antes di quatro hora.

DIONISIO

Bem sei que vales quanto pesas, Anastacia.

A preta sae. Dionisio agarra Thereza por um braço.

THEREZA, forcejando para soltar-se

Largue-me!

DIONISIO, subjugando-a

Não brinques comigo! Já te disse que te

comprei com o meu dinheiro; se fôres rasoavel, serás senhora, senão, serás escrava.

THEREZA, gritando

Soccorro! Soccorro!

DIONISIO, sem a largar

Aqui todos são meus escravos...

SCENA XI

DIONISIO, THEREZA, DOMINGOS

DOMINGOS, mettendo uma porta dentro com um empurrão e percorrendo a salla com a vista

Não está aqui o Pedro?

DIONISIO, que largou Thereza e se ergueu furioso

Ó grande tratante, arrombas-me assim a porta?! (Indo examinar a fechadura.) Quebrou-me um fecho de cinco mil réis! Hasde-m'o pagar! (Voltando-se para Domingos.) Ora esta!...

THEREZA, correndo para Domingos

É o Domingos Palmeiro!

DIONISIO

É verdade! D'onde diabo caiste?

DOMINGOS, abraçando Thereza

Thereza!... Porque desgraça vieste parar a este inferno, moça?

DIONISIO, sentando-se

Não façam cerimonia comigo; abracem-se, e contem a sua vida, que eu hei de gostar de os ouvir.

DOMINGOS

Queira perdoar, senhor Dionisio; se entrei quasi violentamente em sua casa, foi para lhe poupar um desgosto, e talvez lhe evitasse um crime.

DIONISIO, comicamente

Amigo generoso! De que desgosto me querias livrar?

DOMINGOS

Sua enteada está sendo victima de atroz miseria; emquanto eu pude, trabalhei para sustental-a; mas hoje falta-me o trabalho e a pobre menina tem fome!...

THEREZA

Coitadinha!

DIONISIO

Onde está ella?

DOMINGOS

A dois passos d'aqui, em casa de uma parenta, pobre como ella... e não sabe que se acha tão perto do homem que... que...

DIONISIO

Desembucha!

DOMINGOS

Que a empobreceu.

DIONISIO

Continuas a calumniar-me? Ninguem se atreveu a dizer que a caixa estava roubada senão tu!

DOMINGOS

Porque só eu a vi roubar... e logo calculei a rasão do incendio.

DIONISIO

Historias! Como te arranjaste com o Mathias do Oiteirinho? Elle julga que lhe deves seiscentos mil réis.

DOMINGOS

Não se trata agora de mim; D. Eugenia pensa, que o senhor Dionisio fugiu do Rio para Lisboa e que não voltaria mais ao Brazil.

DIONISIO

Vê que illusão! Tu vives na sua companhia?

DOMINGOS

Não zombe dos que fez desgraçados, senhor Dionisio! Deus póde castigal-o. Sua enteada é um anjo; eu sirvo-a, como devo, mas vivo em outra casa.

THEREZA, áparte

Em que mãos caí! Valha-me a Senhora das Neves!

DIONISIO

Em conclusão: que queres tu?

DOMINGOS

Quero que o senhor Dionisio empregue em papeis do Estado, e em nome de sua enteada, uma quantia que lhe dê rendi-

mentos para ella viver decentemente. Se o senhor fizer isto, não direi nunca mais, que o vi tirar da caixa os tresentos contos de réis.

DIONISIO, áparte

Veria realmente? Mas não póde proval-o... (Alto.) Desconfio, que queres casar com Eugenia?

DOMINGOS

Póde ser.

DIONISIO

E disseste lá com os teus botões: — Eu caso, e o tôlo do Dionisio que me sustente. — Pois, senhor, não era mal pensado, se pegasse!

DOMINGOS, encolerisando-se

Senhor Dionisio!... (caindo de tom) Senhor Dionisio, eu sei que o depoimento de um misero como eu, contra um homem rico e poderoso, não tem grande importancia... Emfim... (resolutamente) tome-me para seu caixeiro, para seu criado... Dê-me um ordenado, que me permitta accudir áquella in-

feliz menina, e ficar-lhe-hei reconhecido... e calar-me-hei.

DIONISIO

Esse pedido traz outro geito. (Áparte.) Elle faz-me arranjo; tem certo garbo, é bem fallante, e deve receber as visitas ás mil maravilhas!... (Alto.) Tu não tens outro fato melhor?

DOMINGOS

Não senhor.

DIONISIO

Isso é que é mau! Se uma das minhas casacas te servisse?... Sinto gente, que sóbe; entra ahi por essa porta, e espera-me lá dentro. (A Thereza) E tu, dize á mãe Anastacia, que te dê o quarto verde. Saiam depressa.

THEREZA, saindo, áparte

Eu vou fugir, e procurar o consul ou como é que se chama a auctoridade.

Sae.

DOMINGOS, áparte, saindo por outra porta

Talvez que ficando eu cá em casa, possa

tambem valer á Thereza?... Mas, para que demonio me quererá elle vestir a casaca?

Sae.

SCENA XII

EUGENIA e DIONISIO

EUGENIA

Disseram-me as pretas, que o senhor commendador estava cá em cima... Jesus! Este homem é meu padrasto!...

DIONISIO

Minha enteada n'esta casa! (Aparte.) Ah! já sei; veiu atraz do outro.

EUGENIA

Desculpe; ignorava que o senhor tivesse o arrojo de...

Suspendendo-se, e olhando pasmada para os moveis e para a sala.

DIONISIO

Acabe o que ia dizendo.

EUGENIA

De ficar no Rio de Janeiro, n'uma terra onde ha justiça.

DIONISIO, friamente

Ha justiça em toda a parte, quando ha dinheiro. Que deseja de mim?

EUGENIA, dispondo-se para sair

Como já sei a sua morada, encarregarei os tribunaes de lhe dizerem o que quero.

DIONISIO

Olhe que os tribunaes são maus portadores de recados, quando os manda uma pessoa pobre, como eu supponho que é a minha enteada, a casa de um homem que elles julgam rico.

EUGENIA

Não estamos em paiz de selvagens, e a minha voz ha de ser ouvida porque a opinião publica é por mim.

DIONISIO

Todos os paizes são de selvagens, e toda a gente é surda para os pobres, que se mettem a querer provar absurdos; faça, porém, o que entender. Se lhe digo estas coi-

sas é porque a criei de pequenina, e quasi que tinha pena de não saber o seu destino. Foi para me dizer o que ahi tem dito, que veiu a minha casa?

EUGENIA

Constou-me que se havia mudado para este predio um homem rico e cuidei que elle seria honesto e generoso; vejo que me enganei.

Vae para sair.

DIONISIO, detendo-a com o gesto

Quem sabe? Ninguem póde dizer:—d'esta agua não beberei.—(Como se fallasse comsigo.) O coração humano deve ter um feitio muito exquisito, pelas mudanças que faz!... (A Eugenia.) Talvez esteja n'esta casa o homem que a menina vinha procurar. Diga sempre o que lhe queria.

EUGENIA, áparte

Meu Deus! A que porta irei bater?! (Alto, depois de alguma hesitação.) Pois bem... vinha pedir-lhe que me comprasse este annel.

DIONISIO, pegando no annel

Eu bem lh'o dizia; aqui está a pessoa que buscava. (Examinando o annel.) Era de sua mãe; esta pedra vale uns tresentos mil réis.

EUGENIA, com alegria

E dá-me esse dinheiro por ella?

DIONISIO

Não... (movimento de Eugenia) dou-lhe quinhentos mil réis.

SCENA XIII

DIONISIO, EUGENIA, DOMINGOS

DOMINGOS

Não acceite, minha senhora, sem saber o preço de similhante generosidade. O senhor Dionisio não tem d'estes accessos, sem motivo forte.

EUGENIA

Domingos!

DIONISIO

E quem chamou o senhor Domingos ou

quem o consultou, para se entremetter nos meus negocios? (Como tendo subita inspiração, áparte.) Oh! que idéia! (Vae para um lado do salão, emquanto os dois ficam conversando entre si, e pensa em voz alta.) Na minha posição, uma mulher faz falta... e esta era de molde para tapar a bocca aos falladores!... Convem-me muito, decididamente! (Alto, indo para os dois.) Rapazes, vamos ser todos muito felizes; achei um meio excellente de ficarmos amigos e contentes.

DOMINGOS

Ha de ser difficil!

DIONISIO

É simples. Perdôo ao Pedro tudo que me deve e caso-o com a Thereza, que me parece que era a sua paixão lá na terra; tu, voltas com elles para Portugal... pago-lhes a passagem, e talvez te dê ainda mais alguns vintens, se os mereceres, ajudando-me a convencer Eugenia para que case comigo.

EUGENIA, caindo sentada n'uma cadeira e cobrindo o rosto com as mãos

Que horror!

DOMINGOS, consternado, caindo em outra cadeira

Ora o grande tratante!...

DIONISIO

Hein?! Peço-lhes que não se atirem assim sobre as cadeiras, porque lhes dão cabo das molas!... Bem vêem que este casamento é de conveniencia para todos; vossês estão pobres, e eu sou rico... tu cuidaste vêr, e Eugenia acreditou, que eu tirei o seu dinheiro da caixa e que deitei fogo aos armazens; essa suspeita, que me offende, é uma parvoíce e por isso eu não lhes tenho tomado contas d'ella; mas, admittindo que fosse verdade, não se accusa sem provas! pensem, pois, que não teem dinheiro para me levar aos tribunaes, e que eu voluntariamente offereço á minha enteada a riqueza, que ella julga sua.

EUGENIA, levantando-se

Ha só um pequeno obstaculo.

DIONISIO e DOMINGOS

Qual é?

EUGENIA

É que eu... (olhando para Dionisio) desprezo-o; (olhando para Domingos) e estimo...

DIONISIO, desdenhosamente

Estimas o quê?

PEDRO, annunciando á porta do fundo

O senhor visconde de Juruá.

DIONISIO

Oh! com os diabos! Sumam-se ahi para esse quarto, até que eu os possa pôr fóra sem que os vejam. (Os dois vão a entrar no mesmo quarto, Dionisio agarra Domingos por um braço e empurra-o para outra porta.) Juntos, não, que ella póde resolver-se a casar comigo!

Empurra Eugenia para o quarto onde entrou Thereza

SCENA XIV

DIONISIO, PEDRO, VISCONDE, PIMENTA, CONVIDADOS, que vão entrando á medida que Pedro os annuncia

PEDRO, annunciando

O senhor conselheiro Barata... o senhor

brigadeiro Bahia... o senhor commendador Faria e Silva... o senhor doutor conselheiro Pimenta... o senhor capitão tenente Francisco de Almeida Gomes... o senhor conselheiro Marques dos Reis... o senhor doutor Manuel Barreiros de Miranda... o senhor barão de Jaborandy... o senhor commendador Manuel Pinto Pereira... o senhor conselheiro José Joaquim do Freixo... o senhor barão do Igarapé grande.

Todos apertam a mão a Dionisio.

DIONISIO

Meus senhores, agradeço muito a vossas excellencias a fineza de acceitarem o meu humilde convite. Desculpem o que acharem mau... isto, por ora, está tudo em desarranjo e fóra dos seus logares; faltam-me criados amestrados... é uma falta muito sensivel no Rio!... Estou reduzido ao serviço das minhas pretas... vossas excellencias perdoarão. Oh! Pedro?

PEDRO

Senhor Dionisio.

DIONISIO, com colera

Não sabes como se falla, camêllo?!

PEDRO

Que quer vossemecê?

DIONISIO, furioso

Burro! chama a cosinheira, que é mais esperta do que tu.

Pedro sae; os convidados riem á socapa.

SCENA XV

DIONISIO, VISCONDE, PIMENTA, CONVIDADOS, ANASTACIA

ANASTACIA, fazendo muitas mesuras comicas

Vocherencia chamou eu? Não póde deixá cuzinha, qui queima os coriquete di caitetú e os impada di viado. Os quiabo e os maxixo guizou com Jaboty e fezi os mocotó di vinha d'aio; mas esses cousa não póde sperá, qui mélla todo. Pae siô ha de querê qui bota môio di tucupí nos assado di paca? Anastacia sabe fazê quitute, que vocheren-

cia toda ha de ficá a lambê os beiço; mas é priciso apressá tudo para si comê jantá ás quatro hora, porque spérando muito tempo feito, acha os quitute méllado como quingombó.

Os convidados disfarçam a custo o riso.

DIONISIO

Pois vae pol-o na mesa, que ss. ex.as dão licença; e não te esqueças de pôr tambem a garrafinha da cana, e uns copinhos, para abrir o apetite.

Novo riso dos convidados.

ANASTACIA

Si siô; e Anastacia pede licença di tambem bebê um gôro di cachaça, qui stá muito afilita com calô.

Sae.

SCENA XVI

DIONISIO, VISCONDE, PIMENTA, CONVIDADOS

DIONISIO

Os meus amigos desculpam esta semcerimonia?... A falta de um cosinheiro decente

obriga-me a aturar esta preta, que abusa um pouco da situação, porém não trabalha mal. Custou-me seis centos mil réis, e vale mais porque já me deu dois moleques como duas torres! Permittam-me que vá dar umas ordemsinhas, e depois iremos para a mesa.

Sae pelo fundo.

SCENA XVII

PIMENTA, VISCONDE, CONVIDADOS

PIMENTA

É delicioso!

VISCONDE

Soberbissimo!

PRIMEIRO CONVIDADO

Eu nunca vi outro similhante!

SEGUNDO CONVIDADO

É um dos numerosos asnos, a que os francezes chamam *parvenu*. Até deitou fogão!... no Rio, e n'esta estação, tem immensa graça!

Riem todos.

PIMENTA

Vossencias não queriam acceitar-lhe o convite, e já vêem que perdiam um bom divertimento! Eu conheci o, casualmente, em casa de um negociante da rua da Quitanda, e achei-o tão divertido, que nunca mais o perdi de vista.

VISCONDE

Se vim aqui foi só por comprazer com v. ex.ª

PRIMEIRO CONVIDADO

E eu egualmente.

SEGUNDO CONVIDADO

Tambem eu.

VOZES

Tambem eu... tambem eu.

PIMENTA

Agradeço a vossencias a sua amabilidade; o homem julga-me seu intimo amigo e encarregou-me de fazer os convites para as suas reuniões, que se inauguram hoje. Vos-

sencias conhecem o meu caracter e seriedade e bem devem suppôr, que não é meu proposito relacional-os com um sugeito, que passa por ter enriquecido á custa de uma desgraçada menina brazileira...

VISCONDE

Já ouvi essa historia vagamente.

PIMENTA

Sinto que não haja provas contra elle por esse lado!... mas...

TODOS

Mas?...

PIMENTA

Bem sabem que eu sou sempre o ultimo a quem se dizem as coisas; acontece ás auctoridades como aos maridos infelizes... Entretanto, ha por ahi uns zuns-zuns... (Como em segredo.) Recebi ha dias uma carta anonyma, que me dizia que não perdesse de vista o commendador Dionisio Cencadas. Eis a razão porque me decidi a entrar em casa d'elle, e a instar com vossencias para virem

aos seus jantares. Precisarei, provavelmente, do testemunho de homens honrados e insuspeitos, se descubrir algum indicio que possa exigir a prisão do millionario.

TODOS

Millionario?!

PIMENTA

Diz-se que tem mais de oitocentos contos no banco de Inglaterra! Espero que vossencias me não levarão a mal as precauções que tomei?... Justificar-nos-hemos depois mutuamente, no caso de eu não encontrar nenhum vestigio de criminalidade. É costume dizer-se, que a policia nem sempre cumpre as suas obrigações... emquanto eu fôr empregado n'ella, não recuarei, para chegar á verdade, nem mesmo diante da accusação de que vou comer a casa dos moedeiros falsos.

VISCONDE

É um digno magistrado, senhor doutor Pimenta; e cumpre nobremente os seus deveres.

VOZES

É verdade! é verdade!

PIMENTA, um pouco commovido

Obrigado, meus senhores; o voto dos homens de bem, como vossencias são, e o do senhor visconde de Juruá, meu superior, compensam-me largamente das calumnias com que ás vezes me gratifica a ignorancia. Eu sou amigo dos portuguezes; todos nós vimos d'elles, e devemos estimal-os e tratal-os como nossos irmãos; se nos levam muito dinheiro para Portugal, trazem-nos para o Brazil muitos elementos de vitalidade, retribuem-nos com o trabalho, que é o capital que mais engrandece os estados. Meia duzia de tratantes, como eu supponho este Dionisio Cencadas, fazem com que entre nós se julgue e aprecie erradamente a maioria dos seus compatriotas, que são tão honrados como nós. Os que veem para o imperio, sendo, em geral, filhos dos campos, sem educação alguma, teem tamanha actividade e intelligencia, que em poucos annos se instruem e educam por si mesmos, a ponto de adquirirem riqueza honesta! Essa gente convém, pois, ao nosso paiz, mais que nenhuma outra, porque falla a nossa

lingua e tem os nossos costumes; mas é preciso não a maltratarmos nem repellirmos, e, sobretudo, não a confundirmos com os raros individuos da laia d'este em cuja casa estamos, porque estes são excepções e tanto podem nascer em Portugal como no Brazil ou em qualquer outra parte.

VOZES

Muito bem! muito bem!

VISCONDE

Eu penso como o senhor chefe de policia.

VOZES

Tambem eu! tambem eu!

PIMENTA

Assim pensam todos os brazileiros sensatos e instruidos; e é mesmo por pensarmos d'este modo, que não devemos poupar os que incommodam a gente honesta, seja qual fôr a sua nacionalidade; o que é necessario é proceder n'estas coisas com a maxima prudencia.

SCENA XVIII

VISCONDE, PIMENTA, PEDRO, CONVIDADOS

PEDRO

Uma carta para o senhor doutor chefe de policia.

Dá-lhe a carta e fica parado á porta.

PIMENTA, aos outros convidados

Vossencias permittem? (Todos se inclinam; abre e lê rapidamente; áparte, depois de lêr.) Isto nem de proposito! (Medita um instante.) Ainda bem que o visconde está aqui! elle póde aconselhar-me, e tomará parte da responsabilidade, se a noticia fôr falsa. (Alto.) Senhor visconde, desejava fallar-lhe em particular, se estes senhores derem licença?

VISCONDE, depois de pedir venia aos outros com uma cortezia

Estou ás ordens de v. ex.ª

Affastam-se para um lado da sala.

PIMENTA, dando-lhe a ler a carta

Eis um lance verdadeiramente theatral!

VISCONDE, depois de ler

É extraordinario !

PIMENTA

Decorreram apenas instantes, depois que eu declarei as idéias com que venho a esta casa, e já hesito no que hei de fazer! Que lhe parece?

VISCONDE

Cumpra o seu dever, como costuma.

PIMENTA

E se fôr uma denuncia falsa? Dionisio deve ter inimigos... e eu, que desejo ser justo em tudo, não quero arriscar-me a dar um escandalo inutil.

VISCONDE

Tem razão; seria de pessimo effeito. A reputação d'elle é duvidosa... porém, trata-se de um homem rico; ainda recentemente o fizeram commendador, e já ouvi dizer que se lhe prometteu o titulo de barão! É provavel que lhe não faltem invejosos.

PIMENTA

O espelho deve ser aquelle; não ha aqui outro.

VISCONDE

Se podessemos dar busca, sem que alguem percebesse?... Não encontrando as notas, occultavamos a denuncia.

PIMENTA

Era bom, mas tem um perigo; se as acharmos, póde o homem lembrar-se de gritar, que nós lh'as tinhamos lá posto para o perdermos.

VISCONDE

Essa agora!

PIMENTA

Estes patifes atrevem-se a tudo; eu sei do que elles são capazes, quando se vêem perdidos!

VISCONDE

Então, cumpra o seu dever publica e solemnemente; ahi temos muita gente honrada, para nos servir de testemunha em caso de necessidade.

PEDRO, annunciando

O senhor commendador!

Dionisio faz um cumprimento de satisfação a Pedro e este sae.

SCENA XIX

VISCONDE, PIMENTA, DIONISIO, CONVIDADOS

DIONISIO, áparte, muito aflicto

Vi o Mathias do Oiteirinho, de casaca e gravata branca, atravessando a rua. Que diabo quererá dizer aquelle trajo? É capaz de cá vir, sem ser convidado, e desconjunta-me com alguma asneira!

PIMENTA, baixo, ao visconde, observando Dionisio

Está com a pedra no sapato!...

DIONISIO, tomando uma resolução heroica

Meus senhores, vamos para a meza.

PIMENTA

Perdão, senhor commendador; um doloroso dever impede-me de o acompanhar e até de permittir-lhe que saia d'esta sala,

sem que se faça uma averiguação. Sinto ver-me forçado, pelas obrigações do meu cargo, a perturbar, embora momentaneamente, a sua tranquilidade e a dos meus amigos; mas sou magistrado primeiro que tudo.

Signaes de estupefacção.

DIONISIO, assustado

Então que é? O seu discurso tirou-me a vontade de comer! e parece-me que teria sido melhor guardal-o, ao menos, para a sobremesa?

PIMENTA, approximando-se do espelho

Foi dirigida á policia uma denuncia, que acabo de receber e de communicar ao senhor visconde de Juruá, na qual se diz que o senhor Dionisio Cencadas é um dos auctores das ultimas notas falsas, que appareceram no mercado.

DIONISIO, gritando

Calumniaram-me! Eu não sou capaz... já sei quem foi o auctor.

SCENA XX

Dionisio, Pimenta, Visconde, Convidados, Mathias, e Pedro, que entra para annuncial-o e torna a sair

PEDRO, annunciando

O tio Mathias do Oiteirinho!

Sae.

DIONISIO

Ahi está o denunciante, o calumniador! Esse é que é passador de notas falsas.

MATHIAS, comicamente vestido, de casaca preta e gravata branca, chapeu debaixo do braço, sorrindo amavelmente e fazendo muitas cortezias a todos; maneiras grutescas e ar de quem está contente comsigo

Meus senhores, sou um seu criado! Amigo Dionisio, como não estava decente, fui vestir-me para vir ao teu jantar; disseste-me que tinhas cá gente fina e graúda, e eu quiz ter a honra de os cumprimentar a todos, porque não sou homem que falte a estas delicadezas.

DIONISIO

Eu não convidei o senhor.

MATHIAS

Nem era necessario; amigos velhos como nós!... Entendi logo.

DIONISIO

E vinhas gozar o effeito da tua patifaria?

PIMENTA

Permittam-me que leve ao fim a minha triste missão.

DIONISIO

Pois quer passar revista á minha casa? Juro-lhe...

PIMENTA

A denuncia diz, que atraz do espelho do seu salão, por ser um logar quasi á vista de todos, e por isso mesmo insuspeito, estão tres contos de réis em notas...

MATHIAS

Caspite!

DIONISIO, severamente, a Mathias

Tu bem sabes que é mentira, e que eu não era tão tôlo (approximando-se do espelho, juntamente

com o chefe de policia) que caísse... (Vendo as notas e tirando-as para fóra, com espanto) Esta, só por arte do diabo!

PIMENTA, tirando-lh'as da mão

Era verdadeira a denuncia!

Começa a contar as notas; os convidados approximam-se todos d'elle, dando mostras de admiração

MATHIAS, a Dionisio

Talvez queiras dizer na tua, que fui eu quem as puz alli?!

DIONISIO, sentando-se junto á banca, muito acabrunhado

Não... tambem não foste tu; conheço-te perfeitamente! Eras capaz da denuncia... mas de pôr lá o dinheiro, não, porque o sabes passar com grande facilidade. Tu! largares tres contos de reis?... nem tres tostões! (Dando um murro na banca.) Quem seria?!... (Ao bater na mesa, fere-se com o annel de Eugenia, que traz no dedo, e repara n'elle.) Irra! que me feri... Este annel? Oh! já sei; descobri!... Foi ella, para se vingar de mim!

PIMENTA, aos convidados

Tres contos de réis, não ha duvida.

SCENA XXI

Os Mesmos e Eugenia

DIONISIO, entra no quarto onde está Eugenia e sae com ella pela mão

Aqui está a criminosa.

EUGENIA

Eu? criminosa! Em quê?

Todos os convidados olham com pasmo para Eugenia e interrogam Dionisio com a vista

MATHIAS

Oh lá!... (fazendo a Eugenia muitas cortezias, que tenta tornar graciosas) a menina Eugenia em casa de seu padrasto?! Grande novidade!

PIMENTA

Esta senhora é a que se diz ter sido...

MATHIAS

Roubada por elle? sim senhor. Sou amigo do Dionisio, mas sou mais amigo da verdade e da justiça. (A Dionisio.) Perdôa, menino; se a opinião publica te condemna... eu represento a opinião.

DIONISIO.

O senhor é um asno! (Ao visconde.) Esta senhora é com effeito minha enteada, e diz que eu a roubei e que deitei fogo ao seu estabelecimento! Se isto não fosse uma calumnia, já ella me teria perseguido judicialmente. Eu naturalizei-me brazileiro, por causa do amor que tenho a este paiz, porém isso não impediria que me punissem, se me julgassem culpado e se as falsidades se provassem; posso leval-a aos tribunaes e fazel-a condemnar por diffamação... mas lembro-me que se trata de uma infeliz, que é minha enteada, e soffro-a com paciencia. Vejam agora como ella agradece a minha generosidade! não podendo corromper os magistrados, para que elles me prendam sem motivo, imaginou vingar-se de mim, mettendo-me em casa notas falsas! Demonstrando-se que eu tinha d'esse dinheiro, facilmente se provaria que fui ladrão. Rogo ao senhor chefe de policia, que pense um momento se é crivel que um homem a quem os governos dão publicas demonstrações de consideração, um negociante, que tem a honra de

vêr em sua casa as pessoas mais distinctas e honestas da capital do imperio, desceria á miseria de tres contos de réis falsos! Basculhem tudo; revolvam todos os cantos; aqui teem as chaves de todos os moveis; procurem e depressa se convencerão de que essas notas estão ahi para satisfação de uma vingança.

VOZES

É logico! é logico! Vamos jantar.

VISCONDE, ao chefe de policia

Parece-me rasoavel o que elle diz!

PIMENTA

Tambem a mim; a experiencia ensina que os culpados não fallam com tanta segurança.

PRIMEIRO CONVIDADO

O jantar esfria... (imitando a falla de Anastacia) e fica os quingombó todo méllado, como diz a cosinheira do nosso commendador.

Dionisio sorri, lisongeado.

VISCONDE

Prenda-se esta senhora e guardem-se as notas, até se averiguar a verdade.

VOZES

É melhor, é melhor.

MATHIAS, áparte

Por esta saida não esperava eu!

EUGENIA

Quem são os senhores?! Com que direito pertendem dispôr da minha liberdade?

VISCONDE

Nós somos a lei, minha senhora.

PRIMEIRO CONVIDADO

Eu sou juiz de direito; (indicando Pimenta) e aqui está o senhor chefe de policia da côrte.

EUGENIA

Essas qualificações exigem, das pessoas que as teem, mais circumspecção e seriedade. Um magistrado não deve andar de leve, quando se trata da reputação e da li-

berdade de uma desgraçada mulher, sem protecção nem abrigo. Começo a crer, que o senhor Dionisio tem razão, affirmando que toda a terra é de selvagens e toda a gente surda, para os pobres que invocam o auxilio das auctoridades.

PIMENTA

A lei é egual para todos, minha senhora; v. ex.ª não é, talvez, culpada, e eu serei o primeiro a proclamar a sua innocencia, logo que ella se justifique; mas, antes d'isso, peço-lhe, por seu proprio interesse, que não agrave a sua posição insultando as pessoas que representam a justiça.

EUGENIA, com exaltação

Eu não insulto a justiça, nem vejo aqui quem a represente; são os senhores que a offendem, inculcando-se seus apostolos, e ignorando que ella é a virtude que dá a cada um o que lhe pertence. A justiça é o direito, a razão, a equidade, e não a parcialidade venal, que se colloca ao lado dos poderosos e desampara os desvalidos! (indicando Dionisio)

Esse homem, que por minha desventura foi meu padrasto, depois de ter devorado um terço da minha casa, durante a vida de minha mãe, roubou-me tresentos contos no dia em que ella falleceu; incendiou os meus armazens e deixou-me na rua, sem abrigo e sem pão! isto foi publico e notorio; um dos meus caixeiros viu roubar o dinheiro, mas o depoimento d'elle não se toma em consideração porque o senhor Dionisio é rico e eu sou pobre! A justiça, de que os senhores se dizem ministros, deve ter sabido isto?... Onde estava ella, no acto de eu ser roubada? porque não appareceu, quando a voz publica denunciava o ladrão? Porque estava jantando, no palacio comprado com o meu dinheiro; e esperava por mim, para me prender e calumniar, quando eu cá viesse pedir uma esmola! A justiça não sois vós, senhores, que daes razão a quem vos dá de comer e a negaes a quem não póde sustentar comilões!

PIMENTA, com ira

Supplico-lhe, que não me obrigue a es-

quecer que é uma creatura do seu sexo quem me provoca!

EUGENIA

E provar-me-ha, esquecendo-se, que representa a justiça? Deixem-me passar, senhores. Acima do chefe de policia e do juiz de direito ha outros magistrados, e, provavelmente, nem todos estarão corrompidos a ponto de irem jantar a casa dos ladrões.

PIMENTA, furioso

A senhora está presa; sem se esclarecer o modo porque se acham aqui estas notas, não a posso soltar.

SCENA XXII

DIONISIO, MATHIAS, PIMENTA, VISCONDE, CONVIDADOS, EUGENIA, DOMINGOS

DOMINGOS

Senhor doutor chefe de policia, as notas são minhas.

DIONISIO, EUGENIA, MATHIAS

Suas?!

DOMINGOS

Sim, senhores; escondi-as quando vim pedir ao senhor Dionisio, que me tomasse ao seu serviço.

PIMENTA

Com que fim as collocou n'aquelle logar?

DOMINGOS

Não tive tempo de escolher outro, porque o senhor Dionisio disse-me que queria experimentar se uma das suas casacas me servia.

MATHIAS

Não póde ser; o rapaz indoideceu!

DIONISIO

Tambem me parece... comtudo... é verdade que lhe fallei em vestir uma casaca das minhas.

PIMENTA, approximando-se de Domingos para o prender

N'esse caso...

EUGENIA, assustada, a Domingos

Agradeço-lhe a sua generosa dedicação,

senhor Domingos; mas é grande demais o sacrificio para que eu me resolva a acceital-o. A sua innocencia é egual á minha, e Deus nos justificará.

DOMINGOS

Protesto, que são minhas as notas.

MATHIAS

Não teimes assim, homem! bem sabes que faltas á verdade.

DOMINGOS, fazendo ao chefe de policia um rapido signal de intelligencia, que Pimenta percebe e começa a observar Mathias

Jurarei, se necessario fôr.

MATHIAS

Safa com a birra! Então quem t'as deu?

DOMINGOS

Achei-as hontem á noite no caes dos Mineiros.

MATHIAS

É o que eu digo; ensandeceu.

DOMINGOS

Posso dar uma testemunha.

MATHIAS, perdendo a paciencia

De que são tuas aquellas notas? folgava de vêr isso.

DOMINGOS, chamando

Ó Pedro!

SCENA XXIII

DIONISIO, MATHIAS, VISCONDE, PIMENTA, CONVIDADOS, EUGENIA, DOMINGOS, PEDRO

PEDRO, a Dionisio

Vossemecê chamou?

Dionisio mostra-lhe o punho fechado com ar de ameaça.

DOMINGOS, olhando fixamente para Pedro

Sabes de quem é o dinheiro que eu escondi atraz d'aquelle espelho?

PEDRO

É teu.

MATHIAS

Quanto é?

PEDRO

Tres contos, em notas.

MATHIAS, pondo as mãos na cabeça, áparte

Serei eu o doido?

Olha para toda a casa e para os outros personagens.

DOMINGOS

Mas peço ao senhor chefe de policia, que veja bem as minhas notas e não as julgue falsas; eu mostrei-as a quem entende e sei que são verdadeiras.

MATHIAS, dando um murro no chapeu

Hein? Essa ainda é mais forte! enganas-te, decerto. (Áparte.) Quem sabe se eu troquei umas por outras na caixa? Ellas são tão bem feitas!...

PIMENTA, áparte, com a vista fita em Mathias

Que bom olho que tem o tal Domingos! Não ha duvida; a denuncia partiu d'este, e as notas... tambem lhe pertencem. (Finge que examina muito attentamente as notas; alto.) Effectivamente, é bom dinheiro do banco do Brazil!... eu não as tinha examinado bem, e agora vejo que lhes falta a letra falhàda, que se encontra nas falsas. Á vista das explicações

claras e terminantes d'este senhor, vou restituir-lh'as.

Vae para as entregar a Domingos.

MATHIAS, correndo para elle

Perdão, perdão!... visto que são verdadeiras... (Estendendo a mão.) Esse rapaz tem estado ahi a dizer disparates; o dinheiro é meu; fui eu que o metti atraz do espelho, por causa de umas questõesitas antigas com o Dionisio.

PIMENTA

Queiram ser testemunhas, meus senhores, de que o senhor... o senhor...

MATHIAS

Mathias do Oiteirinho, para o servir e amar.

PIMENTA

Que o senhor Mathias do Oiteirinho diz ser dono d'estes tres contos de reis...

Como quem vae dar-lh'os.

MATHIAS

Juro-o, pela minha salvação.

PIMENTA, guardando rapidamente as notas

E como isto é moeda falsa, o senhor está preso.

MATHIAS, caindo n'uma cadeira

Estendi-me como um cação!

PIMENTA, a Mathias

Queira dar-me o seu braço. (A Domingos.) O senhor é um homem fino! se quizer naturalisar-se brazileiro, desde já lhe offereço um bom emprego; e, em todo o caso, tómo nota do serviço que acaba de fazer-me, auxiliando-me voluntariamente para se descobrir o verdadeiro culpado. Appareça-me quando precisar d'um amigo. (A Eugenia.) Minha senhora, acaba de vêr que a justiça nem sempre come, e que até deixa ás vezes de jantar, para não ser comida.

Cumprimenta-a dispondo-se a sair de braço dado com Mathias; o panno cae.

ACTO QUINTO

Mercado publico, no Caes dos Mineiros, no Rio de Janeiro. Á direita do espectador, uma fileira de barracas, umas de madeira e telha, outras cobertas de panno branco, todas cheias de objectos proprios para consumo: galinhas, patos, perús, pombos e muitas aves de outras qualidades; cestos com ovos, taboleiros com peixe frito, peixe fresco miudo, enfiado em cipós e pendurado ás portas; esteiras estendidas no chão, defronte das barracas, com milho e feijão; pilhas de milho verde; fructos sêccos, bananas, mangas, cajús, çapotilhas, biribás, cupuaçús, ananazes e mais fructos do paiz, e hortaliças diversas. Presos ás portas, macacos de differentes especies, araras, papagaios, periquitos; outros passarinhos em gaiolas apropriadas, e vidros com peixes. Á esquerda, no primeiro plano, desembocam algumas ruas. No caes, que atravessa o theatro, uma rampa, que desce para o mar. No segundo plano, a bahia do Rio, e n'ella muitos navios, uns fundeados, outros com as vellas largas, mas em calmaria completa. Ao fundo avista-se a ilha das Cobras, com seu caes á borda do mar, e n'elle alguns trapiches com guindastes. Pelo interior da ilha, muitas casinhas brancas espalhadas en-

tre os arvoredos. As alturas da ilha são coroadas por uma especie de parapeito de defesa, com guaritas meio arruinadas.

SCENA I

Ao levantar do panno o mercado está cheio de gente de todas as côres, idades, sexos, e trajos. PRETOS, quasi todos sem camisa, descalços, com uma calça estreita e curtissima, peneirando milho e feijão, que põem ao sol, em esteiras. Em todos os logares de venda, MULATAS e PRETAS, vendendo os diversos generos aos compradores, que vão e veem: PRETAS, quasi nuas e com os peitos descobertos, passeando com bandejas de doce á cabeça, e apregoando de vez em quando; outras com panellas de papas de farinha de pau, ou vinhos de varios fructos; MULATINHAS, vendendo ramos de flôres; PRETAS, com os filhos presos aos rins por uma faxa de panno azul ou branco, levando cestos e paneiros á cabeça; as mulatas, em geral, mais decentemente vestidas que as pretas, trazem ao pescoço grande numero de cordões de oiro, com muitas medalhas e relicarios, coraes, contas, etc., etc. Todas as personagens, que se seguem, apregoam de vez em quando as suas mercadorias.

UM PRETO, apregoando, ao pé das esteiras de feijão e milho

Óia os feijão fradinho, gentes!

UMA MULATA, á porta de uma barraca

Merca a pacóva grandi, pacóva rosa, e pacovinha di S. Thomé!

UMA PRETA, com uma panella coberta á cabeça

Compra o tucupi com tacacá!

UM PRETO, com uma enfiada de peixe fresco miudo

Vai lá a cambadinha di peixe fresco!

UMA MULATA, com um taboleiro

Beijú di farinha di pau!

OUTRA, sentada, com uma panella ao pé

Mingau di carimá com ôvo!

UMA PRETA, com um taboleiro de peixe frito

Tucunaré fritado!

OUTRA, n'uma quitanda

Farinha sêcca! farinha d'agua, torradinha!

OUTRA, atravessando a scena, com uma panella á cabeça

Mingau di tapioca!

OUTRA, sentada

Angú di farinha fina! Peixe moqueado!

OUTRA, passeando, com um cesto de mangas

Oia as manga, que são doce como méli!

OUTRA, com um grande alguidar á cabeça

Vinho di cupuaçú!

UMA MULATA, n'uma quitanda de fructa

Quem quer bacate, cajú, ananaz, e bacuriparí!

UMA PRETA, em outra quitanda

Compra os quiabo, os maxixo, e os beringella veremeio!

OUTRA, passando com um taboleiro á cabeça

Ai o gerizilin!

OUTRA, com uma panella embrulhada em pannos

Chega, ó gentes! Óia o mocotó, qui stá dizendo comei-me!

UM PRETO PEQUENO, com um feixe de cannas de assucar

Quem quê chupá cáná dôce!

UMA PRETA, com um panellão á cabeça

Ai eh! quem gosta di comê coisa bom, chega ós quitute de quingombó, com macaco di prego!

SCENA II

DITOS e DIONISIO

DIONISIO, espreitando com disfarce os que vão e veem; e os que passeiam pelo caes

É por aqui que costumam vadiar os que não teem trabalho, dinheiro, nem saude. Consolam-se olhando para o mar, que não podem atravessar para tornar ás berças!... O meu Pedro não deve estar longe com a sua Thereza. Tratantes! Onde se metterão elles, que eu não os apanhe? A pequena fugiu, por causa de... Aproveitaram o barulho da prisão do Mathias, e mudaram-se com a senhora minha enteada e com o Domingos! Eu os arranjarei a todos!... Se julgam que o consul ha de ser contra mim, enganam-se!... Que eu, no fim de contas, ainda lhes devo ser obrigado; livraram-me de boa!... e não são tão tolos como parecem! O golpe do senhor Domingos foi de mestre! É um

espertalhão!... ouviu, do quarto onde eu o metti, a discussão sobre as notas falsas e logo calculou que ellas eram do Mathias!... Ensinou o papel ao Pedro e fez com que o chefe de policia percebesse a léria! Que finorios!... O Mathias, se lhes podér ser bom, não se ha de esquecer! Porém, esse, coitado! está bem arranjadinho! ha dois dias que o alapardaram e não se ouve fallar d'elle! Creio que me não torna a incommodar com a sua estupida mania de pedir...

SCENA III

Os Mesmos e Mathias

MATHIAS, que tem chegado ao pé de Dionisio, estendendo a mão para este

Os meus seiscentos mil réis?

DIONISIO, recuando, com pasmo

Fugiste da cadeia?!

MATHIAS

Tão tolo era eu, que lá tivesse entrado!

DIONISIO

Como assim? Então o chefe de policia?... apezar de tão austeras apparencias?...

Sorri-se como quem comprehende.

MATHIAS

Enganas-te; a sua probidade não correu o menor perigo. Para mim todos os magistrados são incorruptiveis... porque nunca lhes offereço vintem.

DIONISIO

Como te livras das mãos d'elles?

MATHIAS

De um modo muito simples: provo a minha innocencia.

DIONISIO

Sei que és um patife muito fino e muito feliz!... porém, antes de hontem foste apanhado em minha casa, e vi-te sair preso; tinhas confessado, que as notas eram tuas... negaste depois?

MATHIAS

Pelo contrario; disse de quem as tinha recebido, em troca de boas peças de oiro, e...

DIONISIO

E?...

MATHIAS

E fomos a casa do outro, que não pôde negar ter-me dado os tres contos em papel. Pregaram com elle na cadeia, e eu fui passeiar... depois de ter recebido novamente o meu dinheiro em metal.

DIONISIO, com assombro

D'esse modo conseguiste passar mais tres contos, mesmo ás barbas das auctoridades! É uma falcatrua de se lhe abaixar a cabeça! (Contemplando-o com admiração) Oh! Mathias, tu ainda não és barão?

MATHIAS

Não caçôes comigo por eu não chegar á tua perfeição. — Os meus seiscentos mil...

DIONISIO, interrompendo-o

E como enguliu o desgraçado a pilula? de que modo o convenceste, que eram aquellas as suas proprias notas? Como diabo a fortuna se anda a atravessar diante de ti!... Logo n'essa occasião havias de ter feito

um troco de tres contos redondos!... Palavra de honra, que nunca vi ninguem tão feliz!

MATHIAS, mostrando-se offendido

Tu duvídas? Juro-te pela minha salvação, que as notas falsas não eram minhas! Eu agora negoceio em generos do paiz, e recebo consignações de Lisboa.

DIONISIO

Bem sei, menino, bem sei.

UM PRETO, apregoando

Quen què cánà doci pra chupá?

MATHIAS

Lembras-te do padre cura, que nós trouxemos, haverá oito annos, e que vinha ver uns sobrinhos, atacados de febre amarella?

DIONISIO

Lembro-me muito bem.

MATHIAS

Um dos rapazes estoirou com a febre, e o padre foi-se embora, logo que o outro melhorou; este ultimo tambem falleceu, aqui ha

mezes, e parece que tinha arranjado uns vinte ou trinta contos fracos; o consul arrecadou a herança e houve quem mandasse offerecer ao abbade, que estava lá na sua aldeia do Minho a cantar missas, uns dois ou tres contos de réis pelos seus direitos. O padreca não esteve pelos autos, e, como gosta de viajar, metteu-se aos mares e arrebentou como uma bomba em cima do consul ou de quem o queria chuchar!...

DIONISIO

Peior é essa! não me cheira a sua vinda ao Rio. É um berrador de todos os diabos, e nós... tu percebes? Da outra vez, a febre amarella não dava logar a reflexões; mas agora...

MATHIAS

Quem não deve não teme.

DIONISIO

Eu pasmo do teu animo... e invejo-te!

MATHIAS

São favores; o nosso amigo arrecadou perto de quarenta contitos, e quiz levar al-

gum oiro; eu troquei-lhe uns tres contos em peças velhas, que tinha lá em casa, e recebi as taes notas falsas.

DIONISIO, rindo

Pregaste com elle na prisão?! É boa chalaça!

MATHIAS

Eu não o accusei, justifiquei-me; lá se avenha como podér. Mas, fallemos de negocios: ia agora a tua casa propôr-te um arranjosinho.

DIONISIO

Dize lá, menino; eu tenho uma espinha contra ti, porque a historia da denuncia pareceu-me forte de mais! Comtudo, não se me dá de que tornemos a ser amigos, comtanto que não me faças outra?!

MATHIAS

Fica descançado. O Domingos Palmeiro está contratado para casar com a tua enteada...

DIONISIO, interrompendo-o

Que me dizes?!

MATHIAS

Era combinação antiga; afinal resolveram-se a acabar com as hesitações e vão correr os banhos.

DIONISIO

Se eu estou furioso contra elles, é mais por amor de ti do que por mim. Bem sabes que o espertalhão do rapaz foi quem te armou a ratoeira, e se eu lhe pudér ser bom!...

MATHIAS

Conheço a tua amizade... enganas-te porém, se julgas que fiquei querendo mal ao pobre diabo. Eu sympathiso com os talentos d'aquelle genero e se Domingos quizesse entrar para o meu serviço, dava-lhe dois contos por anno... Já lh'os offereci e elle não quiz! Desejando, comtudo, provar-lhe a minha boa vontade, pedi-lhe que me acceitasse para padrinho do seu casamento; d'este modo poderei ajudal-o sem o offender.

DIONISIO, olhando-o com grande espanto

Estou-te desconhecendo, Mathias! Queres proteger um homem, que te ia entalando de vez?!

MATHIAS

São palpites... tenho n'elle uma testemunha de que me deves os seiscentos mil réis.

DIONISIO

Não me lembrava!

MATHIAS

Nem eu quiz lembrar-t'o até hoje; como não queres pagar-me por bem, resolvi...

DIONISIO

Levar-me aos tribunaes? e não sabes, que tambem te pódes expôr, se o fizeres? Não se enterra facilmente um homem na minha posição; já viste a qualidade da gente que vae a minha casa... tenho influencia para esmagar quem se quizer atravessar no meu caminho!

MATHIAS

Quem te ha de levar diante da justiça ha de ser tua enteada... (Dionisio quer interrompel-o.) Ouve o meu plano: tu apanhaste-lhe quanto ella possuia; tiraste-lhe com o dinheiro os meios de te castigar e rehaver o que é seu...

(novo gesto de Dionisio) tem paciencia, meu filho! Eu não sou homem a quem se comam impunemente seis centos mil réis... o meu rico dinheiro custa-me muito a ganhar! Fiz portanto a seguinte proposta a tua enteada...

DIONISIO

Dize lá, que ha de ser boa!

MATHIAS

Vaes julgar; eu tambem tenho umas economiasinhas...

DIONISIO, com desdem

Bem sei.

MATHIAS

Offereci a D. Eugenia e a seu noivo o dinheiro necessario, para te arrancarem judicialmente todos os capitaes, que alapardaste em sua casa.

DIONISIO

Mathias!

MATHIAS

Não te irrites, que faz mal á saude. Já vês, que por não teres querido pagar seis-

centos mil réis, corres o risco de perder, talvez, seiscentos contos.

DIONISIO

E qual era o negocio de que ias fallar-me, quando aqui me encontraste?

MATHIAS

A paz entre nós.

DIONISIO, depois de reflectir

Pois bem, acceito-a. Se te neguei até hoje os seiscentos mil réis, foi para me vingar de me teres empalmado a parte dos lucros, que me pertencia pelo aliciamento dos colonos que tu arranjaste, na ultima viagem que fizemos juntos.

MATHIAS, admirado

Paguei-te cem vezes mais!

DIONISIO

Ora adeus! em notas falsas!

MATHIAS

Tu passaste-as por verdadeiras.

DIONISIO

Não discutamos. Devo-te seiscentos mil réis, com o juro da lei; vem recebel-os.

MATHIAS, rindo

Tens immensa graça!... Ó seu commendador, por quem me toma vossê?

DIONISIO, meio atrapalhado

Pois... não queres o teu dinheiro?

MATHIAS, pondo-lhe a mão no hombro

Quando t'o pedi com os juros, estava ainda resolvido a tomar como brincadeira de mau gosto o teu procedimento; se me tivesses pago ha dois dias, terias ganho dezenove contos de réis; judiaste comigo, e eu manobrei para te fazer arrepender. Visto que a historia das notas falhou, combinei com a tua enteada e seu futuro marido, darem-me vinte contos pelos seiscentos mil réis, que tu me furtaste. Percebes agora? Elles acceitaram o negocio... mas eu tenho dó de ti e não te quero reduzir á miseria. Dá cá os vinte contos, e fica tudo como d'antes.

DIONISIO

Se não estás gracejando, é doidice certa! Vinte contos?! Querias que eu te désse vinte?... Empresta dinheiro aos outros e dize-lhes, que me levem aos tribunaes. Calculas a minha riqueza em seiscentos contos? Escuso de te dizer, que tenho mais; peço-te, porém, que penses se um homem que tem tanto dinheiro se deixará amarrotar por ti e pelos teus protegidos!...

MATHIAS, friamente

N'esse caso gastarás tudo com a justiça. Eu já te disse, que tambem tenho feito algumas economiasinhas.

DIONISIO, rindo com desvanecimento

Tu pódes lá sustentar uma lucta d'essas comigo?! Olha que eu tenho augmentado! sou o primeiro fornecedor de colonos... e talvez a minha conta passe de seiscentos.

MATHIAS

Não duvido; mas eu tambem jógo forte; só no anno passado introduzi dez navios de pretos em Cuba.

DIONISIO

Eia! que basofia!

MATHIAS

Achas? justamente, n'esta occasião levo comigo os documentos dos ultimos depositos, que fiz no banco de Londres... (mostrando-lhe papeis sem os largar da mão) repara na cifrasinha, e sabe que não é só isto; ainda tenho mais alguns vintens.

DIONISIO, olhando e mal podendo ler com pasmo

Dois... dois... dois mil contos! (Encostando-se á parede.) Sou um grande pobretão!

UMA PRETA, apregoando

Oia a cambada di peixe fresco!

MATHIAS

Vou a casa de tua enteada...

DIONISIO

Dois mil contos! d'uma assentada!...

MATHIAS, querendo partir

Adeus; tenho uns cem ilheos para des-

embarcar d'aqui a uma hora e não posso perder tempo.

DIONISIO

Tambem já me fazes concorrencia? Este diabo atira-se a tudo!

MATHIAS

Foram-me consignados por um amigo; eu não quero mais similhante negocio por minha conta.

DIONISIO

Sim, porque d'esse modo só tens lucros! Queres tu tornar a ser meu socio?

MATHIAS

Conforme... se te ficar alguma coisa, da demanda que vaes ter...

DIONISIO, dando-lhe o braço

Anda almoçar comigo; conversaremos ácerca dos vinte contos. E quero saber onde mora minha enteada, porque o Pedro e a Thereza devem estar na sua companhia...

MATHIAS

Isso não te posso eu dizer, por emquanto...

depois, veremos; tambem não vou almoçar comtigo, sem saber se Eugenia...

DIONISIO, arrastando-o

Vem, homem, vem; estou resolvido a dar-te o que pedes.

MATHIAS

Vamos lá; mas olha que te faço isso por ser a ti, meu velho amigo e camarada...

DIONISIO

Bem sei, menino, bem sei!

Vão-se, conversando.

SCENA IV

VENDEDORES, COMPRADORES, EUGENIA,
DOMINGOS, PEDRO, THEREZA

UM PRETO BELFURINHEIRO, apregoando

Vai aguia! vai finete!
Vai didá!
Vai cadaço! vai coxête!
P'ra vistido di sinhá!

DOMINGOS, olhando para a rua por onde sairam Dionisio e Mathias

Reconciliaram-se os dois tratantes! Adi-

vinho porquê... naturalmente, o Mathias do Oiteirinho disse a seu padrasto, que lhe davamos vinte contos, se vencessemos a demanda, e o outro offereceu-lhe mais, para que nos não auxiliasse.

EUGENIA

Paciencia.

PEDRO

Parece-me que já não se póde recuar?... o requerimento, que eu levei ao juiz, ia fumegando; e então não tenham duvida, que o Dionisio ha de ver-se quente! (Olhando para Thereza com ternura.) Minha rica Therezinha! como te tornei a ver?! Deus queira que te não descubram em casa da senhora D. Eugenia, antes de arranjarmos dinheiro para nos resgatarmos d'aquelle ladrão! O consul diz, que temos de pagar por força!... Se ao menos encontrassemos o senhor padre Manuel?!...

EUGENIA

O ministro da justiça é meu parente, por parte de meu pae; nunca me viu, nem sabe talvez que existo, porque estava mal com a minha familia... comtudo, se Domingos quizesse... iriamos pedir-lhe o seu apoio.

DOMINGOS

Tenho pensado n'isso muitas vezes; mas não me parece, que se consiga alguma coisa por esse lado. Um homem politico tem muito em que cuidar!

PEDRO

Lá isso é verdade; e se a justiça miuda, pelos modos, gosta de comer, que fará então a graúda?!

EUGENIA

O ministro não está no caso dos outros.

PEDRO

Perdoará, menina Eugenia; eu tambem não quero dizer na minha, que todos sejam uns.

DOMINGOS

Já mandei pedir para Portugal, que me empenhassem lá o resto dos meus bens, as casas, tudo quanto fosse preciso, e que me mandassem oitocentos mil réis para voltarmos todos... mas, primeiro que a resposta cá chegue!... E isto ha de ser se a senhora D. Eugenia quizer acompanhar-nos...

EUGENIA

Creia que o seguirei até ao fim do mundo, se lá quizer ir! (Apertando a mão de Thereza.) E agora, com esta irmã que Deus me deu, até me sinto mais forte!

THEREZA, abraçando-a

Se todos d'esta terra fossem assim, não se me dava de cá ter vindo! mas cuido que ha por aqui mais Dionisios do que outra coisa.

DOMINGOS

Ha muitos!... como em toda a parte; tambem os temos no nosso paiz.

PEDRO

É possivel; porém, como dizia o senhor padre — que eu não quiz ouvir! — lá é a nossa terra; ninguem nos põe fóra d'ella; ninguem nos insulta, ninguem nos escravisa como aqui. Apanhe-me eu outra vez na minha aldeia e appareça-me depois algum ladrão a convidar gente para o Brazil! atiro-lhe a bacamarte, com os dianhos!

EUGENIA

Pobre moço!

PEDRO

No Brazil até para trabalhar é preciso ter protecção! os que a não teem, morrem por ahi a cada canto, como cães vadios! Bem nos dizia o nosso honrado cura, quando affirmava, que por cada um que voltava rico a Portugal, morriam cá noventa ou mais! Não o quizemos attender!... Venham para o Bra zil, grandes asnos da minha provincia! vossês imaginam, que só em Portugal é que os ladrões fazem fortuna e que os homens de bem vivem pobres?! enganam-se; só os patifes são felizes em toda a parte, porque de tudo tiram dinheiro; para a gente honesta é que não ha terras propicias!

DOMINGOS

Cala-te, Pedro; anda por ahi muita gente, e ninguem gosta de ouvir coisas desagradaveis dos seus... Bem sabes, que tanto o Dionisio como o Mathias são hoje brazileiros.

PEDRO

Pois castiguem-n'os, com a bréca! Não me importa a que nação elles pertencem;

o que vejo é, que em vez de os punirem, pelas suas maroteiras, fazem-n'os commendadores, conselheiros, barões, viscondes e o dianho que os carregue! Eu cá entendo que nem todos os que para aqui veem são maus; mas parece que só os maus arranjam d'essas riquezas como as do Dionisio e do Mathias, má peste os mate! Olha o patife do Soeiro, que quebrou ha dias, roubando milhares de desgraçados, que lhe tinham confiado as suas economias! Que lhe fizeram? Deram-lhe chacaras de luxo para morar, escravos para o servir, e dezoito contos por anno para elle viver como principe! Quem perdeu, que se aguente! Ora sebo para a justiça da terra!

UMA PRETA, apregoando

Ai! eh! peixe di pokéca!

SCENA V

Ditos e Manuel

MANUEL, que ia passando, repara em Domingos e Pedro

Aquellas caras?...

DOMINGOS

Ó Pedro? repara... não vês?...

THEREZA, voltando-se

É o senhor padre! Louvado seja Deus!

DOMINGOS, correndo para o padre

O senhor padre Manuel!

Domingos e Pedro abraçam-se ao padre.

UMA PRETA, apregoando

Gentes, óia os quitute di camarão!

MANUEL

Não os julgava vivos!... pobres rapazes! como estão mudados! Porque não teem escripto para a terra? Ai! Thereza! o que eu tenho corrido por ti! Agora mesmo venho de entregar o dinheiro ao consul, para te desempenhar; felizmente, elle já sabia quem é o teu patrão, e foi immediatamente procural-o.

THEREZA, contentissima

Deus lh'o pague, senhor padre! Estes tristes tambem precisam de quem os console e resgate.

DOMINGOS, apresentando Eugenia

É minha noiva.

MANUEL, cumprimentando-a

Ah!... e anda comtigo pelas ruas?!

DOMINGOS

É uma historia, que depois lhe contarei por miudo; agora, baste dizer-lhe, que estamos pobrissimos, tanto o Pedro como eu, não sei se por termos continuado a ser homens honrados... Esta menina foi espoliada pelo padrasto, que é o senhor Dionisio Cencadas, aquelle senhor Dionisio, que para cá nos trouxe! Andamos ha dois dias em cata do senhor padre, porque sabiamos que veiu no mesmo navio que trouxe a pobre Thereza.

MANUEL, apontando para uma rua proxima

Eu moro alli n'aquella rua; ia pagar a minha passagem para Lisboa, mas tenho tempo. Venham comigo; tambem tenho muito que lhes contar. Já estava cansado de os procurar, e considerava-os mortos; como estão vivos, tudo se ha de arranjar, se Deus quizer.

EUGENIA

Eu volto para casa da minha parenta.

DOMINGOS

Sósinha, não.

MANUEL

Não quer vir comnosco?

THEREZA

Não a deixe ir embora, senhor padre.

DOMINGOS, a Eugenia

Peço-lhe mais este favor; o senhor padre Manuel foi meu mestre; não faz idéia da alegria que sinto de o vêr aqui!... Parece-me que principio hoje a ser feliz.

PEDRO

Elle até póde casal-os... e a mim tambem.

MANUEL

A occasião é azada para fallar de casamentos! Ora valha-te S. Pedro, que nem a desgraça te fez mudar!

Vão-se.

SCENA VI

VENDEDORES, COMPRADORES, DIONISIO,
MATHIAS

MATHIAS, olhando para os quatro, que vão desapparecendo no angulo da rua

Os diabos me levem, se não é elle!

DIONISIO

Quem? O Pedro? Pois não o conheceste! Vae com minha enteada, com o Domingos e com a Thereza. Onde iria esta arranjar dinheiro para me pagar? Custa-me bem ficar sem ella, mas o patife do consul embirrou!... O Pedro é que eu já não perco de vista!...

Querendo sair.

MATHIAS, detendo-o

Espera. (Chama um pretinho, que anda a vender cannas de assucar, dá-lhe um recado, apontando para a entrada da rua, o rapaz vae-se e d'ahi a pouco torna a vir acompanhado do padre Manuel.) Póde ser que me enganasse...

DIONISIO

Não enganaste; conheci-os perfeitamente.

MATHIAS, vendo o padre, que se encaminha para elles

Oh! com dez mil milhões! Bem me parecia... é o abbade.

DIONISIO

Mau vae o negocio, hein?!

SCENA VII

Os Mesmos e Manuel

MANUEL

O meu caro senhor Mathias do Oiteirinho, mandou chamar-me?... Oh lá! o capitão Dionisio!

DIONISIO

Viva a bisarria!

MATHIAS

Peço-lhe desculpa de o ter incommodado... é que... maravilha-me vel-o cá por fóra.

MANUEL

Obrigado pelo favor; parece-lhe que eu merecia estar preso?

MATHIAS

Não digo isso; porém... depois do que lhe aconteceu, como conseguiu?...

MANUEL

Segui o seu systema; disse de quem tinha recebido as notas, esclareceu-se o negocio e puzeram-me na rua.

MATHIAS, rindo sem gosto

Ah!... esclareceu-se... é... é boa!

DIONISIO, áparte

Cheira-me a que o Mathias não está contente! o meu commercio sempre é mais solido! Ainda bem que a entrega dos vinte contos ficou para depois do almoço, que ainda não estava prompto!

MANUEL

Imagine o meu querido senhor Mathias, que se provou terem vindo as minhas notas da mão de um senador!...

MATHIAS

Sim?!

MANUEL

Começam as indagações e descobre-se, que o senador as recebera directamente do banco do Brazil...

MATHIAS

Irra!

DIONISIO

Que rascada que ahi vae!

MANUEL

E afinal...

MATHIAS e DIONISIO

Afinal?

MANUEL

Reconheceu-se que as notas eram... (rindo) verdadeirissimas, homem!

MATHIAS, respirando

Safa!

DIONISIO

Escapaste de boa, hein?

MATHIAS

Eu, não; foi o senhor padre cura.

MANUEL, sorrindo e esfregando as mãos

É verdade; fui eu que escapei de boa!

DIONISIO, áparte

Temos obra, não tarda muito! O padre é um jesuita, e arma por ahi alguma embrulhada, em que até eu posso ser envolvido!

MATHIAS, áparte

Dar-se-ha caso, que as notas fossem effectivamente boas? não póde ser; aqui anda marosca!

MANUEL, áparte, e examinando Mathias

Estás com medo?! Nem sempre has de achar um pobre padre para victima!

MATHIAS

E que pensa v. s.ª de tudo isso?

MANUEL

Eu? penso que ficarei no desembolso dos meus tres contos, emquanto não se liquidar o negocio.

MATHIAS

Pois não me disse que se tinha já liquidado? Com que... então ainda ha dúvidas?!...

MANUEL

Aqui para nós, como o dinheiro era de pessoa graúda, julgo que querem atabafar a questão, e por isso dizem que é verdadeiro.

MATHIAS, preoccupado

É possivel, é.

MANUEL, despedindo-se

Passem bem, meus senhores... É verdade; veja o senhor Dionisio, se eu tivesse recebido os dois contos, que mandou offerecer-me para o Porto, pelos quarenta e tantos da herança de meu sobrinho, achava-me agora livre d'estes incommodos!

MATHIAS

Ah! foste tu?

DIONISIO

Era negocio.

MANUEL

Negocio?! Para o senhor, não duvido; é negociando assim que se acumula muito dinheiro em pouco tempo. Porém essas riquezas, adquiridas com os bens dos or-

phãos e das viuvas, e com o sangue dos seus irmãos, são infames e sacrilegas; levam ao inferno...

MATHIAS

Não dê escandalo, que se vae juntando gente!

MANUEL, afastando-se

Adeus, meus caros senhores... até á vista.

DIONISIO e MATHIAS

Adeus.

Ficam a olhar um para o outro algum tempo.

SCENA VIII

DIONISIO, MATHIAS, VENDEDORES, COMPRADORES

MATHIAS, saindo do abatimento em que esteve alguns momentos

Que te parece?

DIONISIO

Optimo; e tens de te haver com elle, porque é tão certo entallar-te como nós estarmos aqui.

MATHIAS, erguendo a cabeça com sobranceria e transformando-se, de humilde e apoucado, que tem parecido até então, em homem de poderosa intelligencia e orgulho

Julgas isso? Pobre Dionisio! Olha bem para mim e vê se reconheces o tio Mathias do Oiteirinho!... Tenho-te parecido até hoje um asno, um miseravel, um cerdo, não é verdade? Todos me apreciaram assim porque fiz bem o meu papel! mas vaes vêr desapparecer o ente ridiculo, com a sua parvoice e a sua miseria. Vou emfim ser homem, largando a mascara risivel, que trouxe durante vinte annos afivellada no rosto! Trocal-a-hei por outra, para que me conheçam melhor. Basta já de sustos e rodeios! Tenho cinco mil contos, ouviste? cinco mil contos de réis em moeda forte!

DIONISIO, que o tem ouvido, pasmadissimo, erguendo as mãos e os olhos para o céo

Cinco mil contos! Oh! meu mestre!...

MATHIAS

Posso ter palacios, com tapetes da Persia;

mobilias de tartaruga; e baixelas de oiro e crystal para os meus jantares; deitarei carruagem; comprarei um titulo de conde ou de marquez; influirei na politica, no commercio, nas artes, em tudo que me aprouver!... E que se ponham diante de mim esses estupidos, que te andam a assustar! verás como os trato sem dó nem consciencia!... A consciencia?... é um sentimento covarde; quem possue cinco mil contos, não tem medo de ninguem nem de coisa nenhuma!

DIONISIO

Que transformação! Sinto-me pequeno ao pé de ti. És realmente um grande homem! (Cruzando as mãos e contemplando Mathias com admiração.) Cinco mil contos! E eu, que me criei com a tua escola, tenho apenas oitocentos! Porque me não ensinaste a tua giria, oh! illustre Mathias?!

MATHIAS

Porque tu és um tolo; nem sequer sonhavas a qualidade do homem com quem viveste tantos annos! O padre cuida que me intimida! Veiu tarde; quebrei o encanto, e

se alguem se atrever a accusar-me, comigo se ha de haver!

DIONISIO

Se te durar esse espirito, quem perde os tres contos é elle.

MATHIAS

Já os perdeu; não os torna a ver... só se lh'os der outra pessoa; eu, não.

DIONISIO

Incrivel Mathias! como diabo me tens enganado tanto tempo com os teus ares de pateta?

MATHIAS

Já te disse, que és um... como os outros todos.

DIONISIO

Sou asno, sou; agora é que me conheço!

MATHIAS

Levanta a cabeça, pobre diabo; e pagame os meus vinte contos, se quizeres o meu apoio e protecção.

DIONISIO

Pago, Mathias; pago o que tu quizeres; vou já contar-te o dinheiro ou fazer-te uma obrigação, comtanto que me jures, que... é verdade que tu juras falso.

MATHIAS

Não digas asneiras; eu juro, digo e faço tudo quanto devo fazer, segundo as circumstancias. Estuda o meu systema, se queres ser gente... Os actos em que tens querido imitar-me, são sempre um mixto de sandice e de ladroagem abjecta; lembra-te que a audacia se torna em virtude, quando se emprega nas grandes coisas, e quando triumpha. Nós somos os homens habeis; o mundo é todo nosso; faremos curvar diante de nós os pequenos e os grandes, e seremos considerados como pessoas de bem, com a condição de que triumphemos sempre, e tenhamos cada vez mais dinheiro! Os governos honram-nos, porque dependem de nós; damos-lhes escravos, colonos, commercio, navegação, agricultura, caminhos de ferro, industrias, artes, hospitaes para os seus pobres

e educação para os seus orphãos! Os jornaes louvam-nos e chamam-nos virtuosos! Para nós é que se crearam as ordens illustres, cujos direitos de mercê os pobres não podem pagar! Temos commendas, titulos, todas as distincções, que abrem todas as portas! Foi para chegar a isto, que eu representei vinte annos o papel irrisorio de nescio e de miseravel! Mas agora verás, que tambem tenho a pelle que serve de bainha aos cidadãos probos e distinctos. Dos vinte contos, que me vaes dar, para pagares a tua tolice e a tua aprendizagem, mando cinco a um hospital do Porto, outros cinco a um asylo de Lisboa, e reparto o resto pelos estabelecimentos pios do Rio. Quando a fama elevar até ás nuvens o meu nome e a minha caridade, ninguem quererá saber como eu obtive o dinheiro, que emprégo tão utilmente.

DIONISIO

E tinha eu presumpção de ser commendador?! Tu mereces vinte commendas e um titulo de duque! (Mirando-o com enlevo.) Que genio!... E que bonita pintura fizeste do nosso

poder! É pena que haja uma sombrasinha no quadro!... Apezar de nos encher de titulos e honrarias, essa gente, que não é como nós... despreza-nos.

MATHIAS

Que me importa o conceito que fazem de mim os meus lacaios? Acatam-nos publicamente? É quanto basta; o que elles pensam, é uma covardia, que nós tambem desprezamos. A opinião publica, esse tribunal augusto, como lhe chamam os... sabios, é sempre enganada pelas apparencias. Deem-lhe dinheiro para os asylos e hospitaes, que ella converte em santos os maiores scelerados!... Lá veem as canôas com os meus ilheos; sem elles desembarcarem, não posso acceitar o teu almoço. Dá cá o braço e vamos até alli á rampa do caes dos Mineiros.

Dão os braços e desapparecem na rampa.

SCENA IX

VENDEDORES, COMPRADORES, PIMENTA, VISCONDE

UM PRETO, com um pote á cabeça, apregoando

Quem qué bebê garápa, doci como méli?!

VISCONDE, de braço dado com Pimenta

Se foi o governo portuguez quem mandou o aviso, não podemos ter duvida.

PIMENTA

O encarregado de negocios deu-me hontem á noite os esclarecimentos. O tal Mathias do Oiteirinho, que tão habilmente nos embaçou, parece que era socio de uma fabrica de moeda falsa em que tambem se cunhava dinheiro portuguez; mas é tão fino patife, que não se pôde apanhar nenhum documento que faça prova contra elle! Apezar d'isso, o ministerio de Lisboa ordenou ao seu agente diplomatico para prevenir o nosso governo.

VISCONDE

As notas são d'elle; ha de ter mais, e eu prendia-o já aqui mesmo.

PIMENTA

Se v. ex.ª me dá ordem por escripto?... Sem isso, seguirei outro caminho até o apanhar em flagrante.

VISCONDE

Duvido que o consiga; e não me parece

que se deve hesitar, sendo claro que o padre está innocente e que o dinheiro não póde ter saido do banco do Brazil.

PIMENTA

Mas como provaremos que é d'elle, depois de ter corrido por tantas mãos?

VISCONDE, reflectindo

Diz bem; acho que foi mau não o termos deixado engaiolado, e que andámos com precipitação, soltando-o para prender o padre!

PIMENTA

V. ex.ª não ouviu dizer, que elle possue grandes riquezas em Inglaterra?

VISCONDE

Afirma-se.

PIMENTA

E é certo; passam de tres mil contos. (Gesto de admiração do visconde.) Algumas pessoas teem enriquecido, protegendo-o, segundo desconfio; ando na pista de outros dois... um, é o nosso Dionisio... mas não quero arriscar-me a levar um cheque, salvo se receber ordem superior.

VISCONDE

Eu não duvido apoial-o, na prisão do Mathias... porém... é o diabo! um homem de tres mil contos dá que pensar, antes de se tomar uma resolução!

PIMENTA

São os aleijões sociaes, de que eu me queixo muitas vezes, quando quero cumprir o meu dever como entendo!... O Mathias tem em casa uma mulatinha e já me lembrou ir peital-a, para que ella me deixe dar uma busca antes d'elle entrar?...

VISCONDE

Façamos a experiencia.

PIMENTA

Então vamos depressa.

Vão-se.

SCENA X

VENDEDORES, COMPRADORES, MANUEL, EUGENIA

UMA PRETA, apregoando, á porta de uma quitanda

Gentes! leva o péixi, xi, xi, xi, moqueado! eh! moqueado! eh! moqueado!

MANUEL

Combinámos esperar no caes dos Mineiros, mas não vejo ainda os rapazes.

EUGENIA

Pensando bem, senhor padre Manuel, eu preferia não demandar meu padrasto; antes queria, que partissemos immediatamente para Portugal. Se o Domingos arrendar as terras que lá possue, teremos, talvez, com que viver modestamente, sem nos mettermos em questões?

MANUEL

Essa era tambem a minha opinião; a propriedade está hoje pelo dobro do que valia antigamente; e, além d'isso, eu tenho dinheiro para entrar ao meio nos amanhos. Porém, os rapazes estão teimosos, que querem dar uma lição ao Dionisio!...

EUGENIA

Não o conseguirão; meu padrasto é muito rico; é muito considerado, por causa do meu dinheiro! Que podemos nós fazer, com os quarenta contos, que o senhor padre tão ge-

nerosamente nos empresta, contra quem tem vinte vezes essa quantia?

MANUEL

Tem razão; talvez que até fosse melhor applicarmos este dinheiro, montando no Porto uma boa casa de commercio. Eu já disse, que sendo o Domingos meu afilhado, e não tendo eu outros parentes, lhe destino tudo quanto possuo. Consta-me que o Pedro é habil no commercio? dá-se-lhe sociedade; e a menina toma-me para seu pensionista, e por mestre dos seus filhos, quando os tiver... que é o meio de ficarmos todos arranjados.

EUGENIA, muito commovida e apertando-lhe a mão

Acceito, meu generoso amigo.

MANUEL

E não cuide, que lh'os hei de criar com horror ao Brazil, patria de sua mãe; farei sómente a diligencia para que se algum d'elles cá vier, traga os olhos bem abertos.

EUGENIA

Ahi vem o nosso Pedro; leio-lhe no rosto as noticias que traz.

SCENA XI

Os Mesmos e Pedro

PEDRO, furioso

Eu já devia conhecer o consul, mas quiz desenganar-me! Sem dinheiro, e muito dinheiro, escusamos de bater a nenhuma porta!

EUGENIA

Eu não lh'o dizia?

MANUEL

Então, que passaste com elle?

PEDRO

Disse-me, que não se ingeria em negocios tão complicados; que pagasse eu ao ladrão do Dionisio, se queria sair de casa d'elle, assim como fez Thereza; e que não me mettesse em questões contra homens ricos! Que não se podia provar, que o commendador tivesse roubado, porque a riqueza d'elle tinha sido ganha honestamente, em contratos com o governo; e que até tinha pago a alguns credores da enteada e fizera promessa de pagar aos outros todos!...

EUGENIA

Podera não! Eu devia quinze ou vinte contos, e tinha mais de quatrocentos!

PEDRO

E como eu lhe atirasse á cara com algumas verdades duras, poz-me na rua aos empurrões! Então, perdi a cabeça e gritei, que não estava em casa d'elle, mas sim na dó rei de Portugal, e que não podia ser expulso d'ella quando ia pedir justiça. O mariola mandou chamar soldados, e se eu não me resolvesse a sair, prendia-me!

MANUEL

Tal é a protecção dada aos portuguezes no Brazil por alguns dos representantes da sua nação!...

SCENA XII

DITOS e DOMINGOS

EUGENIA

Já vejo, pelo seu abatimento, o que temos que esperar!

DOMINGOS, tristemente

O seu parente recebeu-me com muita cor-

tezia; mas disse-me, que não podia auxilial-a e que nem mesmo lhe aconselhava a demanda, porque todos os dias lhe chegavam reclamações diplomaticas por causas quasi identicas; que o commendador Dionisio passava por homem capaz...

EUGENIA, indignada

De me roubar!

DOMINGOS

E concluio asseverando, que tinha ouvido fallar no projecto de casamento, entre a senhora D. Eugenia e Dionisio...

EUGENIA, interrompendo-o

Meu padrasto ousou dizel-o aos seus convidados?!

DOMINGOS, continuando

Que era esse o melhor modo de se arranjarem as coisas, e que lhe offerecia os seus serviços n'este sentido.

EUGENIA

Senhor padre Manuel, póde mandar tirar os nossos passaportes quando quizer.

MANUEL, com alegria

Hoje mesmo; já!... Pedro, toma lá os duzentos mil réis, que te pede o Dionisio; paga-lhe, e saccode a poeira dos teus sapatos n'esta terra de desterro.

PEDRO

Eu cá não lhe pago; é um ladrão! não lhe devo tal dinheiro!

MANUEL

Paga, para que te não obrigue a ficar. Já sabes que ninguem te protege.

SCENA XIII

OS MESMOS, MATHIAS, DIONISIO, COLONOS PORTUGUEZES, que veem subindo a rampa do caes e olhando muito admirados para as pretas, pretos, mulatas, e para todos os objectos que os rodeiam. A maior parte d'elles são rapazes de doze até vinte annos.

UM PRETO

Oia os marinheiro!

UMA PRETA

Ohé! qui di bicudos!

OUTRA PRETA

Chega os gallego!

UMA MULATA

Marinheiros, pés di chumbo!...

MANUEL, contemplando os colonos

Mais victimas!

DOMINGOS

Faz-me mal ver isto! Vamos d'aqui.

EUGENIA

Thereza espera-nos em casa do senhor padre; levemos-lhe depressa a noticia de que partimos todos no primeiro navio.

MANUEL, detendo-os

Demorem-se um instante.

Os colonos formam no caes e Mathias anda por entre elles com Dionisio separando-os em lotes; o povo rodeia-os, escarnecendo-os.

MATHIAS, indicando um lote

Estes são para quem quizer caixeiros; (indicando outro lote) estes, para applicações diversas; (indicando outro) aquelles, para trabalha-

dores... Não é má collecção, e tem pouco refugo!

MANUEL, a Domingos e a Pedro

Gravem bem esta scena na memoria, pará a contarem na sua aldeia.

SCENA XIV

DITOS, VISCONDE, PIMENTA, UM EMPREGADO DE POLICIA

PIMENTA, baixo, ao empregado, mostrando-lhe Mathias

É aquelle.

EMPREGADO

Já?

PIMENTA, ao visconde, baixo

Cumprimos o nosso dever; aconteça o que acontecer.

VISCONDE

Certamente; não achamos nenhum indicio em sua casa... mas confirma-se, que as notas saidas do banco do Brazil tinham sido verificadas, pelos numeros, no acto da entrega.

PIMENTA

Logo, foram substituidas por elle. (Ao em-

pregado.) Responde-me por esta prisão, mas não dê escandalo; salvo se o homem tentasse fugir!...

Affasta-se com o visconde.

SCENA XV

MANUEL, EUGENIA, DOMINGOS, PEDRO, DIONISIO, MATHIAS, COLONOS, PRETOS, PRETAS, MULATAS, EMPREGADO DE POLICIA

DIONISIO, avistando Pedro

Ó Pedro! Onde diabo tens estado? Então apanhas-me a Thereza, hein?... quem lhe emprestou dinheiro? (Chega-se um mulato a elle e entrega-lhe uma carta, que Dionisio abre, lê e dá logo signaes de grande alegria.) Mathias? meu excellente Mathias! chegou a coisa! (Mette a mão no bolso e dá dinheiro ao mulato, que se vae.) Barão! Já cá o tenho! (Mostrando a carta a todos os que o rodeiam.) Vêem! Barão de S. Dionisio! Como isto é bem soante!

MATHIAS, lançando os olhos á carta

Parabens! Muitos parabens!

MANUEL

Os ladrões... fazem-se barões; os homens de bem, pedem esmola! Coisas d'este mundo, em que tudo anda torto.

DIONISIO, approximando-se de Pedro

Pedro, meu rapaz, vês, até onde chega um homem que se porta...

PEDRO, atirando-lhe com dinheiro em notas

Pegue lá os seus duzentos mil réis; conte-os... e passe recibo.

DIONISIO, apanhando as notas

Tu pagas as tuas dividas?! Dar-se-ha caso que tambem saisses?... nada; tu não tens cara para barão. (Vendo Eugenia.) Ah! não tinha reparado...

EUGENIA

Nem eu; aliás, ter-lhe-ia ja pedido o annel com que me ficou n'outro dia.

DIONISIO

É verdade; esqueceu-me de lh'o pagar...

EUGENIA

Já não o vendo.

DIONISIO, tomando um ar gracioso e tirando o annel do dedo

N'esse caso, aqui o tem.

Eugenia mette-o no dedo.

MATHIAS

Era d'ella?! Ainda escapou aquelle?! É porque o Dionisio não é entendedor! Nunca vi tamanho brilhante! e que formosa agua que elle tem! (Pegando na mão de Eugenia para ver o annel.) Eu dou trinta contos pela pedra.

DIONISIO, EUGENIA, DOMINGOS

Trinta contos?!

MATHIAS

Para ganhar dez; d'isto entendo eu.

EUGENIA, tirando o annel e mettendo-o no dedo de Domingos

Graças a Deus! Levará ao menos uma recordação do Brazil, que não lhe será odiosa.

DOMINGOS, beijando-lhe a mão

Já levava outra melhor.

MATHIAS, a Pedro

O nosso abbade emprestou-te dinheiro? (Rindo.) É boa! Nós pagamos para os trazer para cá e elle paga para os levar para lá!

DOMINGOS, a Mathias

Não zombe da virtude; quem escravisa seus irmãos, não tem direito de dirigir insulsos gracejos aos que veem resgatal-os.

PEDRO

Casca n'esse maroto!

MATHIAS

Podia fazel-os arrepender das suas insolencias, assim como ao padre que lh'as inspira; mas não valem a pena... Advirto-os, porém, que se acautellem; não me conhecem ainda.

MANUEL

Quem não conhece o senhor Mathias?!

MATHIAS

Eu não me chamo Mathias... chamo-me

dinheiro. Posso ser insolente com todos, mas não permitto que o sejam comigo.

MANUEL, endireitando-se todo e erguendo a fronte

E eu chamo-me dever! O meu ministerio não me consente orgulhos nem vaidades, mas posso perguntar ao dinheiro, se é falso ou se me paga o que me roubou?

MATHIAS, approximando-se

Vou dizer-lh'o...

EMPREGADO DE POLICIA, tocando no braço de Mathias

O senhor está preso; (sensação geral) e rogo-lhe, que me acompanhe sem violencia.

DIONISIO, affastando-se de Mathias, ao empregado

Eu cá sou o senhor barão de S. Dionisio; não tenho nada com essa creatura.

EUGENIA

Será a hora da punição, que sôa para elles ambos?

DOMINGOS

Não o creia.

MATHIAS, olhando para Domingos

É intelligente, senhor Domingos; foi pena

que seguisse o mau caminho! eu tel-o-hia feito gente. Dionisio, faze favor de não continuares a ser asno; lembra-te da lição que te dei... e toma-me conta d'esses labregos (indicando os colonos) emquanto não os entrego ao governo.

Dionisio quer reagir mas a um gesto de Mathias, curva a cabeça.

DIONISIO, áparte

Este diabo tem uma coragem capaz de fazer tremer o proprio imperador da China!

MATHIAS, ao empregado

Eu não sou homem, que fuja ou que resista por meios violentos; vamos para onde quizer.

MANUEL

Lastimo-o, senhor Mathias; e... perdôo-lhe. Permitta Deus, que a sua vida não acabe mal!...

MATHIAS, levando Manuel para um lado, baixo

Não me lastime; prefiro que me detestem... A sua allusão quer dizer, que morrerei na forca? (Sorrindo.) Veja o que é ser

um homem simples, e ignorante do que vale o dinheiro! Não ha nenhum paiz civilisado em que se enforque quem possue cinco mil contos. (Signaes de espanto no padre.) Bem vê que nem mesmo o senhor padre, com todas as suas virtudes, resiste á admiração que inspira a minha riqueza! Em toda a parte onde eu estiver, velará por mim o prestigio do meu oiro; a sociedade tem horror á miseria, e reconhece que é preciso perdoar alguma coisa a quem é muito rico. No seculo actual já não se enforcam senão pobres tolos, que não possuem o capital sufficiente para provar a sua innocencia; mas, cinco mil contos de réis justificariam o proprio diabo, se elle tivesse a complacencia de vir ao mundo no tempo em que vivemos.

Dá o braço ao agente e acompanha-o.

MANUEL

É verdade o que elle diz... mas ha uma justiça no ceo.

DIONISIO, passando com os colonos em frente de Manuel, Domingos, Thereza e Pedro

Como eu sou barão, os mais que se ar-

ranjem como podérem! Barão! Commendador e barão! oh! gloria!...

Sae.

PEDRO, pegando na mão do padre e olhando para os colonos

Infelizes! se ao menos poderem achar um d'estes santos para os remir!...

DOMINGOS, pegando na mão de Eugenia

Ou um d'estes anjos para os consolar!...

O panno cae.

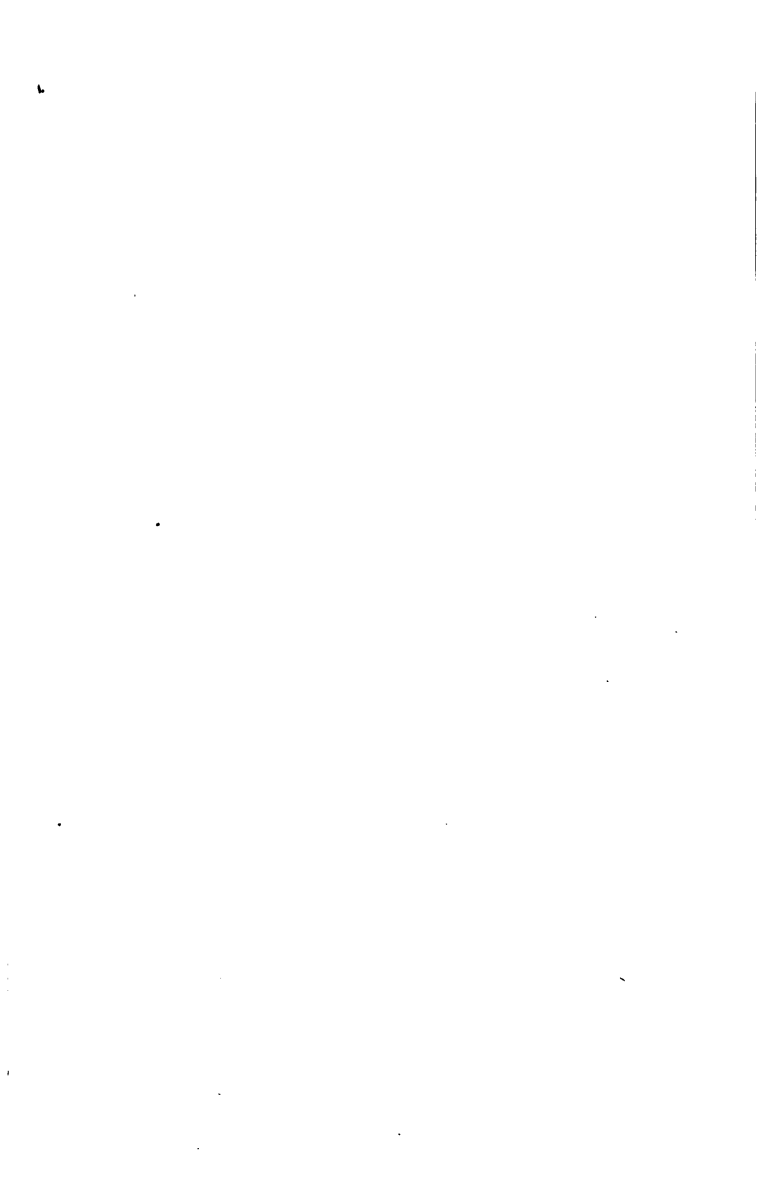
O CASAMENTO E A MORTALHA NO CEO SE TALHA

A

FRANCISCO ALVES DA SILVA TABORDA

Meu querido Taborda. — Se avaliasses a minha amisade pelo merito da obra que hoje offereço á tua, creio que não tornarias a passar-me pela porta?! Mas tu bem sabes, que não é o valor dos livros quem dá a significação que teem as dedicatorias, e por isso te peço, que acceites esta como affectuosa demonstração de que o teu nome não esquece, nem mesmo ás pessoas que vão perdendo a memoria de tudo como acontece ao

Teu amigo do coração,

F. Gomes de Amorim.

O CASAMENTO E A MORTALHA

NO CEO SE TALHA

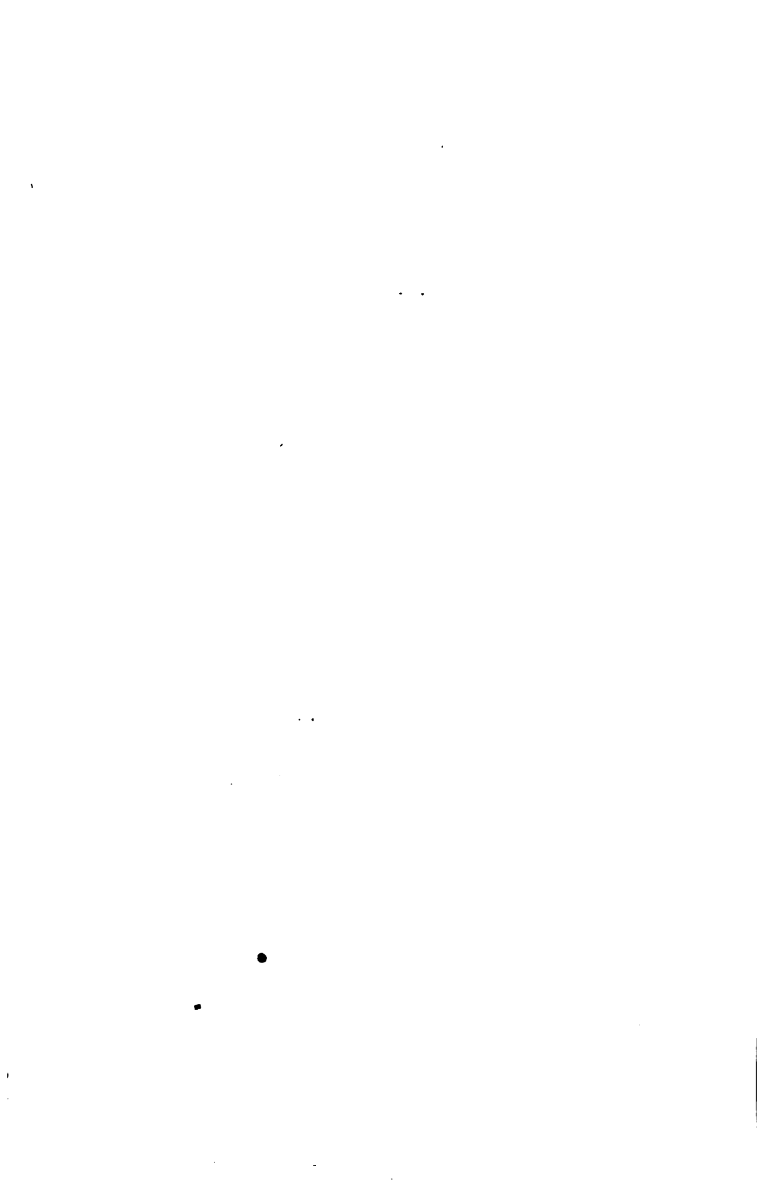
COMEDIA-PROVERBIO

Representada a primeira vez, em Lisboa, no theatro de D. Maria II, em 12 de julho de 1853

PESSOAS

CONDE DE PEREIRO.
DOUTOR MIRANDA.
LUIZ PINHEIRO.
BERNARDO.
JOÃO.
D. MARGARIDA DE MIRANDA.
JOAQUINA.

Logar da scena — Lisboa.

Epoca — 1851.

ACTO PRIMEIRO

—

Saleta modestamente mobilada. Estante com livros; banca redonda com jornaes em cima. Janellas á direita, portas á esquerda e ao fundo.

SCENA I

BERNARDO, só, sentado junto á banca e mechendo com uma colher de pau uma tigella de sopas

Porque razão ficaria aquelle maroto fóra de casa? Fez-me passar toda a noite a pé, á sua espera!... E sou tão asno, que lhe conservei a agua quente para o chá até ás nove horas da manhã!... (Provando a sópa, depois de assoprar.) Deitei-lhe muito sal!... Não ha outro patife similhante! Privar do repouso um homem da minha edade... (Levanta-se.) Ah! sobrinho, sobrinho! senão fosses um homem feito, arrancava-te as orelhas! Deixa estar, que me has de ouvir! (Vae buscar uma cafeteira,

deita agua na sôpa, e torna a proval-a, depois de mecher.) Agora estão insipidas! (Zangado.) Importa-me cá que elle seja escriptor, jornalista ou homem de talento?! é muito mal feito proceder assim! (Deita sal nas sôpas e prova-as, depois de as mecher.) Salguei-as outra vez! Já nem acérto a temperar umas sôpas!... paciencia; vou comel-as assim mesmo! (Pega na tijella.) Eu bem sei quem tem a culpa d'istó!... (Pondo a tijella sobre a mesa.) E se tiver acontecido alguma ao pobre rapaz?... (Passeiando pela casa.) Elle não joga nem bebe, e é a primeira vez que me fica toda uma noite sem vir á casa?!... Ás vezes, armam-se questõesinhas de imprensa do pé para a mão!... os homens da politica andam sempre «dize tu direi eu» e o rapaz é um esquentado dos demonios!... Arranjaram-lhe uma arriosca, entallaram-n'o e desgraçaram-me o meu rico sobrinho, o meu filho! (Parando diante da tijella.) Tenho lá vontade de comer!... Valha-me Deus, valha-me Deus! que me fariam ao meu Luiz?! (Correndo para a porta.) Sobem a escada?... ha de ser elle.

Abre a porta.

SCENA II

BERNARDO e JOÃO

JOÃO, na escada

Apósto em como são mais de cem degraus!

Apparece á porta.

BERNARDO, estupefacto

Não é meu sobrinho!

JOÃO, entrando, de chapéo na cabeça

Será aqui?

BERNARDO

Será aqui o quê?

JOÃO

A casa do senhor Luiz de... de...

BERNARDO, anciosamente

É aqui, sim senhor; onde está elle? Porque não veio? Que lhe aconteceu?

JOÃO

Sempre lhe digo, que é de fazer emmagrecer!

BERNARDO, atterrado

Bem dizia eu! Deram-lhe a matar, hein?

JOÃO, medindo Bernardo com a vista

Eu nem sei como vossê aguenta, com essa edade!...

BERNARDO, impaciente, áparte

Que diabo quererá elle dizer na sua?!

JOÃO, abrindo uma janella e olhando para baixo

Que abysmo! E ha gente que precise morar n'esta altura? É verdade que se está mais perto do céo que da terra...

BERNARDO, incolerisando-se

Se vossê não quer medir a distancia que vae d'aqui á rua, diga-me o que succedeu ao rapaz.

JOÃO, vindo para dentro, com indifferença

Ah! sim... sempre lhe digo, que se meu amo não me tivesse mandado... a sua rua fica longe da minha como todos os diabos! E no fim da caminhada ter ainda que su-

bir cem degraus, porque me parece que não são menos?!

BERNARDO, atirando-lhe com o chapéo ao chão e agarrando-o pelo pescoço

Oh! patife, tu caçôas comigo?! Se não me dizes já onde está meu sobrinho, atiro-te pela janella fóra, lacaio d'uma figa!

JOÃO, debatendo-se

Ai! ai! faça favor de me largar!... Seu sobrinho está em casa do meu patrão.

BERNARDO, largando-o

Aconteceu-lhe algum mal?

JOÃO, áparte, puchando o colete para baixo e indireitando a gravata e o colarinho

O maldito velho tem força como um touro!

BERNARDO, com nova impaciencia

Responda!

JOÃO

Póde estar descançado; seu sobrinho encarregou-me de vir muito depressa dizer-lhe, que não tenha cuidado n'elle. (Áparte, mi-

rando-se.) Encheu-me o colete de nodoas! (Alto.) Ámanhã, talvez já possa vir para casa.

BERNARDO

Ámanhã?! Que lhe succedeu... Quero ir vel-o immediatamente... E foi com essa pachorra, que vossê cumpriu as ordens de vir depressa?! (Ameaçador) Ah! tratante!... Partamos.

Querendo sair.

JOÃO, recuando

Se lhe digo, que não foi nada... ou quasi nada; apenas as rodas da carruagem e dois cavallos...

BERNARDO

Passaram-lhe por cima? Oh! meu pobre filho!... Não escapa, talvez? Estes senhores, que teem carruagens, precisavam todos enforcados!

JOÃO, áparte

Que tal! (Alto.) O tio do senhor conde affirma, que não é coisa de cuidado... e o doutor Miranda é um medico dos que sabem o que dizem. Seu sobrinho queria vir esta

mesma noite, porém lá em casa não o deixaram; a menina tem chorado muito por ter acontecido aquella desgraça com ella!

BERNARDO

O senhor conde, o doutor Miranda, a menina?! Uma historia, da qual, desgraçadamente, só percebo que esmagaram o meu Luiz! Ah! que se m'o assassinaram... hei de ensinal-os a todos!

JOÃO, áparte

Já se está preparando para apanhar dinheiro! Como são estes artistas! em lhes cheirando a gente rica, toca a explorar, como dizem os meus patrões!

BERNARDO, indo para a porta da escada

Vem ahi alguem... (Abre a porta.) É elle! (Saindo á escada.) Meu pobre filho!

SCENA III

BERNARDO, LUIZ, DOUTOR, JOÃO

LUIZ, vem pelo braço do doutor, sustendo-se a custo

Meu bom tio, perdôe-me; tardei demasiado esta noite...

BERNARDO, ajudando-o a sentar

Qual tardaste! O peior é vires n'esse estado.

LUIZ

São acasos da vida.

BERNARDO

Sim; acasos que só acontecem aos pobres!

LUIZ

Repare, que não estamos sós, caro tio.

DOUTOR, a Bernardo

A riqueza não é crime, nem a pobreza é vergonha; o acaso, que o meu amigo accusa de parcial contra os pobres, faz muitas coisas, que tambem não agradam aos ricos. Creia que só a probidade e a virtude não podem provir d'elle...

BERNARDO, interrompendo-o

Porque não?

DOUTOR, sorrindo

Não discutamos agora. Succedeu uma desgraça a seu sobrinho, tratemos de reme-

dial-a; foi a minha familia quem involuntariamente lhe causou o mal, e todos os meios, que as ciencia podér empregar, serão postos em pratica para restabelecel-o promptamente; sentindo muitissimo o desastre, tenho, comtudo, o prazer de lhe assegurar, que a vida do senhor Luiz não corre o menor perigo; o que elle precisa é descanço.

BERNARDO, abraçando o doutor

Deus lhe pague, se é verdade que meu sobrinho não está perigoso.

DOUTOR

Juro-lh'o pela minha honra.

LUIZ

O senhor doutor necessita ainda mais repouso do que eu; não dormiu, e deve ir aproveitar a manhã.

DOUTOR

Dormir! depois de ter sido quasi auctor de um acontecimento, que podia ter tido tão graves consequencias?! Nunca me consola-

rei dos sustos e cuidados, que devem ter affligido este honrado velho! (Tocando na mão de Bernardo.) Vou mandar preparar os medicamentos, e volto logo.

BERNARDO

Obrigado.

O doutor sae com João.

SCENA IV

LUIZ e BERNARDO

BERNARDO, depois de fechar a porta

Pobre Luiz, coitado! aleijaram-te!... como foi isso? Tens muitas dores?

LUIZ, pegando-lhe na mão

Oh! meu tio! (Levando-lhe a mão ao coração.) A minha doença...

BERNARDO, affectuosamente

Passou-te a roda por cima do peito?

LUIZ

Não sei. (Levando a mão á fronte.) A origem vem d'aqui.

BERNARDO, olhando-lhe para a cabeça

Doe-te a cabeça? Estás ferido, talvez?

LUIZ

No coração.

BERNARDO, sem comprehender

No coração?! O medico affiançou-me, que não havia gravidade.

LUIZ

É porque o medico não conhece o meu verdadeiro padecimento; não accuse ninguem d'esta infelicidade; a culpa é só minha... E quasi que me pesa não ter sido esmagado e morto pelos cavallos, que apenas me atropellaram.

BERNARDO, atterrado

Estás doido, homem! Querias morrer?! E que seria de teu pobre tio, que não tem mais ninguem? (Com ternura.) Não sabes que eu morreria tambem, filho?

LUIZ

Perdão, meu querido tio!... (Pegando-lhe outra vez na mão.) Na sua mocidade, quando cul-

tivou a pintura, não teve algumas vezes a inspiração de reproduzir na tella uma figura de belleza admiravel, creada pela sua phantasia, e que, ao querer fixal-a, começava a fugir-lhe, a adelgaçar-se como uma nuvem, até se sumir de todo?

BERNARDO, admirado

Nunca dei por isso! Só se foi quando era muito rapaz; mas não me lembro de tal.

LUIZ

São mysterios inexplicaveis, com que sonham os desgraçados! Essa figura angelica e suave é o ideal dos poetas e dos artistas. Quando se é moço e se possue uma cabeça que pensa e um coração que sente, temos d'essas apparições phantasticas, cujas fórmas se não podem bem definir. É um sonhar acordado, com visões que só vê o pensamento. Eu tive tambem um d'esses devaneios, que encantam as almas dos poetas; entrevi uma d'essas imagens vaporosas, e principiei a evocal-a dia e noite nas minhas aspirações. Uma vez, não sei porque funesta

sorte, o ser divino materialisou-se ante meus olhos fascinados; o sonho tornou-se realidade assombrosa! a minha phantasia creára, em seu poderoso e ignoto laboratorio, a mulher que o meu coração devia amar em vão!

BERNARDO, áparte e assustado

Querem ver, que não está bom da cabeça!...

LUIZ, continuando

Oh! porque fatalidade se encarnou o meu ideal?! Porque se converteu em verdade terrivel o sonho inoffensivo d'este pobre visionario? Ou porque não me levou a morte, quando ouvi a estatua fallar e a vi mover-se diante de mim?!

BERNARDO, áparte

Mau, mau, mau! (Alto.) Meu querido Luiz, parece-me que se te deitasses um bocado?... O medico recommendou descanço...

LUIZ

Ai! meu tio e meu bom amigo, se eu não tivesse saido hontem de casa, não estaria agora assim!...

BERNARDO, convencido

Isso entendo eu perfeitamente.

LUIZ

Vou explicar-lhe o que não tem entendido.

BERNARDO, affectuosamente

Seria talvez melhor, que dormisses um pouco?... depois me contarás...

LUIZ, melancolicamente

Eram dez horas, quando saí do escriptorio; o destino levou-me ao theatro de S. Carlos, onde se festejava uma grande artista. Apenas me sentara, olhei casualmente para um camarote e deparei com Margarida, a Margarida de que eu sou um Fausto infeliz e ridiculo...

BERNARDO, sem perceber

Sim, sim.

LUIZ

Não levantei os olhos d'ella emquanto durou o espectaculo; quando a vi erguer-se, fui para o salão, atravessei-me no seu caminho e creio que lhe revelei com o meu olhar

desvairado alguma coisa do que ia dentro da minha alma, porque a vi encarar-me com assombro. Um lacaio agaloado, foi dizer-lhe que a carruagem estava á porta, e ella saiu, olhando-me outra vez rapidamente. Este segundo olhar foi a scentelha lançada sobre a polvora! a minha alma soltou um rugido e impelliu o meu corpo sem tino para diante da carruagem, ao tempo em que os cavallos partiam a galope...

BERNARDO, dando um pulo

Ih! Jesus!

LUIZ

Invoquei o nome de Mephistopheles, e caí envolvido n'um turbilhão! Creio que o diabo ouviu o meu chamamento, porque, quando tornei a mim, achei-me deitado n'uma cama e senti que alguem me sustinha brandamente a cabeça. Abri os olhos e vi um anjo ajoelhado a meu lado; era ella! Tinham-me levado para o seu palacio, e seu pae, que é este homem que saiu ha pouco d'aqui, prodigalisava-me os mais affectuosos cuidados.

Ah! se meu tio soubesse a dôr que eu senti, quando me appareceu lá um conde, que vae casar com ella!...

BERNARDO

Apósto que esse nunca se atirou, como tu, para debaixo dos cavallos da sua amada? Quem quer casar não começa por fazer uma d'essas!

LUIZ

Apenas soube tão cruel verdade, quiz sair, e não me deixaram. Se aquelle rival odiado tivesse passado o resto da noite á minha cabeceira, parece-me que o teria assassinado! Logo que rompeu o dia, levantei-me e descia já a escada, quando o doutor me impediu novamente a partida; forçoso me foi pois esperar até agora. Accordei terrivelmente do meu sonho e só me resta morrer!... morrer, sabendo que ella tem o nome de Margarida e convencido de que nem mesmo o demonio é assaz poderoso para entregar-m'a!

BERNARDO, reprehensivo

Luiz!

LUIZ

Não careço de mocidade nem de sentimento; mas se fosse possivel um pacto, que me tornasse amado!... Ai, querido tio! sei que não me entende estes desvarios... porém, peço-lhe que me deixe delirar á vontade, se não quer que eu morra mais depressa.

BERNARDO

Estás a dizer tolices! não se morre assim, sem mais nem menos! Que diabo! Ou se é homem ou não! Um rapaz da tua tempera, manda bugiar essa mulher, que o não quer, e procura outra que o queira. No meu tempo era assim que se fazia. (Vendo Luiz abanar a cabeça.) Não achas bom systema! Deixar-se a gente morrer, é parvoice. Eu, que sou velho, penso d'este modo e espanto-me de que, na tua edade, não sejas da mesma opinião. Bem sabes que não sou muito illustrado; mas não é preciso ter ido a Coimbra para se poder affirmar, que quem tem vinte e cinco annos, boa vontade e intelligencia, e se deixa levar por uma paixão estupida, é... é tolo. Não te agrada o meu raciocinio? Pois bem:

eu estou impossibilitado de trabalhar, e tu não tens nenhuma obrigação de trabalhar para me sustentar, nem de viver por amor de mim; deixa-te morrer, visto que assim o queres; eu imitarei o teu exemplo.

LUIZ, enternecido

Oh! meu amigo... meu pae! Perdoe-me; já não quero morrer.

BERNARDO, abraçando-o, commovido

Ainda bem, filho! sustenta essa resolução, para não acabarmos como dois sandeus.

LUIZ

O dever tornar-me-ha forte. Quando vier o doutor, diga-lhe que estou melhor, e não acceite os medicamentos que elle trouxer, senão com a condição de lh'os pagarmos.

BERNARDO

Entendo; não precisamos de esmolas. Ah! bom rapaz!... Assim é que eu gósto de ti! Deixa-me ir fazer o teu chá.

LUIZ

Eu não tenho vontade.

BERNARDO

Convém que almoces; eu estou tão contente comtigo, que me sinto capaz de beber tambem uma chicara d'essa abominavel tisana.

LUIZ

Como o tio quizer.

BERNARDO

Depois, deitas-te um bocadinho... talvez seja melhor deitares-te já e tomar o chá na cama?

LUIZ

Por emquanto, fico aqui. Faça favor de me dar d'ahi um livro qualquer.

BERNARDO, *trazendo-lhe um livro da estante*

Eu volto n'um instante.

Sae.

SCENA V

LUIZ, *só, com o livro na mão*

Como o atormentei com as minhas tolices!... Pobre e honrado velho! Serviu-me de pae e quer-me como a filho... Que remedio

senão viver por amor d'elle?! (Abrindo o livro) O *Camões*, de Garrett!... Feliz acaso! É o meu livro querido. Tambem este soffreu e amou bastante, sem se suicidar... É verdade que eu nem soube o que fiz hontem á noite! foi uma allucinação, produzida pela leitura do *Fausto*, de Goethe. Divino Camões, tu viveste pela patria, que era o teu maior amor... como te pagaram, porém, a immortalidade que lhe déste?! O unico monumento erigido á tua memoria, foi este livro... monumento eterno e digno de ti, é certo; mas nem todos o conhecem! Vejamos o canto quinto, que é a mais bella e sublime elegia, que existe em lingua portugueza.

Lê.

«Correi sôbre éstas flores desbotadas,
Lagrymas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

O viço de meus annos...»

Batem á porta.

Quem é?

D. MARGARIDA, fóra

Dá licença?

LUIZ, endireitando-se com um movimento de espanto

Esta voz!?

Levanta-se a custo e vae abrir.

SCENA VI

LUIZ, D. MARGARIDA, JOAQUINA

D. MARGARIDA, com o rosto coberto pelo véo do chapéo

O senhor Luiz Pinheiro?... Ah! é aqui mesmo.

Levanta o véo.

LUIZ

Tamanha honra!... e tão immerecida quanto inesperada!

D. MARGARIDA, affectuosamente

Sente-se, por favor. (A Joaquina.) Fica ahi para me avisares, se vier alguem.

JOAQUINA

Sim senhora.

Fica á porta, espreitando para a escada.

LUIZ, offerecendo uma cadeira a D. Margarida

Não sei se me é permittido admirar-me d'este favor, sem offender a cortezia e delicadeza de v. ex.ª?

D. MARGARIDA, sentando-se junto d'elle

Como se acha? Está melhor? Que diz meu pae? Creia que não me consolarei jámais do mal que lhe causei.

LUIZ, sorrindo

V. ex.ª exaggera; não lhe cabe responsabilidade pelos actos dos seus cavallos, nem pelo meu pouco juizo.

D. MARGARIDA

Não zombe; ha segredos que não podem esconder-se dos olhos de uma mulher. Sei que foi por minha causa, que o senhor se deixou atropellar.

LUIZ

Cautella, minha senhora! Houve tempo em que queimavam vivas as pessoas, que pretendiam adivinhar; e hoje, se as não queimam é porque não as acreditam.

D. MARGARIDA

Oh! deixe-me esta pueril satisfação, que me custou tão cara! As mulheres vanglo-

riam-se quasi sempre com os sentimentos de affecto que inspiram aos homens...

LUIZ

Esse—quasi sempre—quer dizer, que se admittem como excepção os casos em que os homens chegam tarde com a sua admiração, e que em vez de abraçarem o ideial, com que sonhavam, recebem os amplexos de uma parelha de hannoverianos magnificos.

D. MARGARIDA

Foi hontem a primeira vez que me viu?

LUIZ

Creio que sim.

D. MARGARIDA

Felizmente! Em tão pouco tempo não póde ter por mim nenhum affecto, que o obrigue a grande esforço para poder dominal-o; as paixões não fulminam como o raio... mas se por sua desgraça fosse possivel que eu lhe tivesse inspirado, á primeira vista, um sentimento injustificavel, cumpre-me advertil-o lealmente de que não posso corresponder-lhe.

LUIZ, friamente

Se foi para me dizer o que eu já sabia, que v. ex.ª se deu á penosa tarefa de subir a minha escada, parece-me que se penitenciou sem necessidade. Imagine que eu sou um ente, como ha muitos por esse mundo, aborrecido da vida, e que recorri ao suicidio, preferindo morrer sob os pés de dois formosos cavallos a medir a altura do meu quinto andar!...

D. MARGARIDA

Se o senhor fallasse sériamente, desprezal-o-hia; mas sinto... que o estimo e que está gracejando, para me occultar a verdade. Convenhamos n'isto. O motivo que me traz a sua casa é pedir-lhe perdão, não só em meu nome, como tambem nos de meu pae e de meu primo, que ignoram a minha vinda. Desejo saber se me perdôa, e se...

LUIZ

E se?...

D. MARGARIDA

Se se digna acceitar a minha amisade. Nada mais lhe posso offerecer; mas affiançolhe que não ha amor, que valha a amisade

verdadeira. Bem sabe que vou casar com meu primo conde; é uma união do agrado de meu pae...

LUIZ, rapidamente

E do de v. ex.ª, não?

D. MARGARIDA, com indifferença

Tambem.

LUIZ, levando involuntariamente a mão ao coração

Ah!

D. MARGARIDA

Que tem? Acha-se peior?

LUIZ

Não, minha senhora; estou melhor. Parecia-me ter sobre o coração um grande peso, que me fazia soffrer muito, e não sei porque favor da sorte me sinto repentinamente alliviado!

D. MARGARIDA, áparte

Se elle me tivesse amor?!... (Alto) Vou dizer-lhe adeus...

LUIZ

Já?!

D. MARGARIDA

Já; saí para fazer uma visita a minha tia, e meu pae ha de ir buscar-me. (Estendendo-lhe a mão) Perdôa-me?

LUIZ, pega-lhe na mão, e torna a deixar-lh'a sem erguer os olhos

Que hei de eu perdoar-lhe?

D. MARGARIDA, cedendo a um sentimento de melancolia

Não fique mal comigo; a sua amisade tornar-me-hia infeliz no momento mais solemne da minha vida. A mulher, que se casa sem paixão, é como o marinheiro, que se aventura sem piloto por mares desconhecidos. Eu sou christã e creio que é a providencia quem nos impelle, ás vezes por caminhos ignotos, atravez do mundo que habitamos; resignemo-nos, e acceitemos sem murmurar as leis que nos guiam, embora nos pareçam contrarias aos nossos desejos. O senhor tem provavelmente uma familia, que o adora... eu conto apenas meu pae... Peça aos seus, que não me odeiem por eu ter sido causa involuntaria do estado em que se acha.

LUIZ

A minha familia pensa como eu; v. ex.ª nunca me fez mal.

JOAQUINA

Minha senhora, parece-me que são horas de partirmos?...

D. MARGARIDA, levantando-se

Vamos, Joaquina. (A Luiz.) Confiei-me da sua generosidade e não desejaria ter de que arrepender-me... Quiz consideral-o superior e differente dos homens, que tentam matar-se por ostentação, afim de armarem laço á celebridade e apanharem de improviso os corações das mulheres incautas. As tentativas d'essa especie, mesmo sem cairem no ridiculo, não teem a grandeza das acções que immortalisam, quando estas se inspiram na chamma de um amor sem esperança: são apenas um rasgo de genio, filho do amor da arte, praticado por homens sem coração.

LUIZ, levantando-se

Julgou-me bem, minha senhora; eu não sou d'esses... artistas, nem aspiro á gloria

de heroe de romance burlesco. O que fiz foi uma loucura... (Dando-lhe a mão.) Se crê ter-me feito algum mal, de todo o coração lh'o perdôo.

D. MARGARIDA, obrigando-o a sentar-se

Não se levante. Muito obrigada; estimo devéras não me ter enganado com os seus sentimentos. Antes de nos separarmos, peço-lhe que me diga se posso fazer-lhe algum serviço? A minha familia ha de dar-lhe sempre demonstrações de sympathia; mas eu desejo que os meus offerecimentos se não confundam com os d'ella. Diga-me, pois, com a franqueza que usaria comigo se eu tivesse a fortuna de ser sua irmã: acha que lhe posso ser prestavel?

LUIZ, com altivez mal disfarçada

Nem de v. ex.ª, nem da sua familia quero coisa alguma.

D. MARGARIDA

Realmente?

LUIZ

Realmente.

D. MARGARIDA

Nem... nem mesmo uma recordação de quem involuntariamente o pôz n'esse estado?

LUIZ, sorrindo

Se v. ex.ª não fosse noiva, eu faria com que a sua carruagem me atropellasse todos os dias.

D. MARGARIDA

Para quê?

LUIZ

Para que v. ex.ª viesse pedir-me perdão no dia seguinte.

D. MARGARIDA

E se de alguma vez o senhor morresse?

LUIZ

Poupava-lhe o incommodo de tornar a subir a minha escada.

D. MARGARIDA

Não seja mau! Eu não me consolaria jámais.

LUIZ

De quê?

D. MARGARIDA

Da sua morte.

LUIZ, com incredulidade

Oh!... Visto perguntar-me se eu desejaria guardar uma lembrança de v. ex.ª, peço-lhe essa florinha, que traz no seu chapéo.

D. MARGARIDA, tirando a flôr do chapéo

É uma bonina do campo.

LUIZ

Bem sei; chama-se-lhe tambem margarita; e é pela similhança dos nomes, que eu pertendo conserval-a.

D. MARGARIDA

Ah! já sabe que eu me chamo Margarida?!

LUIZ, mettendo a flôr no livro, que está sobre a mesa

Nunca leu um livro intitulado *Fausto*?

D. MARGARIDA

Não.

LUIZ

Ha n'elle um homem, que se dá ao diabo

para alcançar a posse de uma mulher, menos bella que v. ex.ª, mas que tambem se chamava Margarida.

D. MARGARIDA

Credo!

LUIZ, sorrindo

Não tenha medo; o diabo já não existe ou, pelo menos, já não faz o que se lhe pede; as almas estão enormemente depreciadas e elle não as quer nem de graça... estão mais baixas que as inscripções!

D. MARGARIDA

Não me diga essas coisas; o senhor é herege?

LUIZ

Sou peior que herege; sou damnado... mas não se assuste porque, como já lhe disse, Mephistopheles não me quer, infelizmente!

D. MARGARIDA

Vou-me já para não lhe ouvir taes desvarios. Esse livro é o dito *Fausto?*

LUIZ

É o *Camões*, de Garrett.

D. MARGARIDA

Ah! é do visconde?

LUIZ

É do poeta e não do visconde.

D. MARGARIDA

Ha dois Garretts?

LUIZ

Ha um só, que eu saiba; mas para mim é poeta e não fidalgo; eu não vejo no homem, que é materia, o titulo vão, que é vaidade; vejo sómente o genio, que é immortal e glorioso.

D. MARGARIDA

É bonito esse livro?

LUIZ

Não o conhece? Nunca leu o *Camões* de Garrett!

D. MARGARIDA

Admira-se? Não é moda.

LUIZ

Ah!... tambem a moda tem que ver com

as obras primas? Leu os *Mysterios de Paris?*

D. MARGARIDA

Li.

LUIZ

O *Judeu Errante*?

D. MARGARIDA

Tambem.

LUIZ

Os numerosos volumes das *Memorias de um Medico?*

D. MARGARIDA

Sim, senhor.

LUIZ

E não leu o *Camões* de Garrett!

D. MARGARIDA

Não li; e rogo-lhe que não se admire d'esse modo, porque não tem rasão. Deve saber, melhor do que eu, como hoje abundam os poetas na nossa terra... a poesia tornou-se uma vulgaridade muito vulgar, e desde que toda a gente faz versos, ninguem os lê.

LUIZ

Ha excepções, minha senhora; e este li-

vro é uma grande excepção. Eu pensava, por honra da moda, que ella não ousaria proscrever os poemas sublimes!

D. MARGARIDA

A moda não escolhe se não o que é moda.

LUIZ

Mas o que é de instrucção? o que illustra, recreia, comove e enthusiasma?

D. MARGARIDA

Não é moda.

LUIZ, com espanto

Eu estava longe de suppôr, que v. ex.ª...

D. MARGARIDA

Me sugeitasse a tanto ridiculo? Agradeço-lhe a boa conta em que me tem; mas lembre-se, que se eu não vivesse á moda, na minha posição, matavam-me com outro ridiculo peior, que era o da extravagancia. Prefiro acceitar os costumes e as circumstancias.

LUIZ

É muito estupida a moda!

D. MARGARIDA

E, por consequencia, muito exigente. De que trata então esse livro precioso? É a vida do poeta?

LUIZ

Parte d'ella; era pobre e levantou os olhos para muito alto!... Acontece ás vezes... com a differença, porém, de que ainda ninguem elevou o seu amor a tão grande altura como o divino poeta! A sua amante fôra destinada pela familia para outro, fidalgo como ella; mas existe um proverbio popular, que diz: «o casamento e a mortalha no ceo se talha;» saiu certo com elles. Quando o poeta voltava do seu desterro, encontrou o préstito que levava para o tumulo o corpo da nobre dama! Natercia succumbira á magoa de não poder casar com elle, e não quiz pertencer a outro!

D. MARGARIDA

E Camões?

LUIZ

D'ahi a pouco expirou tambem de... de saudade.

D. MARGARIDA

Dê-me esse livro.

LUIZ

Em paga da margarita?

D. MARGARIDA

Para eu não me esquecer d'ella.

LUIZ, dando-lhe o livro

Agradecido.

D. MARGARIDA

Adeus.

SCENA VII

D. MARGARIDA, LUIZ, JOAQUINA, BERNARDO

BERNARDO, com um bule na mão

Vamos á obra? (Vendo D. Margarida.) Oh! com os diabos! Que é isto? (Vendo Joaquina.) E aquillo?

LUIZ, indo para apresentar-lhe D. Margarida

Meu tio, tenho a honra...

JOAQUINA, fechando a porta e correndo para dentro

Menina? menina? vem gente subindo para aqui!

D. MARGARIDA, a Luiz

Não quero que me vejam; póde ser alguem de minha casa.

BERNARDO

Mas que vem a ser isto?

Batem á porta.

LUIZ, a Bernardo

Leve-as depressa para a casa de jantar.

BERNARDO, atrapalhado

Hein?!... (Tornam a bater.) Ahi vae. (Querendo abrir a porta, as duas fogem para o interior da casa.) Bom! lá vão ellas para a cosinha!... Hão de gostar muito do arranjo em que está tudo, não tem dúvida!

LUIZ, impaciente

Abra, tio, abra.

BERNARDO, depois de abrir

Ah! é o senhor doutor.

SCENA VIII

LUIZ, BERNARDO, DOUTOR, JOÃO

JOÃO, com uns poucos de vidros, a Bernardo

Aqui tem metralha.

DOUTOR

Como está o nosso doente?

Dirigindo-se para Luiz.

LUIZ

Melhor.

DOUTOR, vendo Bernardo com o bule na mão

Que é isso?

BERNARDO

Um chásito da India... ou da China, que hoje creio que se diz chá da China?

DOUTOR, sorrindo

Penso que sim. (A João.) Põe para ahi esses vidros.

JOÃO, pondo os vidros sobre a mesa

Posso ir-me embora?

BERNARDO, pousando o bule em cima da mesa e examinando os rotulos dos vidros

Quanto custou isto, doutor?

DOUTOR, vexado

Ora essa!...

BERNARDO

Nós queremos pagar.

DOUTOR, a Luiz

V. s.ª não me permitte?...

LUIZ

Tenha paciencia; os escrupulos de meu tio são implacaveis!

DOUTOR, cedendo, penalisado

Bem... lá para o fim, quando estiver bom, fallaremos.

BERNARDO

Desculpe, mas não concordo.

DOUTOR

Comprehendo a sua delicadeza; o meu criado lhe dirá onde é a botica.

BERNARDO, a João

Ó rapaz? aonde foste buscar estes remedios?

Conversam entre si.

DOUTOR

Entendamos-nos, senhor Luiz; não me ha de fazer o insulto de mandar chamar outro facultativo.

LUIZ

Pois exige?

DOUTOR

Sériamente.

LUIZ

Com uma condição.

DOUTOR

Acceito.

LUIZ

Ha de conceder-me licença de o considerar, para todos os effeitos, como a outro qualquer medico.

DOUTOR

Entendo; quer retribuir-me os serviços medicos? Não reflecte que fui eu e a minha familia que...

LUIZ

D'outro modo não posso consentir.

DOUTOR

Pois sim; quando estiver curado, ha de pagar-me as visitas. Agora, descance; já devia

estar deitado; vou explicar a seu tio o meio de usar os medicamentos.

Chama Bernardo e falla com elle, indicando-lhe os diversos vidros.

BERNARDO, destapando um vidro e levando-o ao nariz

Puff! que pessimo cheiro!

DOUTOR, a Luiz

Deixo-lhe aqui o meu criado, para me levar de vez em quando noticias suas.

LUIZ

Agradeço-lhe tantas bondades; acho-me melhor, e dispenso esse ultimo favor.

BERNARDO

Deixar cá este sujeito?! Muito obrigado.

DOUTOR, a Luiz

No estado em que se acha, parece-me arriscado ficar só com seu tio; elle está velho, coitado!...

BERNARDO, escandalisado

Olhe que o doutor não é nenhuma criança!... Fique descançado; tratando-se do meu

Luiz, sinto-me capaz de... (pegando em João pelo coz das calças e suspendendo-o ao ar) de atirar com o diabo á rua.

Larga-o de chofre.

JOÃO

Ai! ai! (Áparte.) Fóra, alarve!

DOUTOR, rindo

Dou-lhe muitos parabens! (A Luiz.) Se passar peior, mande logo chamar-me. (A Bernardo.) O meu amigo tomou bem sentido nas explicações que eu lhe fiz?

BERNARDO, apontando para a cabeça

Isto ainda está no seu logar.

DOUTOR, sorrindo

Bem vejo.

BERNARDO

Primeiro, cozimento; depois, fomentação?

DOUTOR

Primeiro, fomentação; depois, cozimento.

BERNARDO

É isso; primeiro, cozimento; depois, fomentação... não: primeiro fomentar...

DOUTOR, apertando a mão de Luiz

Não quero offendel-o; mas se tiver necessidade de mim, seja para o que fôr, achará um amigo.

Aperta a mão a Bernardo e vae a sair ao tempo em que D. Margarida vem a entrar por outra porta; esta conhece-o e volta rapidamente para dentro.

D. MARGARIDA

Meu pae!

Desapparece.

DOUTOR, voltando-se e vendo-a fugir sem a conhecer

Que foi?

BERNARDO, tossindo

Não é nada... fui eu que escorreguei.

LUIZ, atrapalhado

Olhe se cae, doutor!...

DOUTOR, com finura

Eu? (Rindo, com ar de quem comprehendeu o que viu.) Hei de fazer diligencia para não cair.

Sae com João.

SCENA IX

LUIZ e BERNARDO

BERNARDO

Tu sempre me mettes em boas! Que ha de ir pensando este homem?

LUIZ

Imprudente!

BERNARDO

Quem é ella? Ou antes, quem são ellas?

LUIZ

É Margarida.

BERNARDO

Margarida? Lá dentro estão duas!... E quem é Margarida?

LUIZ

É a filha d'esse medico...

BERNARDO

E tu consentel-a aqui, depois de te ter atropellado? Vou pôl-a na rua.

LUIZ

Meu tio!... podem ouvir-nos; não quero que ella saiba o estado em que me deixa!...

Escarnecer-me-hia, zombaria talvez da minha agonia ou responderia com um sorriso desdenhoso á infeliz paixão que me devora. Oh! não o saberá nunca!

BERNARDO

Que veiu cá fazer essa senhora?

LUIZ

Pedir que lhe perdoe...

SCENA X

LUIZ, BERNARDO, D. MARGARIDA, JOAQUINA

D. MARGARIDA

Saiu?

LUIZ

Sim, minha senhora.

BERNARDO, pegando no bule e apalpando-o por fóra

Está outra vez frio!... (Saindo.) Com licença...

SCENA XI

D. MARGARIDA, LUIZ, JOAQUINA

JOAQUINA

Ai! menina; se o senhor doutor procu-

rar por v. ex.ª, estamos bem aviadas! Ainda não fomos a casa de sua tia.

D. MARGARIDA

Adeus, senhor Luiz Pinheiro, adeus. Não diga a ninguem, que recebeu a minha visita; bem sabe como se julgam hoje as acções mais innocentes.

LUIZ

Adeus, minha senhora; oxalá, que eu podesse occultar de mim mesmo o favor com que v. ex.ª me honrou!...

D. MARGARIDA, despeitada

Que diz?!... Se quer, guarde o seu livro e restitua-me a flôr que me pediu.

LUIZ, pegando na flôr, que está sobre a mesa

Se manda?...

D. MARGARIDA, áparte

Enganava-me com elle! Nada ha mais difficil e perigoso do que andar á procura da felicidade! (Alto.) Mandar? mal me atrevo a pedir.

LUIZ

Porquê?

D. MARGARIDA, sorrindo

Receio que acceite.

LUIZ, exaltando-se

Cale-se, por quem é! Não me deixe como recordação a sua zombaria.

D. MARGARIDA

Vejo que lhe é indifferente conservar a minha pobre margarita...

LUIZ

Se v. ex.ª soubesse quanto eu estimava esse poema!...

D. MARGARIDA

A flôr vale menos, é certo; mas eu gostava d'ella.

LUIZ

O livro não é d'aquelles que se lêem por moda...

D. MARGARIDA

A minha bonina é artificial, sem aroma, sem viço e sem vida...

LUIZ

Quem perde?

D. MARGARIDA

É quem dá o livro.

LUIZ

Paciencia.

D. MARGARIDA

Quer destrocar?

LUIZ

Com uma condição...

D. MARGARIDA

Diga.

LUIZ

Não ha de tornar a pôr esta flôr no seu chapéo.

D. MARGARIDA

Se me promette de não lêr mais este livro?...

LUIZ

Não prometto.

D. MARGARIDA

Nem eu.

LUIZ

É negocio feito; guarde o livro.

D. MARGARIDA

E a minha humilde bonina?

LUIZ, rindo

Quando lhe constar a minha morte, mande desenterrar o meu cadaver e faça com que me abram a mão esquerda, que eu espero ter fechada; se encontrar n'ella a sua flôr, encarregue alguem de me gravar sobre a sepultura este epitaphio: — Aqui jaz a loucura, que foi representada pelo homem mais fiel que tem tido o mundo.—

D. MARGARIDA, áparte

Amava-me. (Alto, dirigindo-se para a porta, rindo.) Farei o que me pede; mas, se eu morrer primeiro, e se lhe constar que levei comigo o seu livro, autoriso-o a mandar pôr esta inscripção, na pedra que esconder meus ossos: — Aqui jaz a rasão, que nunca teve senão um adorador de quem ella se não julgou digna...—(Gravemente.) Adeus; acredite, que farei constantes votos pela sua ventura... e para que não torne a expôr-se a perigos como o de hontem.

LUIZ, levantando-se

Oh! nunca mais!

Cumprimenta-a respeitosamente.

D. MARGARIDA, áparte e tristemente

É um amor verdadeiro, que eu deixo aqui morrer!

Sae com Joaquina depois de o cumprimentar.

SCENA XII

LUIZ, só, sentando-se

Mulher sem coração!... Vae, sê feliz, visto que a felicidade se fez só para as creaturas da tua especie! Os que sabem amar, os que nascem para sentir a chamma ardente da paixão, são os predestinados da desgraça! Quem tem coração, faz mal em se deixar andar por este mundo; a cada passo que anda, dá topadas na dôr. Para se ter ventura, é preciso não sentir. Os tolos, como eu, escrevem artigos e poesias, que, em vez de moralisar, produzem nos ricos e poderosos o effeito de suaves adormecimentos! Não nos lêem, senão quando teem

o somno rebelde; não nos festejam, senão quando precisam de nós; fóra d'estes casos, esmagam-nos sempre! E, comtudo, nós somos o povo, isto é: a nação, a força, o elemento principal das sociedades! em nós reside a crença, a esperança, a fé, o amor, a religião pura de Jesus... e somos os infelizes! Os que não amam, nem crêem, nem teem fé, são grandes e ditosos!... Como faria Deus esta sementeira de beneficios?!... (*Reparando na flôr que está sobre a mesa, pega n'ella e contempla-a.*) Eis a esmola da compaixão, atirada ao infortunio como se atira o osso ao cão! E eu adoro aquella mulher, adivinhando que ella me ha de ser fatal até ao fim!... (*Amarrota a flôr na mão e atira-a para cima da mesa.*) Esta recordação é uma brasa, que ella me deixou sobre a chaga que me fez no peito!...

SCENA XIII

Luiz e Bernardo

BERNARDO, *trazendo uma bandeja com o bule, chavenas e tudo quanto é necessario para tomar chá*

Que é d'ellas? Já lá vão! Queria offere-

cer-lhes uma chicara de chá, para lhes mostar que tambem cá se sabe fazer.

LUIZ

Meu bom tio, peço-lhe o favor de vir ajudar-me; desejo ir para o meu quarto.

BERNARDO, preparando-lhe uma chavena

Espera um bocadinho: já agora, toma isto e depois irás.

LUIZ

Não tenho vontade.

BERNARDO, tristemente

Bem sei; é porque não o achas bom.

Põe a chavena sobre a mesa.

LUIZ

Se ainda não o provei, como posso saber se está bom ou mau?

BERNARDO

Já não sei fazer nada que preste! A edade vae dando comigo em terra. Estou aqui, estou um perfeito sandeu.

LUIZ

O chá deve estar excellente.

BERNARDO

Qual historia! Apósto que ficou muito fraco ou muito forte?

LUIZ, pegando na chicara

Valha-o Deus! Bem vejo que me quer obrigar a almoçar.

BERNARDO, áparte e satisfeito

Se eu sei que lhe ha de fazer bem!... (Alto.) Tambem te vou ajudar. (Áparte.) É preciso dar-lhe o exemplo... apesar de que eu nunca pude gostar de similhante bebida! (Tempéra o chá para si n'uma chavena, prova-o e faz esforços para o tomar; depois de varios tregeitos com que significa a sua repugnancia, desiste.) Não vae lá!

LUIZ

Para que se constrange? Agradeço-lhe a boa vontade; mas bem sei que o tio detesta o chá e eu posso tomal-o sem que me acompanhe.

BERNARDO, bebendo o chá d'um trago

Não gósto?! (Fazendo muitas visagens.) Hoje está-me sabendo bem! (Enche a chavena duas vezes em seguida e bebe sem assucar.) Que bom chá! Não o achas fórtesito de mais?

LUIZ, levantando-se com impaciencia

Basta, meu tio!

BERNARDO, áparte

Oh! com os diabos, que o bebi sem assucar! Uma assorda é dez vezes melhor do que esta lavadura!

LUIZ

Vamos.

BERNARDO, amparando-o

Vamos lá; uma vez que não queres comer nada?...

Saem.

SCENA XIV

CONDE, só, depois de bater, empurra a porta e entra

Ha de ser aqui. (Olhando para a salla.) Pobre diabo! em que pocilga mora! Emfim, doulhe vinte moedas para se curar; é uma acção, que ha de agradar a minha prima, quando

eu lh'a contar, e deve fazer bulha nos jornaes! Porém, o patife que não volte pelo vezo a metter-se debaixo dos cavallos! (Reflectindo.) Quem sabe se elle o faria por calculo? Ha gente capaz de tudo!... Não apparece ninguem! Oh! lá de dentro? Oh?!

SCENA XV

CONDE e BERNARDO

BERNARDO

Quem é? (Vendo o conde, mede-o com a vista.) Que quer o senhor?

CONDE

Mais devagar, amigo. Sabe com quem falla?!

BERNARDO

Importa-me cá com quem fallo! Estou em minha casa e fallo como me parece.

CONDE, com ironia

Menos vaidade com a sua casa! tenho visto capoeiras de mais digna apparencia... Mas, vamos ao que importa. Está cá um tal senhor Luiz, não sei de quê?

BERNARDO

Meu sobrinho? Que lhe quer?

CONDE

Ah! o senhor é o querido tio? Vá dizer-lhe que me venha fallar.

BERNARDO, áparte

Vá dizer-lhe que me venha fallar! Eu atiro com este malcriado pela janella fóra! Tenhamos prudencia, mais cinco minutos. (Alto.) Meu sobrinho está doente; se tem algum negocio com elle, venha n'outra occasião.

CONDE

Bem sei que está doente ou que finge estar; foi debaixo da minha carruagem que elle teve a infeliz lembrança de se ir metter.

BERNARDO

Ah! é o senhor o tal fidalgo!

CONDE

É verdade; sou o conde de Pereiro.

BERNARDO

Pois, senhor conde de Pereiro, cuidado com os pêros!

CONDE, tirando uma carteira do bolso

Nada de graçolas; os pêros vou eu dar-lh'os, de qualidade que talvez não tornem a achar, se se metterem n'outra! (Tirando dinheiro em notas da carteira.) Logo vi que elle era pobre, e, em attenção a minha prima, venho trazer-lhe com que possa curar-se.

BERNARDO, espantado

Dinheiro?!

CONDE

Admira-se, hein? Isto hoje é raro! (Áparte.) Que olhos! Estou capaz de não lhe dar senão dez moedas! (Alto, contando notas de banco em cima da mesa.) Uma, duas, e dez são doze. (Áparte.) Vão lá as vinte! (Contando.) Treze, quatorze, quinze, e cinco, vinte. Aqui tem vinte moedas; entregue-lh'as da minha parte e diga-lhe, que, assim que podér, vá agradecer a minha prima.

BERNARDO, furioso

Senhor conde da Pereira, do Pereiro ou do grande diabo, faça favor de metter esse dinheiro na sua carteira, e ponha-se no meio da rua! Eu terei a generosidade de não dizer a meu sobrinho, que v. ex.ª veiu affrontal-o com essa esmola.

CONDE

Oh! velhote, nada de grandezas d'alma improvisadas! Deixe esse ar de recheio, que fica mal a um papo vasio, e guarde estes papelinhos; olhe que já é uma continha bem boa!

BERNARDO, indo para elle, ameaçador

Insolente!

CONDE

Detem-te, Roldão!... (Vendo a margarita sobre a mesa.) Que é isto? (Pegando na flôr.) Não póde ser um simples acaso! Como veio aqui parar esta flôr? É a mesma...

BERNARDO

Uma flôr? Deixe estar o que está!... não sei o que é, nem para que serve, mas sa-

be-o meu sobrinho, que não tem que dar contas a ninguem! Pegue no seu dinheiro e navegue!

CONDE, dirigindo-se para a porta

Preciso de uma explicação immediata, com todos os diabos!

BERNARDO, tomando-lhe a frente

Não sae, sem levar o que é seu, e deixar o que não lhe pertence.

CONDE, dando-lhe um empurrão

Para traz, velho asno!

Vae para sair.

SCENA XVI

CONDE, LUIZ, BERNARDO

LUIZ, correndo sobre elle

Só o ultimo dos covardes affrontaria sem pejo a velhice inoffensiva!

Dá-lhe uma bofetada.

CONDE, levando a mão á face

Ah!

BERNARDO

Assim, meu filho! Outra, já!

LUIZ, arrancando a flôr da mão do conde e indicando-lhe a porta

Saia!

BERNARDO

Ainda não; o velho asno ha de provar-lhe primeiro, que tambem dispõe de alguma força. (Agarra o conde por um braço, arrasta-o para junto da mesa e bate-lhe com a mão sobre as notas.) Abra a mão, se não quer que lh'a quebre (O conde abre a mão.) Agora feche-a, apanhando as suas notas. (O conde apanha as notas.) Olhe, que não deixa nenhuma; repare bem!

CONDE, furioso

Miseraveis! Eu lhes pagarei tudo.

LUIZ, baixo ao conde

Quando quizer.

CONDE, ameaçador

Não ha de esperar muito tempo!

Sae furioso.

BERNARDO, como fallando comsigo

Vejo que fiz asneira!

LUIZ

Em quê?

BERNARDO

Em o não ter obrigado a sair pela janella.

O panno cae.

ACTO SEGUNDO

Sallão elegantemente mobilado. — Portas ateraes e janellas ao fundo.

SCENA I

JOAQUINA e JOÃO

JOÃO

Ah! Joaquininha, que paixão!

JOAQUINA, rindo

Quem te ensinou a dizer isso?

JOÃO, rindo parvamente

Foi elle.

JOAQUINA

Quem?

JOÃO

Ai! o amor.

JOAQUINA

Forte parvo!

JOÃO

Dize o que te parecer; eu quero-te mais

do que o pombinho quer á pomba e o gato á codorniz.

JOAQUINA

Que apontoado de asneiras!

JOÃO

Não vez que ando atraz de ti, rasteiro como um sevandija, beijando o chão por onde passam as fimbrias dos teus vestidos?

JOAQUINA

Que delambido! Não é assim que se apanham noivas, meu rico; enganas-te, se cuidas que por decorar esses palavrões, que ouves ao senhor conde, deixas de ser um grande estupido?

JOÃO, dramatico

Pois bem, Joaquina! se eu arranjar trezentos mil réis?...

JOAQUINA, fingindo grande desdem

Nem assim!... mas sempre quero saber aonde os has de ir buscar?...

JOÃO

Espero ganhal-os.

JOAQUINA, com despreso

Ah! ainda tens de os ganhar?!

JOÃO

Em meia hora, se quizer... Não os tenho já na mão, porque o serviço, que deve produzil-os, tem suas durezas.

JOAQUINA

Póde saber-se que negocio é esse, que rende tanto dinheiro em tão pouco tempo?

JOÃO

O negocio não é bom... porém, o ganho é certo. Se tu me promettes casar comigo, fecho os olhos e dou-lhe a matar.

JOAQUINA, assustada

Em quem?

JOÃO, áparte

Ai! que badalei!

JOAQUINA

Responde.

JOÃO

Não posso fallar.

JOAQUINA, com despeito

Ah! não póde? Pois prohibo-lhe, que me torne a dirigir a palavra, ouviu? Senão, peço á senhora que o ponha na rua.

Fingindo que vae sair.

JOÃO, detendo-a

Oh! Joaquina, Joaquina dos meus peccados! trata-se de um segredo do senhor conde...

JOAQUINA

Que me importa? (Fingindo que chora.) E diz que me tem amor! Guarda os teus segredos, monstro.

JOÃO, embasbacado

Tu choras? Quererás por ventura que eu chore tambem?!

JOAQUINA, com um grande suspiro

Ingrato!

JOÃO

Anda cá, Joaquina; tu estás-me lembrando um romance, que me emprestou o Manuel da loja de bebidas, quando estivemos em

Cintra. Diz a tal historia, que as lagrimas da mulher são como as do crocodilo... e eu vou acreditando, porque as tuas podem-me render uma carga de pau, com que me leve o díabo!

JOAQUINA

Vejam o mostrengo, que quer que lhe tenham amor, e não se atreve a arriscar por mim as suas miseraveis costellas! E deixa-me chorar! (Batendo com o pé no chão.) Tu deixas-me chorar, mariola?!

JOÃO, caindo de joelhos

Não chores, orgulho da minha alma! Visto exigires, que eu leve uma sóva, para te provar a minha ternura, ouve: O senhor conde prometteu-me trezentos mil réis, se eu derrear um pobre moço, com quem elle teve seus dares e tomares.

JOAQUINA, limpando os olhos

Quem é esse sugeito?

JOÃO, levantando-se

É aquelle que nós atropellámos á porta de S. Carlos.

JOAQUINA

O senhor Luiz Pinheiro?

JOÃO

O mesmo; parece que elle tem a mão leve, e que deu uma bofetada em meu amo.

JOAQUINA, com grande curiosidade

Quando? Aonde? Como foi isso?

JOÃO

Não sei.

JOAQUINA, áparte

É necessario prevenir a menina.

JOÃO

Eu tenho pena do rapaz; já o vi a geito, mas ainda está tão fraco!...

JOAQUINA, solemnemente

Se lhe tocas, n'um só cabello que seja, juro, por tudo quanto ha sagrado, que nunca serei tua mulher! Promette-me já, que não lhe has de fazer mal!

JOÃO

E as ordens do senhor conde?

JOAQUINA

Ó grandissimo velhaco! é comigo ou é com o senhor conde que tu desejas casar? Não me querias enganar a mim? pois engana-o a elle, seja como fôr! (Áparte.) Vou já dizel-o á senhora.

JOÃO

Sempre me obrigas a coisas! E os trezentos mil réis, que nos faziam tanto arranjo, para nos estabelecermos.

JOAQUINA, batendo-lhe no hombro, com meiguice

Toma bem sentido no que te digo! antes te quero pobre e simplorio do que rico e patife. Tu és um parvalhão, mas tens bom coração; não mudes e talvez que eu arranje por outro lado os trezentos mil réis, fazendo bem em logar de fazer mal.

JOÃO

Tu?! Se tal visse, benzia-me.

JOAQUINA

Deixa correr o tempo; quem viver, verá.

JOÃO

E não me dizes como has de arranjar esse dinheiro?

JOAQUINA

Não; os homens afirmam, que segredo em bocca de mulher... não é segredo! pois hei de fazer mentir o rifão, ao menos uma vez! Ahi vem o senhor conde. Cala o bico!

Sae.

SCENA II

CONDE e JOÃO

CONDE, com desconfiança

Temos segredinhos?

JOÃO, atrapalhado

Não senhor... é que eu preparo-me...

CONDE

Para quê?

JOÃO

Ando a experimentar se ella estará pelos autos...

CONDE

Estás zombando comigo?

JOÃO, coçando na cabeça

V. ex.ª não percebe? Quero casar com a Joaquina... e, como v. ex.ª tambem se casa, se me désse licença... para eu aproveitar a sua boda?...

CONDE

É uma idéia feliz! Casavas tambem n'esse dia, banqueteavas os teus amigos, e eu pagava?... Tudo póde ser. (Em voz baixa.) Arranjou-se aquelle negocio?

JOÃO

O nosso homem ainda não appareceu.

CONDE

Fracalhão! Apósto que tens medo d'elle?

JOÃO

Eu não, senhor; mas...

CONDE

Se não te desempenhares bem, da commissão que te dei, não me apanhas mais nem um vintem, não casas com a Joaquina, e terás a consolação de eu te quebrar as costellas. Entendes?

JOÃO

Entendo, sim senhor. (Aparte.) E esta?!

CONDE

Retira-te.

JOÃO, áparte

Como elle está hoje!

Sae.

SCENA III

CONDE, só, passeando

Este asno tem medo! E já lá vae um mez!... Vou arranjar outro, que seja mais resoluto. Ah! senhor Pinheiro, senhor folhetinista das duzias! esperava, talvez, que eu o mandasse desafiar? Que me sugeitasse á sorte das armas, depois de ter levado a sua bofetada?! Eu lhe mostrarei como os homens da minha qualidade pagam os ultrajes que recebem!

SCENA IV

CONDE, LUIZ, JOÃO

JOÃO, annunciando

O senhor Luiz Pinheiro.

Sae.

CONDE, com espanto

Aqui?!

SCENA V

CONDE e LUIZ

LUIZ, cumprimentando-o

Senhor conde... estimo bastante encontral-o só.

CONDE, indo para sair

Desculpe; tenho que fazer.

LUIZ, tomando-lhe a porta

Esperei até hoje, que v. ex.ª mandasse pedir-me satisfação do insulto que lhe fiz; como não me appareceu ninguem, penso que v. ex.ª quiz ter a generosidade de esperar pelo restabelecimento da minha saude? Venho, pois, agradecer-lhe essa delicadeza e prevenil-o de que já estou bom e ás suas ordens.

CONDE

Para quê?

LUIZ

Essa pergunta?! da parte de um cavalheiro!...

CONDE

Diga o que me quer?

LUIZ

Quero poder pensar, que v. ex.ª não junta a covardia á insolencia.

CONDE, desdenhosamente, e querendo sair

Pense o que quizer; não me bato com o senhor Luiz.

LUIZ

Talvez por que se considera superior a mim?

CONDE, aproveitando-lhe a idéia

Talvez.

LUIZ, friamente

Tem razão; e nada fica tão bem a um covarde como a fidalguia comprada.

CONDE, colerico

Saia immediatamente, se não quer que eu o mande pôr fóra a chicote por um dos meus lacaios.

LUIZ, sentando-se, tranquillamente

Seria um novo rasgo do seu caracter.

Aconselho-o, porém, afim de que ninguem se engane com esse trajo de cavalheiro, que vá tambem vestir uma libré, para estar perfeitamente de accordo com a sua nobreza. Não lhe atiro com a minha luva para não a sujar no seu rosto; mas considere-se esbofeteado por mim, de cada vez que se encontrar comigo.

CONDE, avançando para elle

O senhor insulta-me em minha casa?!

SCENA VI

CONDE, LUIZ, DOUTOR

DOUTOR, entrando

Que é isso?

LUIZ, erguendo-se

Ah! (Cumprimentando o doutor.) Venho visitar a v. ex.ª

CONDE

Não é nada.

LUIZ

Estavamos discutindo sobre litteratura.

CONDE

É verdade... e sobre politica.

LUIZ

Eu affirmava, que foi Balzac o homem que melhor conheceu a sociedade e o coração humano; o senhor conde preferia fallar em politica e sustentava que Napoleão fôra maior que Alexandre.

DOUTOR

O conde diz sempre mal de Bonaparte!

LUIZ

Fui eu que me enganei; o senhor conde pretendia provar, que Alexandre e Cesar tinham sido muito maiores capitães que Napoleão.

DOUTOR, ao conde

É a primeira vez que te sei lido nas historias!

CONDE

Era uma conversa insignificante; não vale a pena recordal-a.

DOUTOR, áparte

Querem enganar-me! (A Luiz.) Sinto um grande prazer em vêl-o inteiramente restabelecido e aqui. Acredite, que lhe agradeço sinceramente o favor da sua visita.

Luiz inclina-se agradecendo.

CONDE, olhando para Luiz, com intenção

Infelizmente, o senhor Pinheiro assegurou-me, que não póde demorar-se nem mais um instante; ia sair, quando o tio entrou.

LUIZ, comprehendendo-o

É verdade; subi com tenção de deixar um bilhete, que o senhor conde quiz ter a bondade de receber...

O conde faz-lhe um gesto de ameaça, que o doutor não vê

DOUTOR

Tenha paciencia; ha de jantar hoje comnosco; faça esse sacrificio, visto que o destino o condemna a ser sempre nossa victima.

LUIZ

Enche-me de reconhecimento, mas não posso acceitar.

DOUTOR

Qual não póde! Sabe acaso a alegria que vae dar a minha filha? A pobre pequena tem estado anciosa por noticias suas.

CONDE, pensativo

Ah! ella estava anciosa por noticias d'elle?!

DOUTOR

Podéra não! Quem o atropelou, não foram os nossos cavallos?

LUIZ

A senhora D. Margarida tem muita bondade!

DOUTOR

Fica?

LUIZ

Outro dia receberei essa honra; hoje não me é possivel.

CONDE, áparte

Se fosse verdade... se realmente minha prima?...

DOUTOR

Quero ao menos apresental-o á Margarida; tenha a bondade de vir comigo.

LUIZ, cumprimentando o conde

Senhor conde...

CONDE, friamente

Meu senhor...

DOUTOR, áparte

São inimigos! preciso saber a causa.

SCENA VII

CONDE, depois D. MARGARIDA

CONDE

A altiva Margarida desceria até este homem? Eu não consegui saber coisa alguma, e ha um mez que não a perco de vista... Comtudo, dizem que ella esperava anciosamente noticias!... É prudente apressar o meu casamento. A compra do meu titulo de conde e as despezas que fiz na minha viagem, arruinaram as minhas finanças. Só o titulo andou por seis contos! Estas pie-

guices cada vez custam mais dinheiro!... mas, pelo caminho que as coisas levam, ainda se hão de dar de graça, e não ha de haver quem as queira. Desgraçadamente, eu não apanhei esse tempo! Meu tio está velho e é bastante rico... logo que Margarida fôr minha mulher, poderei pagar as minhas dividas e desempenhar a minha casa com o dote d'ella...

Senta-se a reflectir.

D. MARGARIDA, *com um livro na mão, áparte*

O conde!... Que ar tão grave e austéro!

CONDE, *vendo-a*

Ah! inda bem que a encontro!

D. MARGARIDA

Porquê? procurava-me?

CONDE

É verdade.

D. MARGARIDA

Só se era com o pensamento; vejo-o tão bem sentado!

CONDE

Andam-se assim leguas... ás vezes. Porque deixou a prima de usar certo chapéo, que tinha uma bonina de que v. ex.ª gostava muito?

D. MARGARIDA, rindo

O conde leva a sua amabilidade ao ponto de prestar attenção aos chapéos de que eu uso? É muito delicado! e eu ignorava, que lhe devia taes finezas!

CONDE

A ultima vez que o usou, foi no dia seguinte áquelle em que um tal Luiz não sei quê se atravessou debaixo dos nossos cavallos.

D. MARGARIDA

Admiravel memoria! se a minha assim fosse!... (Áparte.) Para que havia de ter memoria este meu primo?!

CONDE, com vaidade

Confesso, que sou forte em datas.

D, MARGARIDA

Dou-lhe os parabens; o primo, que tão raras vezes está comigo, apesar de se dizer que somos noivos, aproveita com felicidade o tempo que passamos juntos! Hoje pertende saber o que é feito de um chapéo velho!... Realmente, lisonjeia-me! É tudo quanto lhe inspiro de terno e apaixonado?

CONDE, áparte

Não apanho nada! ella é capaz de se zangar e adeus, casamento! (Alto.) Diga-me uma coisa: (pegando-lhe na mão) a prima sente amor por mim?

D. MARGARIDA

Que pergunta!...

CONDE

Diga a verdade; ama-me?

D. MARGARIDA, rindo

O querido primo vae-se tornando insipido! (Senta-se.) Acautele-se; eu detesto a insipidez e a vulgaridade...

CONDE

A prima diz isso n'um tom, que me assusta! Bem sei que não tem querido ser amavel comigo... todavia, devendo nós viver sempre juntos... parece-me...

D. MARGARIDA

Bom! agora faz-se importuno! É preciso ter menos confiança em si e mais alguma nos outros. O primo jura, que morre de amores por mim e nunca se deu ao incommodo de me provar os seus sentimentos!... Prosiga no mesmo rumo... tambem não se me dá de ficar solteira! Ha um proverbio, que diz: — o casamento e a mortalha no céo se talha. —

CONDE, despeitado

Quem se fia em proverbios?

D. MARGARIDA

Eu.

CONDE

N'esse caso, tambem eu devo fiar-me.

D. MARGARIDA

Graças a Deus, que se torna razoavel! Gósto mais de o vêr assim.

CONDE

V. ex.ª não se oppôz nunca aos projectos e desejos da nossa familia...

D. MARGARIDA

E quem lhe disse, que me opponho agora?

CONDE, beijando-lhe a mão

Obrigado, priminha. De hoje a vinte dias é o seu anniversario; dá-me licença para eu dispôr as coisas de modo que nos cazemos n'esse dia?

D. MARGARIDA

Que pressa!... Emfim... visto que tem de ser!...

CONDE, áparte

Não me tem amor; mas, por emquanto, tambem o não tem a outro. Aproveitemos a occasião... E a flôr?... seria a mesma? estou que não era... porém, se fosse, leve o diabo tudo, menos o dinheiro, que é a verdadeira alma do homem n'esta vida!

D. MARGARIDA, recitando como quem decóra

« Os echos das soidões que lava o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo
Apprenderam teu nome. E o meigo accento
De minha branda lyra... »

CONDE, áparte

Sempre o maldito livro! Mal sabe o senhor visconde de Almeida Garrett quanto as suas pieguices poeticas me atacam os nervos! (Alto.) Até logo, priminha.

D. MARGARIDA, cumprimenta-o e continua lendo

« Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

SCENA VIII

D. MARGARIDA, só, fechando o livro

Já parecemos casados, e de muitos annos! Que boa vida me espera!... Eu podia dizer, que não me convinha ainda casar e até mesmo, que não queria casar... com o conde. Mas que desgosto para meu pae?!... e que escandalo, depois de ter sido tão fallado este casamento?! O conde casa... com

o meu dote; e eu... eu caso para dar gosto aos meus parentes! E se fôr infeliz? infeliz porquê? porque meu marido me não ama nem eu a elle? isso é vulgar. Acaso conheço algum marido, que goste de sua mulher ou alguma mulher, que goste de seu marido? nunca se viu tal ou, pelo menos, já se não vê hoje! Casa-se a gente por interesse, por curiosidade, por aborrecimento... Por amor, seria irrisorio! (Levanta-se.) É por isso que o sentimento só se encontra nos theatros e nos romances! Estou que ainda havemos de chegar a tempo de se poder viver perfeitamente sem necessidade do coração. (Apalpando o peito.) Quem sabe se eu o tenho? Não sinto nada... (Com um grito.) Ah! misero poeta! Que fazes aqui, desgraçado? Para que te metteste debaixo da carruagem de meu marido? Não sabes que vou ter um marido e que tu és pobre?! ignoras que meu pae me prometteu a outro? que não posso casar comtigo, nem pensar em ti, sem perigo de que te mandem assassinar covardemente? e sem que eu me torne uma creatura como... como tantas que conheço. Olha que o senhor

conde assalariou um lacaio para te bater!...
Cala-te! não digas que o meu noivo é um
vil... Sae! sae d'aqui! (Como querendo arrancar
do coração a imagem que alli julga ter.) Como entraste?
Foge, que pões em risco a minha
lealdade! Ah! perfido! Abusas da minha
fraqueza?! Eu tenho-te por cavalheiro e tu
não me obedeces!... Esconde-te! (Senta-se,
comprimindo o coração com as mãos.) Receio que alguem
adevinhe, que te tenho aqui!

SCENA IX

D. Margarida, Joaquina, depois
Luiz, Doutor

JOAQUINA, correndo esbaforida

Ai! tenho corrido toda a quinta em busca
da menina!... Elle ahi vem com seu pae.

D. MARGARIDA, erguendo-se

Elle?! Quem?

JOAQUINA

O senhor Luiz Pinheiro... Eil-os!

D. MARGARIDA, abrindo rapidamente o livro
e fingindo que lê; áparte

Ah! ouvir-me-hia chamal-o?

DOUTOR

Minha filha, aqui está o senhor Luiz Pinheiro, que vem pagar as visitas ao seu medico.

LUIZ, cumprimentando-a respeitosamente

E agradecer todos os favores que recebi.

D. MARGARIDA, cumprimentando-o, commovida

Dou-lhe muitos parabens pelas suas melhoras. Acha-se inteiramente restabelecido?

LUIZ, inclinando-se e apertando a mão ao doutor

Graças aos affectuosos cuidados do meu excellente doutor.

DOUTOR

Graças a Deus, meu amigo. Peço-lhe licença para ir fallar a um pobre doente, que está alli no meu gabinete; volto já. (Baixo, a D. Margarida.) Faze com que elle fique para jantar comnosco.

Sae com Joaquina.

SCENA X

D. MARGARIDA e LUIZ

LUIZ

Desculpe-me, se vim interromper a sua leitura...

D. MARGARIDA

Não se arrependa; a unica satisfação que hoje tenho tido, devo-a á sua visita.

LUIZ

Agradeço-lhe a intenção com que me diz essas palavras consoladoras; não tenho, porém, a criminosa intenção de abusar de tanta generosidade. Creio que estava lendo? continue; esperarei seu pae, olhando d'esta janella para as flôres do seu jardim.

D. MARGARIDA

Se o senhor reparasse melhor n'este livro, não se mostraria tão ingrato como está sendo... nem tão pouco amavel.

LUIZ

Ingrato, eu! Oh! não me conhece!... (Olhando para o livro.) Já o leu?

D. MARGARIDA

Leio-o sem cessar, desde que é meu.

LUIZ

E faz bem, minha senhora; livros d'esses não se fazem para se lerem uma só vez.

D. MARGARIDA

Fallemos do que lhe diz respeito, da sua saude... Deu-me tanto cuidado o estado em que o deixei!...

LUIZ

Muito agradecido; o senhor doutor teve sempre a bondade de me informar dos favores que v. ex.ª me fazia, perguntando-lhe por mim. Talvez seja mais um beneficio, que eu deva a esse livro?

D. MARGARIDA

A gratidão ordenava-me, que me lembrasse de quem m'o tinha offerecido.

LUIZ

Ah! sim... a gratidão é um nobre sentimento!... Felizes dos que se contentam com ella! Perdoe a incoherencia das minhas palavras... Sabe alguem da sua familia, que esse livro foi meu?

D. MARGARIDA

Não se lembra, que lhe pedi segredo?

LUIZ, tirando do seio a margarita

E eu guardo-o aqui, como reliquía santa!

D. MARGARIDA, áparte, levando a mão com impeto ao coração

Ah! bem te sinto! (Alto.) Para que traz isso?

LUIZ

Exige que lhe falle sériamente? (Gesto afirmativo de D. Margarida.) Porque esta flôr sêcca é o meu talisman; no dia em que a perder, cairei sem vida.

D. MARGARIDA

Chama a isso fallar sériamente?! Guarde a poesia para os seus livros, porque sei que é poeta e já vi bellos versos no meio dos seus folhetins; mas não a esperdice comigo, que sou uma triste profana!

LUIZ, guardando a flôr e exaltando-se

Não me acredita? Imagina, talvez, que eu sou dos que pertendem cobrir com o estylo a ausencia do coração?! Não sou; a minha alma é um segredo de Deus; se eu lh'a revellasse, se eu pudésse abrir-lhe este

peito, que se espedaça por falta de um echo!...

D. MARGARIDA, commovida

Jesus! não se enthusiasme assim!

LUIZ, continuando

Ai de mim! Sinto-me impellido pela dolorosa necessidade de fallar; embora me exponha á sua colera, não posso occultar-lhe, que, se vim a sua casa, não foi para mostrar-me reconhecido a seu pae ou a v. ex.ª; foi para a vêr pela ultima vez e para lhe dizer... Oh! não posso, não ouso!

D. MARGARIDA, áparte, pondo a mão sobre o coração

Eu bem dizia, que elle não havia de querer sair com a facilidade com que tinha entrado! Ai! se já será tarde para subjugal-o?!...

LUIZ, resolutamente

Obedeço ao meu destino; expulse-me, que importa?! Perdido estou eu já no seu conceito! complete, pois, o juizo que fórma de mim. (Ajoelha e pega-lhe na mão com arrebatamento.) Adoro-te, Margarida! e, se tanto fôr preciso,

perderei por ti a vida e a honra! far-me-hei assassino ou tornarei o meu nome glorioso! Sejam quaes forem os nossos destinos, amar-te-hei sempre! o meu ultimo suspiro será teu e cairei na eternidade com a tua imagem fixada no pensamento, invocando-te como anjo da minha redempção! (Erguendo-se.) Sabe tudo; não lhe peço que me perdôe, nem espero que me expulse. Adeus!

Vae para sair.

D. MARGARIDA, impetuosamente

Fique! (Contendo-se.) Fique, para me dar explicações. (Áparte.) Seria loucura engeitar a felicidade! é Deus que o quer.

LUIZ, voltando para junto d'ella e pegando-lhe outra vez na mão

Explicações?! não lhe disse que a adoro? Oh! Margarida, se alguma vez quizer accusar-me, diga, que eu fui culpado por ter coração.

D. MARGARIDA

Tambem eu o tenho! (Levando-lhe a mão ao peito.) Não o sente bater? (Com explosão.) E não te vês ahi gravado? não sabes, que tambem

tenho tentado em vão expulsar do meu peito a tua imagem?!

LUIZ, cobrindo-lhe a mão de beijos e ajoelhando-lhe aos pés

Abençoado seja o instante em que os meus olhos te viram! Deus tinha-me promettido nos meus sonhos esta felicidade!...

CONDE, dentro

Ó João?

LUIZ e D. MARGARIDA

Ah!

Luiz levanta-se.

SCENA XI

D. MARGARIDA, LUIZ, CONDE, DOUTOR

CONDE, áparte

Estão juntos!...

DOUTOR, a D. Margarida

Foste mais feliz do que eu? Alcançaste do senhor Pinheiro o favor de passar o dia comnosco?

D. MARGARIDA, perturbada

Creio que... sim, meu pae.

LUIZ, áparte

Tinha de ser; não a desmentirei.

DOUTOR

Dou-te os parabens. (A Luiz.) E agradeço-lhe immenso a fineza que nos faz.

CONDE, com despeito, a Luiz

Ah! o senhor mudou de parecer?...

LUIZ

Obrigaram-me a mudar.

DOUTOR

Mandei recado da sua parte, a casa de v. s.ª, para que não o esperassem; contava com a eloquencia de minha filha e com a sua bondade, por isso me antecipei.

SCENA XII

DOUTOR, D. MARGARIDA, LUIZ, CONDE, JOAQUINA

JOAQUINA

Está o jantar na mesa.

CONDE, áparte, furioso

Elle fica? Sairei eu!

Sae, sem que o vejam.

DOUTOR

Vamos jantar.

LUIZ, offerecendo o braço a D. Margarida

V. ex.ª faz-me a honra de acceitar o meu braço?

D. MARGARIDA, baixo, a Luiz, tomando-lhe o braço

Fez mal em acceitar.

LUIZ

Não tive animo para desmentil-a.

DOUTOR

Onde está meu sobrinho?

JOAQUINA

Foi para a livraria.

SCENA XIII

JOAQUINA, só, vendo sair Luiz com D. Margarida

Isto caminha, que é uma consolação!... O diacho do tal senhor Luiz Pinheiro, parece-

me que tem habilidade?!... Como elle viu longe, quando se atirou para diante dos cavallos!... Naturalmente pensou lá comsigo: —Ella é rica e bonita, mas o seu futuro marido é um velhaco, incapaz de lhe ter amor ou de o saber inspirar; se eu morrer, com a tolice que vou fazer, deixarei saudades e não precisarei de coisa nenhuma; se não morrer, a Margaridinha conhecerá, que eu ia sendo morto só para ter o gosto de lhe vêr ainda uma vez os seus lindos olhos... e é meio caminho andado!—Maganão! quando tu souberes que eu te livrei de uma sova e que todos os dias atiro o teu nome ao coração de minha ama, como quem atira apáras ao lume, quero vêr se me não dás os trezentos mil réis, que o João ia ganhar, moendo-te! O ponto é que te cases e não estragues, com alguma asneira, o bem que eu te procuro sem tu o saberes... Pobre rapaz! não te faço isto pelo meu dote... é porque a mocidade sempre me inspirou interesse! Eu já ha dias que leio nos olhos da minha ama, que não se lhe daria de fazer uma troca... e mau é as mulheres quererem!...

SCENA XIV

CONDE e JOAQUINA

CONDE

Se perguntarem por mim, dize que fui para Cintra.

JOAQUINA

Para Cintra?! V. ex.ª não janta?

CONDE

Não; é possivel que ninguem dê pela minha falta... (como fallando comsigo) O outro absorve todas as attenções!... (A Joaquina.) Se me não procurarem, não digas nada.

JOAQUINA, áparte

Está furioso de despeito!

CONDE, passeando, agitado e áparte

Quem se ha de lembrar agora do sobrinho ou do primo?! Até o miseravel, será capaz de zombar de mim!... e, se fallar, se disser o que se passou entre nós, será ainda mais querido, proclamando-se generoso e valente!...

JOAQUINA, áparte

Não me tinha lembrado, que isto póde acabar mal!

CONDE, ponderando, áparte

Comtudo, eu sou conde! um titulo é sempre agradavel ás mulheres... e ella antes quererá chamar-se condessa de Pereiró do que Margarida Pinheiro. Mulher que não é vaidosa, é porque não tem de que o ser! Vamos para Cintra; elles mandarão procurar-me.

Sae.

JOAQUINA

D'alli a cão damnado, pouco vae! Que estaria elle a resmungar tanto tempo? Foge para Cintra, arrufado, por causa das festas que se fazem ao outro! (Rindo.) Infeliz namorado! namorado? Ai! que tolice! é coisa que nunca foi! Se eu pudésse saber o que se passou entre elles!... Desconfio, que a menina já sabe e não me disse nada! trabalhando eu para ella com tanto zêlo, é mal feito! Talvez, que escutando alguma conversa?... Oh! senhora Joaquina!... olhe que isso é

feio! Não é bonito, não; mas... sem espreitar, não posso ser util ao pobre Luiz, que eu estimo deveras!... Coitado! bem lhe basta não ser rico! Conspiro por seu interesse... para que o seja... É tão sympathico! merece ter muito de seu!... e eu sei, que trabalho tambem para minha ama... Alli, d'aquelle gabinete... (Indo para a esquerda.) Nada! antes n'este, que é da menina (Indo para a direita.) Vem gente!

Entra para o gabinete.

SCENA XV

JOÃO e JOAQUINA

JOÃO, senta-se com as costas voltadas para o gabinete onde está Joaquina; a scena vae escurecendo

Bem diz a Joaquina, que eu que sou um asno... ás vezes. O senhor conde partiu para Cintra a galope, em vez de ir jantar, e recommendou-me que lhe fosse dar parte do que se passasse por cá! — Mas, senhor conde, eu não sei o que se ha de passar! — Toma, patife, para te fazeres esperto! — E zás! zás! uma chicotada em mim, outra no cavallo, e elle ahi vae!

JOAQUINA, espreitando

Estão fallando, mas não entendo nada!

Faz bulha com a porta, João levanta-se, e ella fecha-a de repente

JOÃO, olhando para a porta do gabinete, assustado

Estará alli alguem?... Parece-me que estou com mêdo?! Eu sou homem para outro homem, comtanto que elle esteja vivo!... N'aquelle quarto morreu o pae do senhor conde... (Indo a sair pelo fundo.) Ahi vem mais gente... Se me apanham na salla, tenho que ouvir!

Corre para o gabinete do lado opposto áquelle em que está Joaquina

SCENA XVI

JOÃO, no gabinete da esquerda, JOAQUINA, no da direita, depois DOUTOR

JOAQUINA, espreitando

Já sairiam?...

JOÃO, o mesmo

Não vejo ninguem!

JOAQUINA

Quem seria?

JOÃO

Talvez me enganasse?...

JOAQUINA

Vou buscar luz.

Abre a porta.

JOÃO, vendo abrir a porta

Aquella porta abriu-se!

Fecha-se no gabinete.

JOAQUINA, fechando-se

Aquella porta fechou-se!

DOUTOR, entrando

Tambem aqui não está! Dar-se-ha caso que andem n'isto ciumes? Tão depressa!... não é possivel. Porque disputariam elles? Preciso interrogar Margarida e ha de ser já. Evitemos semsaborias... se ainda fôr tempo. Sair á hora de jantar e sem dizer nada!... Mau, mau! Sae.

SCENA XVII

JOAQUINA e JOÃO

JOÃO, espreitando

Estou a tremer! Ouve-se fallar e não se vê gente!... Se fôsse a alma do que Deus

tem, que andasse por ahi a penar?!... Eu entendi dizer: (atterrado) « Uma oração, que estou no inferno, por causa do mau azeite que vendi ao povo, para que meu filho fosse conde! » Ai! ai! (Olhando para a porta do lado opposto.) Elle morreu alli!... Já se não vê nada!... A porta estará fechada ou aberta? Nunca entrei ás escuras n'esta salla...

JOAQUINA, espreitando, do outro lado

Pareceu-me a voz do senhor doutor; andam em busca do outro.

JOÃO, o mesmo

Estou capaz de sair a correr?...

JOAQUINA, dirigindo-se para o fundo nos bicos dos pés

Vou buscar luz e sondar se a Margaridinha saberá mais do que eu.

JOÃO, benzendo-se

Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo!

Parte a correr, dá um encontrão em Joaquina e cae.

JOAQUINA, fugindo

Jesus!

Sae.

JOÃO, deitado no chão

Ai! ai! Quem me accode?! Prometto resar cem padre nossos...

SCENA XVIII

DOUTOR, D. MARGARIDA, LUIZ, JOÃO, depois JOAQUINA, com luzes

DOUTOR

Tragam luzes! luzes, depressa!

JOÃO, deitado

Ai! ai!

JOAQUINA

Aqui está luz, senhor.

D. MARGARIDA

É o João!

DOUTOR, levantando-o

Que tens? Que foi? Deixa vêr o pulso. Que te succedeu? Foi coisa na cabeça? Não tens ar de apopletico!

Toma-lhe o pulso.

JOÃO, olhando espantado para todos

Vi-o!... alli!... pedindo orações por sua alma!

TODOS

Quem?

JOÃO

Elle.

DOUTOR

Endoideceu! O pulso parece um cavallo a galope!

JOÃO

Juro-lhe, que o vi, senhor doutor! tal e qual como estou vendo a Joaquina!...

D. MARGARIDA

Socega... quem foi que viste?

JOÃO

A alma do pae do senhor conde, embrulhada n'um lençol e com um ódre de azeite ás costas.

DOUTOR

Parece-me que o sangro?...

LUIZ

Pobre moço!

JOÃO, recuando com medo do doutor

Sangrar-me?! Eu estou em meu juizo... e ainda me lembro do tempo em que o pae

de meu amo foi tendeiro!... Quando elle morreu, rosnava-se, que ganhára o dinheiro com usuras e que havia de cá tornar, para fazer restituições... Veio agora! e deu-me um empurrão formidavel!...

JOAQUINA, dando uma gargalhada

Que toleirão! Fui eu que o empurrei.

D. MARGARIDA

Tu?!

JOAQUINA

Sim, senhora; vinha aqui procurar o senhor conde; o João saía a correr, esbarrou comigo e caiu a gritar!

DOUTOR

Pedaço d'asno!

JOÃO, corrido de vergonha

Eu apósto em como não era a Joaquina! Vi uma figura tão comprida!...

DOUTOR

Fóra d'aqui, poltrão! Assustar assim a gente!

JOÃO, saindo, áparte

Digam o que quizerem; ninguem me tira da cabeça, que foi a alma do azeiteiro!

SCENA XIX

DOUTOR, D. MARGARIDA, LUIZ, JOAQUINA

DOUTOR, a D. Margarida

Teu primo não apparece!

JOAQUINA

O senhor conde foi para Cintra.

D. MARGARIDA

Para Cintra?!

DOUTOR

A estas horas?! E sem nos dizer adeus!...

LUIZ, áparte

Saiu por eu ter ficado! (Alto.) Senhor doutor, minha senhora, se me concedem licença?...

DOUTOR

Ainda não acabámos de jantar!... (Áparte.) Estão desafiados! (Alto.) Depois, sairemos jun-

tos; vieram agora chamar-me para eu ir vêr um doente na sua visinhança.

D. MARGARIDA

Voltemos para a mesa.

DOUTOR

Espera um momento, Margarida; se o nosso hospede permitte, quero dar-te um recado de tua tia, que de todo me tinha esquecido, e é urgentissimo que lhe respondas já.

LUIZ, affastando-se

Pois não?!

DOUTOR

Joaquina, allumia e acompanha o senhor Pinheiro á minha livraria. Não lhe peço senão cinco minutos.

D. MARGARIDA, ápart

Temos explicações!

JOAQUINA, idem

Agora é que são ellas! Quem me dera ouvir!

LUIZ, entrando no gabinete, áparte

O meu papel torna-se desagradavel!

SCENA XX

D. Margarida e Doutor

DOUTOR, senta-se, depois de chegar outra cadeira para ao pé de si e fazer sentar n'ella D. Margarida

Anda cá, filha; senta-te e explica-me, se pódes, este não sei quê tão sensivel, que anda aqui entre nós e que perturba o nosso socêgo.

D. MARGARIDA

Eu não sei fingir, meu querido pae; comprehendo perfeitamente o sentido das suas palavras e responderei sinceramente a tudo que me perguntar.

DOUTOR

Sei que és boa filha e que nunca déste o menor desgosto a teu pae; responde-me pois clara e simplesmente: amas o conde?

D. MARGARIDA

Não senhor.

DOUTOR

E casavas com elle?

D. MARGARIDA

Costumei-me desde a infancia a ouvir dizer, que tal era a vontade de meu pae.

DOUTOR

Vontade, não; desejava-o, se podesse ser sem sacrificio teu.

D. MARGARIDA

E eu obedecia-lhe, como era meu dever.

DOUTOR

Ainda casarías hoje com teu primo, sem grande repugnancia?

D. MARGARIDA

Já não.

DOUTOR

Ha quanto tempo mudaste de resolução?

D. MARGARIDA

Haverá um mez, pouco mais ou menos.

DOUTOR

Para se mudar de opinião é preciso haver um motivo forte e honesto, que res-

ponda por nós aos que, ignorando-o, possam accusar-nos de leviandade.

D. MARGARIDA

Tambem assim penso, meu pae; e creio que tive esse motivo.

DOUTOR

Folgarei, que te justifiques dignamente. Nunca tive idéia de violentar-te e até julguei, que seria do teu agrado um titulo de condessa?... Crês, que o teu casamento com o conde te faria infeliz.

D. MARGARIDA, depois de reflectir

Estou convencida d'isso.

DOUTOR

Se, comtudo, as conveniencias de familia, e a nossa palavra, dada a teu primo, exigirem de ti esse sacrificio, que tencionas fazer?

D. MARGARIDA

Tudo quanto fôr do agrado de meu pae.

DOUTOR, estendendo-lhe a mão sobre a fronte

Deus te abençôe, minha filha! (Pegando-lhe

na mão.) Estás livre; eu nunca dei a minha palavra ao conde. Tu sympathisas com Luiz Pinheiro?

D. MARGARIDA, lançando-lhe os braços ao pescoço

Meu querido pae!...

DOUTOR

É verdade?

D. MARGARIDA

Não sei como isto foi!...

DOUTOR

Nunca se percebe bem como acontecem essas coisas, filha! E elle sabe?

D. MARGARIDA

Sabe; é um nobre coração!... e as suas lagrimas enterneceram-me.

DOUTOR

Ah! elle chorou?! As lagrimas, quando não se abusa d'ellas, são um grande argumento para as mulheres! (Levanta-se.) Emfim, veremos como ha de ser isto. O conde saiu furioso, e, apesar de te não amar tanto como Luiz, ha de custar-lhe que o desprezes...

SCENA XXI

DOUTOR, D. MARGARIDA, JOÃO, JOAQUINA

JOAQUINA, muito apressada, seguida de João

Ai! senhor doutor, que desgraça!

DOUTOR

Que é? Vossês não fazem senão assustar-me!

JOÃO

O senhor conde caiu do cavallo e quebrou a cabeça.

DOUTOR, atterrado

Que fatalidade! Onde está elle? Dize depressa!

JOÃO

Vieram trazel-o n'este instante e já o mettemos na cama; perdeu a falla e, se v. ex.ª não accode...

D. MARGARIDA, senta-se, cobrindo o rosto com as mãos

Oh! meu Deus!... Seria eu a causa?!

DOUTOR, chamando á porta do quarto por onde Luiz entrou

Senhor Luiz Pinheiro?! Senhor Pinheiro?

Venha... (Luiz apparece e olha com espanto para todos pelos ver consternados.) Acabam de me trazer meu sobrinho quasi moribundo! Fique com Margarida.

Sae com Joaquina e João.

SCENA XXII

D. MARGARIDA e LUIZ

LUIZ, ouvindo dizer que o conde está moribundo, faz um gesto de alegria, mas contendo-se logo, cae sentado n'uma cadeira e chora

Tómo a Deus por testemunha de que o lastimo sinceramente! e farei todos os sacrificios, que me impozerem, para que elle viva!

D. MARGARIDA, ternamente

É bello e generoso isso que está dizendo, Luiz! Eu faço, pela minha parte, egual voto, afim de que sejamos mais dignos um do outro.

SCENA XXIII

LUIZ, D. MARGARIDA, DOUTOR

DOUTOR, solemne e tristemente

Consumatum est!

D. MARGARIDA, com um grito doloroso

Ah!

Desata em choro.

LUIZ, erguendo-se

Que diz, senhor?!

DOUTOR, esforçando-se por conter as lagrimas

Tinha expirado, quando eu cheguei!

D. MARGARIDA, ajoelhando

Perdoae-me, oh! Deus de misericordia, se fui eu que o matei!

LUIZ, ajoelhando ao pé d'ella

Oremos... para podermos ser perdoados.

DOUTOR, cruzando as mãos com um gesto doloroso e contemplando os dois

É bem certo, que o casamento e a mortalha no céo se talha!

O panno cae.

INDICE